



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROFLETRAS-MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



IZABELLA DA CONCEIÇÃO ARAÚJO

**CONTO DE DETETIVE: ESTRATÉGIAS PARA TRABALHAR O CONFLITO NA
NARRATIVA**

São Cristovão – SE
2020

IZABELLA DA CONCEIÇÃO ARAÚJO

**CONTO DE DETETIVE: ESTRATÉGIAS PARA TRABALHAR O CONFLITO NA
NARRATIVA**

Relatório de pesquisa apresentado ao curso de
Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS –
da Universidade Federal de Sergipe, Campus São
Cristóvão, como requisito para a obtenção do título
de mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Roiphe Bruno

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

São Cristóvão – SE
2020

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

A663c Araújo, Izabella da Conceição
 Conto de detetive : estratégias para trabalhar o conflito na narrativa /
 Izabella da Conceição Araújo ; orientador Alberto Roiphe Bruno.– São
 Cristóvão, SE, 2020.
 153 f. : il.

 Relatório (mestrado profissional em Letras) – Universidade Federal
 de Sergipe, 2020.

 1. Leitura. 2. Conto. 3. Análise do discurso narrativo. 4. Jogos no
 ensino de língua portuguesa. I. Bruno, Alberto Roiphe, orient. II. Título.

CDU 808



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA-POSGRAP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM LETRAS PROFLETRAS/SC



ATA DE DEFESA DA COMISSÃO JULGADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA PELA ESTUDANTE IZABELLA DA CONCEIÇÃO ARAÚJO PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE – PROFLETRAS. Aos vinte e sete dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, às quatorze horas, na Sala 16 do Centro de Educação a Distância da Universidade Federal de Sergipe, reuniu-se a Comissão Julgadora da Dissertação de Mestrado de IZABELLA DA CONCEIÇÃO ARAÚJO, composta pelos professores doutores: ALBERTO ROIPHE BRUNO (Presidente da Banca), TAYSA MÉRCIA DOS SANTOS SOUZA DAMACENO (membro interno) e MARCUS VINÍCIUS MATIAS (membro externo ao programa) para examinar o trabalho apresentado sob o título **CONTO DE DETETIVE: ESTRATÉGIAS PARA TRABALHAR O CONFLITO NA NARRATIVA**. O orientador, assumindo os trabalhos na qualidade de Presidente da Comissão, passou a palavra à candidata, informando a todos o tempo limite de 20 minutos para a apresentação inicial. Terminada a exposição da mestranda, o Presidente passou a palavra a cada um dos membros da Comissão Julgadora, informando que o tempo previsto para a arguição era de trinta minutos. Após a arguição, a comissão deliberou sobre o resultado da avaliação do trabalho. Em relação ao título de “Mestre Profissional em Letras”, a mestranda foi considerada:

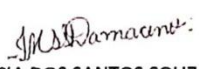
- (X) APROVADA
() APROVADA COM RESTRIÇÃO
() REPROVADA

Parecer:

O trabalho atende às exigências do ProfLetras e traz um produto pedagógico replicável, eficaz para a formação de leitores na perspectiva dos letramentos literários.

Para constar, eu, Luana Francisca da Silva Fraga (secretária), lavrei a presente ata, que será lida, aprovada e assinada pelos Membros da Comissão Julgadora. Cidade Universitária “Prof. José Aloísio de Campos”, 27 de fevereiro de 2020.


ALBERTO ROIPHE BRUNO
PRESIDENTE


TAYSA MÉRCIA DOS SANTOS SOUZA DAMACENO
EXAMINADORA INTERNA


MARCUS VINÍCIUS MATIAS
EXAMINADOR EXTERNO

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de força e fé nos momentos mais difíceis.

A minha avó, Josefa da Conceição (*in memoriam*), mulher guerreira, carinhosa, de fé inabalável, que sempre lutou para dar o melhor aos seus filhos e netos.

A minha mãe, Maria Sônia da Conceição, que me ensinou a ser livre, independente e autônoma, em meio a um mundo de tantas desigualdades e injustiças. Sem dúvida, minha maior fonte de inspiração, pela pessoa ímpar que é, dona de um coração repleto de amor e solidariedade, e pela profissional da educação incrível, que sempre acreditou que o conhecimento é a saída para a transformação social.

A Khwesten Heiner, amor, parceiro, amigo e companheiro em todos os momentos. Obrigada por toda a dedicação, pelas “seguradas de barra” nas situações mais difíceis, pela motivação e por sempre acreditar em mim... E em nós. Amo você!

Aos familiares: tia Quitéria, tio Zezé, Regina, Alan, Eduarda, Fernando e a todos da família Carvalho pelos ensinamentos, amor e carinho ao longo desses anos.

À família postiça, amigos de uma vida inteira.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Alberto Roiphe, pela dedicação e pelos ensinamentos ao longo desses dois anos.

Aos companheiros de curso, em especial Erisvaldo e Roberta, pela amizade e apoio ao longo desses anos de duras batalhas.

Ao prof. Dr. Marcus Vinicius Matias, pelas valiosas contribuições teóricas.

À equipe docente do Profletras da Universidade Federal de Sergipe, por todo conhecimento repassado, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo importante fomento à educação.

RESUMO

O conflito gerador do enredo é um elemento essencial para a construção de uma narrativa literária, sendo aludido não só na Matriz de Referência de Língua Portuguesa do Saeb, como também na *Base Nacional Comum Curricular* (2018) e no Currículo do estado de Sergipe. A habilidade de identificar o conflito desencadeador da trama e de entender sua função nas histórias poderá potencializar a capacidade de compreensão e de análise textual por parte dos alunos e impulsionar a produção de textos narrativos mais coerentes e complexos. Todavia, apesar ser um componente evidenciado nos documentos norteadores da educação para os anos iniciais, a presente pesquisa constatou que alunos dos anos finais do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Arabela Ribeiro ainda têm deficiências quanto ao entendimento desse elemento. Por isso, este trabalho tem como objetivo desenvolver uma proposta intervencionista, a partir do gênero textual Conto Detetivesco, que possa minimizar as dificuldades dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de identificarem o conflito e sua função nas narrativas. A metodologia utilizada é de caráter teórico-intervencionista, dividindo-se em: revisão teórica, proposta de intervenção e análise de resultados. A atividade intervencionista está pautada na concepção de leitura sociointeracionista de Iser (1979), que envolve o autor, o texto e o leitor, em uma atividade lúdica (HUIZINGA, 2007), que visa ativar a criatividade e aguçar a percepção dos discentes durante o processo de produção de texto, e em questões de análise linguística/semiótica e subjetiva, que exploram o conhecimento acerca dos aspectos composicionais do texto e dá vazão ao horizonte de expectativas dos estudantes. Como principal base teórica, recorre-se aos preceitos da Estética da Recepção, de Jauss (1979), e à Teoria do Efeito Estético, de Iser (1979); às considerações de leitura de Solé (1998), Leffa (1996) e Freire (1992); às concepções de Cortázar (1993), Gotlib (1990), Poe (1976) e Moisés (1974) acerca da teoria do conto; às reflexões de Todorov (2003) e Reimão (1983) sobre a literatura policial/detetivesca; e Cosson (2009), teórico que discorre sobre o letramento literário. Dessa forma, os teóricos da literatura, assim como os que discutem as concepções de leitura e o aspecto didático-pedagógico do jogo, se entrelaçam neste trabalho, para que, por um lado, seja possível construir uma proposta intervencionista que considera o conhecimento de mundo dos alunos, e, por outro, desenvolva a percepção quanto aos aspectos composicionais e temáticos do texto literário.

Palavras-chave: Conflito da narrativa. Conto de detetive. Leitura. Jogo.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Análise do conto “A faixa malhada”, de Arthur Conan Doyle.....	40
Quadro 2 – Análise do conto “O último cuba-libre”, de Marcos Rey.....	43
Quadro 3 – Etapas da Sequência Didática (SD).....	50

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Caixa e envelope utilizados na confecção do jogo.....	57
Figura 2 – Elementos inseridos na caixa de papelão.....	58
Figura 3 – Elementos inseridos na caixa de papelão.....	58
Figura 4 – Aplicação do jogo “A Caixa de Mistérios”.....	72

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1 Estado da Arte.....	15
2.2 Considerações sobre leitura.....	21
2.3 Letramento literário.....	26
2.4 Gênero textual Conto.....	28
2.5 O Conto de Detetive.....	30
2.6 O conflito nos contos de detetive.....	35
2.7 O jogo como ferramenta pedagógica.....	37
2.8 Considerações sobre os contos “Sherlock Holmes à beira da morte” e “O último cuba-libre”.....	38
2.8.1 “A faixa malhada”, de Conan Doyle.....	40
2.8.2 “O último cuba-libre”, de Marcos Rey.....	42
3. PROCESSO METODOLÓGICO.....	46
3.1 Contextualização da escola.....	46
3.2 Proposta de Intervenção.....	47
4. SEQUÊNCIA DIDÁTICA: RELATÓRIO E RESULTADOS.....	49
4.1 Relatório.....	49
4.1.1 Primeira etapa.....	52
4.1.2 Segunda etapa.....	52
4.1.3 Terceira etapa.....	53
4.1.4 Quarta etapa.....	56
4.1.5 Quinta etapa.....	59
4.1.6 Sexta etapa.....	60
4.2 Resultados.....	60
4.2.1 Sondagem.....	60
4.2.2 Atividade 1.....	63
4.2.3 Atividade 2.....	64
4.2.4 Atividade 3.....	66
4.2.5 Atividade 4.....	70
4.2.6 Atividade 5.....	72
4.2.7 Teste final.....	72

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS.....	77
APÊNDICE – Caderno Pedagógico.....	81
ANEXOS.....	121
ANEXO A – Questões utilizadas no Simulado Diagnóstico	121
ANEXO B – Resultado do Simulado Diagnóstico.....	121
ANEXO C – Produção de texto do 9º ano A.....	121
ANEXO D – Conto “A faixa malhada”, de Arthur Conan Doyle.....	134
ANEXO E – Conto “O último cuba-libre”, de Marcos Rey.....	148

1 INTRODUÇÃO

A leitura do texto literário é um ato que envolve identificação, reconhecimento, descoberta, prazer, memória e diversos outros entrelaces invisíveis que podem prender ou não o leitor até o final da obra. Dentre esses aspectos citados, a identificação do sujeito-leitor com as tessituras literárias e o despertar do prazer que envolve o processo de leitura são fatores norteadores para que haja envolvimento e uma efetiva formação do leitor literário. Então eis um dos grandes desafios do professor de Português na sala de aula: fazer com que a leitura seja frutiva, não um simples pretexto para atividades gramaticais, mas que também não deixe de ser uma ferramenta para que os alunos desenvolvam habilidades linguísticas que facilitem o processo de comunicação e de conhecimento do universo humano e sociocultural no qual estão inseridos.

Entretanto, durante as aulas no ensino básico e ao decorrer da elaboração do nosso projeto intervencionista, surgem algumas indagações: no âmbito das linguagens, qual a maior dificuldade dos meus alunos? Por que eles não conseguem atingir níveis satisfatórios nas avaliações internas, elaboradas pelo próprio professor, e externas, como Prova Brasil e Enem? Além disso, nos perguntamos como será possível melhorar os índices educacionais e promover um efetivo ensino de língua e literatura no contexto em que estamos inseridos, de sucateamento da escola e desvalorização do professor? Como nosso público-alvo, representado por estudantes de escolas públicas, que carecem não só de conhecimento, mas de afeto, comida, disciplina, acompanhamento didático-psicológico, pode ter uma educação de qualidade e transformadora em um contexto de negligenciamento de políticas educacionais? O fato é que o ponto-chave dessa discussão é que, apesar dos problemas externos, pedagógicos e de infraestrutura, a educação de qualidade é um direito básico e instrumento de transformação social, sendo o Mestrado Profissional um espaço privilegiado para a reflexão e construção de estratégias que visem minimizar problemas que dificultam a efetiva participação e ascensão de diversos estudantes no meio socioeconômico e cultural, sendo a proficiência em leitura ingrediente indispensável para ter acesso a um mundo repleto de textos multissemióticos que precisam ser compreendidos, interpretados e produzidos.

Diante desses questionamentos, o interesse em desenvolver uma pesquisa intervencionista na área de literatura, e com foco no conflito da narrativa, surgiu da análise de resultados da Avaliação Diagnóstica¹, elaborada nos moldes da Prova Brasil pela Secretaria Estadual de Educação de Sergipe (SEED), direcionada às turmas de 9º ano do Ensino

¹ Disponível em: <<http://www.seed.se.gov.br/provabrasil/>>. Acesso em: 15 jun 2018.

Fundamental (EF) do Colégio Arabela Ribeiro, localizado no município de Estância, no estado de Sergipe. Ao analisar os dados, ficou clara a dificuldade dos alunos em responder questões que contemplavam o descritor 10 (D10), inserido no tópico IV da Matriz de Referência de Língua Portuguesa². De acordo com o D10, nos anos finais do Ensino Fundamental II os estudantes deveriam conseguir **identificar o conflito e os elementos que constroem a narrativa**. Entretanto, de 37 alunos participantes na edição, apenas 12³ conseguiram assinalar a alternativa indicada como correta. Apesar do conflito e dos elementos da narrativa serem componentes de estudo indicados desde os anos iniciais do Ensino Fundamental Menor, de acordo com *Base Nacional Comum Curricular*⁴ (2018), e de ser conteúdo obrigatório para o 6º ano, segundo o *Referencial Curricular do Estado de Sergipe* (SERGIPE, 2011), nota-se que o trabalho não pontual com esse componente curricular causa um problema que se estende até os anos finais do Ensino Fundamental, ou até mesmo ao ensino superior, por isso medidas pedagógicas precisam ser tomadas para minimizar essas dificuldades. Assim, temos como objetivo principal desenvolver estratégias didáticas que possibilitem aos alunos do ensino fundamental a identificação do conflito, com base nos contos de detetive, e o entendimento acerca da sua importância para o desencadeamento das sequências narrativas.

Os contos clássicos de detetive são construídos e alicerçados na tríade crime, investigação e solução, elementos básicos que são apresentados a partir de duas histórias essenciais para o desencadeamento do enredo: a história do crime e a da investigação (TODOROV, 2003). Sendo assim, o conflito gerador estará presente na história do crime, responsável pelo desenvolvimento da segunda história, a investigativa. Além disso, os ambientes e as personagens secundários são essenciais nesse gênero, pois carregam pistas que levarão o detetive, e o próprio leitor, a solucionar o mistério. Ademais, é intrínseco ao gênero seu aspecto lúdico, fator que impulsiona a imaginação e a vontade do leitor e da leitora de desvendar o mistério tanto quanto o próprio detetive da narrativa, característica bastante positiva ao trabalhar com as histórias detetivescas na sala de aula.

² Disponível em: <<http://www.seed.se.gov.br/provabrasil/>>. Acesso em: 17 jun 2018.

³ Resultado apresentado no anexo deste trabalho.

⁴ Segundo a *Base Nacional Comum Curricular* (2018), nos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º e 2º anos) os estudantes já devem, mesmo que de maneira básica, “(EF02LP28) Reconhecer o conflito gerador de uma narrativa ficcional e sua resolução, além de palavras, expressões e frases que caracterizam personagens e ambientes.” (BRASIL, 2018, p. 111). Além disso, ainda de acordo com a BNCC, essa habilidade deve ser estendida do 3º ao 5º ano, devendo o aluno ter a capacidade de “(EF35LP29) Identificar, em narrativas, cenário, personagem central, conflito gerador, resolução e o ponto de vista com base no qual histórias são narradas, diferenciando narrativas em primeira e terceira pessoas.” (BRASIL, 2018, p.135).

Posto isto, buscamos analisar os contos escolhidos, de Arthur Conan Doyle e Marcus Rey, pesquisar sobre as peculiaridades das narrativas detetivescas clássicas, assim como sobre as estratégias de leitura mais adequadas para o público-alvo, e propor, por fim, uma atividade intervencionista que auxilie o professor a esclarecer aos alunos a função do conflito nas narrativas de maneira estratégica, levando em consideração os aspectos composicionais dos contos de detetive, e prazerosa.

Vale ressaltar que escolhemos trabalhar com leitura porque é notável a dificuldade dos alunos em compreenderem e interpretar textos literários, como comprova o resultado do Simulado Diagnóstico exposto acima, fator que carece de reflexão e de elaboração de estratégias específicas que possibilitem ao discente uma aprendizagem que não só o ajude a compreender a temática e os componentes organizacionais do gênero proposto, mas que também seja uma ponte para a sua efetiva integração com o mundo. Por isso, nesse trabalho, objetiva-se entrelaçar o conto de detetive, o ensino de leitura, a produção de texto e a prática de atividade lúdica à discussão acerca do papel desempenhado pela mulher nesse tipo de narrativa, fato que será concretizado por meio da leitura de contos que direcionem os/as estudantes a aguçarem sua percepção acerca da sociedade patriarcal em que vivem, possibilitando a eles um papel ativo de pensadores e sujeitos transformadores na sociedade. Apesar de já existirem trabalhos voltados para o ensino-aprendizagem que utilizam as narrativas detetivescas como base, por unirmos leitura, produção e reflexão sobre o meio social, e em especial sobre o papel feminino no respectivo gênero e suas reminiscências no cotidiano, pode-se dizer que nossa proposta apresenta-se como inovadora.

Ademais, o trabalho com contos tem respaldo na *Base Nacional Comum Curricular* (BRASIL, 2018), que propõe que os alunos do 9º ano do EF tenham a habilidade de

[...] ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, [...] narrativas de suspense, [...] dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores. (BRASIL, 2018, p.185)

Outro ponto norteador para o essa pesquisa foi o questionamento acerca do gênero mais adequado para trabalhar os elementos da narrativa, e em especial o conflito. Escolhemos os contos de detetive. Mas, afinal, por que contos de detetive? Por meio da experiência em

sala de aula foi perceptível que os alunos se interessavam em ler⁵ e desvendar os mistérios apresentados nas narrativas de Edgar Allan Poe, Arthur Conan Doyle, Marcos Rey, entre outros escritores. Então, ao analisar alguns contos de detetive, como “Os assassinatos da rua Morgue”, de Poe (1974), e a “A liga dos cabeça vermelhas”, de Conan Doyle (2011), os elementos da narrativa saltaram aos olhos, pois a descrição das personagens, o espaço, o conflito e as pistas dadas pelo narrador são fatores essenciais para que o leitor consiga desvendar o enigma proposto no texto.

Além disso, também propomos um trabalho final composto por uma atividade lúdica e por uma produção textual. Mas por que englobar nessa propostas todos esses eixos? Primeiramente, a leitura é um pressuposto para trabalhar os elementos da narrativa, dessa forma, torna-se indispensável para a construção da proposta interventiva. Outrossim, no convívio com os alunos e ao frequentar o pátio da escola durante o período recreativo, ficou evidente o gosto que o alunado tem pelo carteadado (baralho tradicional, Uno, Clue), então por que não criar uma estratégia para compreensão dos componentes da narrativa a partir do jogo? Acreditamos que esse seja um recurso didático de grande valia, que aguça a percepção do estudante e torna a atividade pedagógica algo mais palpável, concreto, fazendo com que o aluno tenha prazer em executar as ações propostas pelo professor e ao mesmo tempo possibilita a memorização situacional, que também é um fator importante ao trabalhar com diferentes linguagens. Por fim, por que a produção de texto? A produção textual é um método que ajuda a trabalhar o planejamento textual e suas etapas, o uso diferentes modalidades linguísticas, a imaginação e a verossimilhança literária, do mesmo modo que é uma confirmação da eficiência (ou não) da sequência didática proposta.

Assim sendo, com base nas discussões expostas, objetivamos com esse trabalho desenvolver estratégias para efetivar o entendimento dos alunos acerca do conflito da narrativa, que é um elemento norteador para a compreensão e interpretação dos Contos de Detetive, pois é ele que desencadeia toda a sequência de fatos e ações nesse gênero, bem como pretende-se transformar o processo de ensino-aprendizagem em uma atividade de deleite, de descoberta e pró-atividade, por isso utilizaremos o jogo não como pretexto, mas como ferramenta didática para alcançarmos o objetivo da nossa prática pedagógica. Por fim, propomos a produção textual (considerando as refacções necessárias) como etapa final, com o objetivo de acentuarmos a efetividade da proposta de ensino e para incentivar, como respalda

⁵ Alguns desses textos estavam inclusos no livro didático dos alunos e outros foram levados de maneira avulsa, para desenvolver atividades de leitura, compreensão e interpretação textual.

a *Base Nacional Comum Curricular* (BRASIL, 2018), o desenvolvimento da imaginação e das habilidades de escrita dos alunos.

A fins organizacionais, o presente trabalho divide-se em três partes. A primeira é a Fundamentação Teórica, na qual discorremos sobre algumas concepções de leitura, principalmente com base nas considerações de Leffa (1996), Solé (1998), Freire (1992) e dos teóricos da Estética da Recepção, Iser (1979) e Jauss (1979); ao falarmos sobre letramento e letramento literário recorremos às reflexões de Soares (1999) e Cosson (2009); ao tratarmos sobre o gênero Conto e em especial o Conto de Detetive, nos fundamentamos nos preceitos de Moisés (1974), Cortázar (1993), Todorov (2003), Reimão (1983), Poe (1976) e Gotlib (1990); acerca da concepção de jogo e do uso de atividades lúdicas em sala de aula utilizamos conceitos apresentados por Huizinga (2000) e Piaget (1990). Na segunda parte do trabalho descrevemos os processos metodológicos utilizados, para isso contextualizamos a unidade escolar na qual o projeto de intervenção será desenvolvido, assim como propomos uma sequência didática a fim de minimizar a problemática identificada nas turmas de 9ª ano do Colégio Estadual Arabela Ribeiro. Na terceira e última seção finalizamos com o cronograma de atividades acadêmicas e desenvolvimento da proposta.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Estado da Arte

As narrativas detetivescas vêm sendo objeto de análise em diferentes esferas e categorias educacionais (ensino básico, graduação e pós-graduação), principalmente por seus aspectos composicionais peculiares e por sua adesão popular. Por isso, como ponto de partida para o nosso trabalho, analisamos algumas pesquisas recentes sobre os métodos de ensino-aprendizagem com base nos gêneros textuais, em especial conto de detetive, que se ramificam a partir desse tipo de narrativa (enigma, negro, suspense).

A dissertação de mestrado de Pablo Itaboray de Carvalho (2018), produto final do Profletras direcionado a turmas do 9º ano do Ensino Fundamental, intitulada *Jogando com o policial: uma proposta de ampliação do repertório do jovem leitor*, apresenta uma interessante proposta pedagógica, que une motivação, leitura e análise textual, atividade direcionada e atividade lúdica. Para isso, ele utiliza como principal aporte teórico no campo do letramento literário Cosson (2014), Cosson e Paulino (2009) e Tereza Colomer (2007); para problematizar as concepções de leitura traz Solé (1998) e Wolfgang Iser (1996), assim

como sistematiza a literatura como um polissistema (dinâmico e intertextual) a partir de Even-Zohar (2013).

A sequência didática (SD) desenvolvida no trabalho é direcionada para as turmas de 9º ano e tem como principal objetivo introduzir os alunos na leitura do gênero policial clássico, pois, por meio de uma atividade diagnóstica, foi percebido que os estudantes nunca tinham lido um romance policial. Durante a aplicação da SD, o autor utiliza contos de Arthur Conan Doyle, assim como motiva os alunos a pensarem sobre as temáticas e os aspectos composicionais da narrativa de detetive por meio da exibição de um episódio da série *Sherlock*, denominado “Um estudo em rosa”.

A proposta de Carvalho (2018) é dividida em cinco partes: 1) exibição e análise do primeiro episódio da série *Sherlock*; 2) prática e entendimento do jogo *Scotland Yard*; 3) leitura compartilhada e protocolada do romance “Um estudo em vermelho”, de Arthur Conan Doyle; 4) leitura compartilhada dos contos “A liga dos ruivos”, “A faixa malhada”, “O mistério do vale Boscombe”, “O construtor de Norwood” e “Os três estudantes”, de Conan Doyle; 5) leitura compartilhada e protocolada do livro *O enigma de Santo Antônio de Paraibuna*, de Pablo Iraboray de Carvalho, e criação, por parte dos alunos, do jogo de tabuleiro.

Na quinta etapa os alunos além de fazerem a leitura indicada, deveriam adaptar os cinco contos lidos e construir um tabuleiro próprio, com base no do jogo *Scotland Yard*, mas substituindo a original Londres pela(s) sua(s) cidade(s). Essa foi uma ideia de grande valia, pois desenvolve nos alunos a competência sócio afetiva, que os faz refletir sobre o *locus* ao qual pertencem.

Ao finalizar as etapas, o professor concluiu que houve uma aprendizagem de estratégias, que foi perceptível a partir das respostas bem articuladas produzidas pelo alunado e pela adaptação dos contos propostos. Além disso, a exibição da série foi fator motivador, fazendo com que os estudantes quisessem continuar assistindo aos outros episódios e também se interessassem mais pelas narrativas policiais. Entretanto, apesar de unir leitura, jogo e conto policial, o nosso trabalho se diferencia do de Carvalho (2018), visto que busca sanar uma problemática específica dos alunos do 9º ano: a dificuldade em identificar o conflito e os elementos da narrativa, fator que interfere na compreensão, interpretação e produção textual. Outrossim, nota-se que, apesar das importantes contribuições do trabalho de Carvalho (2018), o autor, ao colocar lado a lado a *Scotland Yard* e as narrativas de Sherlock Holmes, há uma

incompatibilidade de métodos e interesses, visto que a polícia era motivo de chacota pelos detetives da Era de Ouro.

Outro trabalho que nos interessou foi a dissertação de mestrado, no âmbito do Profletras, de Anacyara Celly da Silva Lima (2018), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, intitulada *Formação de Leitores por meio dos Contos Policiais de Sherlock Holmes – uma proposta de eletramento literário*. A autora utilizou como principais aportes teóricos Antoine Compagnon (2009), Candido (1995), Lajolo (2000), Kleiman (1995, 2002), Soares (2003 e 2009) e Cosson (2014).

A sequência, aplicada em uma turma de 8º ano, com 28 alunos, tem como principal objetivo formar, de maneira mais eficaz, o leitor literário e desenvolver estratégias de leitura que possibilitem o entendimento do conto policial, concernente aos seus elementos essenciais e organizacionais. Para a execução da proposta, a pesquisadora selecionou como textos-base o livro *Sherlock Holmes- casos extraordinários*, que contem quatro contos: “A face amarela”, “O ritual Musgrave”, “A liga dos cabeças vermelhas” e “O diamante azul”.

A proposta intervencionista dessa dissertação baseia-se na sequência básica apresentada por Cosson (2014), formada pelas etapas de motivação, introdução, leitura e interpretação, fases cercadas por intervalos, nos quais os alunos faziam intervenções e tiravam dúvidas sobre os textos lidos. Em seu trabalho, Lima (2018) relata um momento interessante, que aconteceu durante a leitura compartilhada, em que foram perceptíveis as barreiras de leitura enfrentadas pelos alunos, que tiveram dificuldade em ler de maneira continuada e em entender os textos, por isso os estudantes propuseram à professora que a leitura fosse feita pela docente. Diante dessa solicitação e dos questionamentos expostos, houve uma negociação e a leitura foi feita parcialmente pela educadora. Tal fato abre espaço para reflexões, pois em diversos momentos nos deparamos com tais situações que, muitas vezes, não são negociadas, mas implantadas com rigor em sala de aula. De qualquer forma, o fato é que a leitura feita pelos professores, com as devidas pausas, entonação, dramaticidade, é fator primordial nas aulas de língua portuguesa, visto que esses profissionais também são espelhos para seus alunos.

Para finalizar a aplicação da sequência didática, os estudantes registraram seus depoimentos em um diário de leitura e depois compartilharam seus relatos com a turma, enfatizando o quanto gostaram das atividades e dos textos, confirmando, assim, a importância da proposta para que os alunos tivessem acesso ao gênero policial e desenvolvessem senso

crítico, assim como compreensão leitora. Ao utilizar as narrativas policiais⁶ e buscar desenvolver nos alunos o letramento literário, a dissertação de Lima (2018) se assemelha com alguns dos nossos propósitos, entretanto se afasta por não envolver atividades lúdicas nem reflexivas/práticas acerca da predominância histórica do sexo masculino na posição de investigador nas narrativas detetivescas, assim como não busca, em específico, trabalhar o conflito da narrativa a fim minimizar uma dificuldade específica da turma.

O trabalho de conclusão de curso de Cristiane Medeiros Lima (2009), que tem como título *Os contos de crime e mistério numa proposta para o ensino de oralidade em Língua e Literatura*, também nos interessou, visto que objetiva trabalhar com as narrativas de detetive numa perspectiva didático-pedagógica, e para isso propõe a leitura e análise dos contos “A faixa manchada”, de Arthur Conan Doyle, “Os assassinatos da Rua Morgue”, de Edgar Allan Poe, e “Se eu fosse Sherlock Holmes”, de Medeiros e Albuquerque.

Como documentos norteadores da educação, a autora baseia-se nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1999) e nos *Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul* (2009), tendo como principal arsenal teórico as ideias de Vygotsky (2008), que enxerga o professor como um facilitador da aprendizagem; de Neves (2004), defensora do ensino reflexivo da língua; Dolz e Schneuwly (2007), que buscam sistematizar modelos de sequência didática; e Geraldi (2003), que faz uma abordagem sobre leitura e literatura.

O objetivo principal desse trabalho é aprimorar o conhecimento dos alunos sobre o gênero escolhido e aplicar métodos que possibilitem aos estudantes o desenvolvimento da expressão oral, de maneira organizada, fluida e coerente. Além disso, a pesquisadora propõe a criação do projeto intitulado “A arte nada elementar de solucionar mistérios”, que é dividido em seis tópicos sequenciais, sem previsão de tempo/aula: 1) *Para começar a conversa*, uma espécie de motivação para começar a discussão e introdução do gênero; 2) *Preparação para a leitura*, momento em que o professor deve fazer uma explanação sobre a biografia do autor; 3) *Leitura silenciosa*, fase de leitura individual; 4) *Estudo do texto*, tópico em que o professor irá introduzir perguntas sobre o conto, “Como o criminoso obteve acesso ao quarto?”; 5) *Pensando no gênero*, parte em que o docente deverá explanar sobre o gênero conto e suas diferenças com o romance; e *Linguagem*, momento final em que os alunos deverão refletir

⁶ A narrativa está sendo classificada como policial porque a pesquisadora assume em seu trabalho essa nomenclatura, entretanto, por ter como foco os contos de Arthur Conan Doyle, em que o detetive não é institucionalizado, isto é, não está diretamente ligado ao Estado, e por ter como investigador a personagem Sherlock Holmes, que utiliza o método científico-indutivo para solucionar seus casos, cabe a reflexão acerca dessa classificação, já que seria coerente, na visão de Irwin (1996), chamá-la de História Analítica de Detetive. Entretanto, também poderia ser chamada de narrativa de enigma, de detetive, de mistério.

sobre a língua, como o tempo verbal utilizado em partes da narrativa. Ao analisarmos as fases, é perceptível que não existe um trabalho pautado em perceber os elementos diferenciais dos contos de crime e mistério, mas sim do romance e do conto, por exemplo.

Lima (2009) ainda propõe a criação de um trabalho didático final, que é um seminário em grupo sobre os contos de crime e mistério, com base nos textos lidos. Apesar de ser uma proposta válida, nota-se que a pesquisa limita-se em propor a leitura e um trabalho básico com a oralidade, que pode estar presente num suposto incentivo ao desenvolvimento do senso crítico do aluno, que poderia fazer intervenções durante a aula, e na exposição feita durante o seminário. Entretanto, por não apresentar resultados finais, já que não houve aplicabilidade, não sabemos até que ponto os estudantes desenvolveram sua capacidade de entendimento acerca do gênero (temática, aspectos composicionais e estilísticos) e sua habilidade de expressão oral.

Então, tendo em vista as ideias supracitadas, o trabalho da autora se entrelaça, mas ao mesmo tempo se distancia do nosso, que busca desenvolver nos alunos a capacidade leitora, de identificação do conflito, assim como envolvê-los em uma atividade lúdica que possibilitará dinamismo e relação com o ambiente em que os estudantes estão inseridos.

Dentre os trabalhos analisados, o artigo *Para um modelo didático do conto policial*, de Coutinho, Jorge e Tanto (2012), publicado na revista *Calidoscópio*, mostrou-se um dos mais elucidativos, pois além de fazer uma discussão sobre o ensino de gêneros textuais, visa contribuir para a formação de professores, concedendo um modelo didático com foco no conto policial. Todavia, afaste-se um pouco da nossa perspectiva, pois as subjetividades e os aprendizados que se originam em estímulos internos e na autorreflexão são minimamente considerados na proposta.

A proposta, endereçada principalmente para professores brasileiros e portugueses, embasa-se nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1998), que ressaltam a importância do trabalho com contos no Ensino Fundamental, e demarca a presença do conto policial nos programas curriculares de Portugal, desde 2011/2012, devendo estar presente nas atividades escolares do 2º, que corresponde ao 5º e 6º anos, e 3º ciclos, que vai do 7º ao 9º ano. Ressaltamos que a pesquisa vai além de mostrar um modelo didático para o trabalho com o gênero escolhido, já que também possibilita um elo entre o ensino e o funcionamento social do gênero, englobando a interação entre os aspectos temáticos, organizacionais, sociais e enunciativos do texto.

Como fundamentação, as autoras dispõem de um quadro teórico-metodológico que inclui a perspectiva interacionista sociodiscursiva, com base na arquitetura textual de Bronckart (1999), no modelo didático e nas considerações de Dolz e Schneuwly (1996, 1997, 1999), De Pietro *et al* (1996) e em Machado e Cristovão (2006), assim como em Todorov (1979), Van Dine (1994) e Docherty (1998), que fazem reflexões sobre as narrativas policiais/detetivescas.

Segundo a defesa do trabalho, o ser humano está inserido num meio cujo funcionamento é respaldado em quatro pressupostos: 1) atividades coletivas; 2) formações sociais (regras, normas, valores); 3) textos, que são manifestações constantes e múltiplas das atividades de linguagem; 4) mundos formais de conhecimento, isto é, as representações coletivas de conhecimento. Sendo assim, esses pressupostos “são adquiridos/transmitidos e (re)produzidos por meio da interação do homem com o meio que o cerca, através da *educação informal* (integração em atividades conjuntas), da *educação formal* (processos didático-pedagógicos) e das *transações sociais* (atividades quotidianas)” (BRONCKART apud COUTINHO, JORGE, TANTO, 2012, p.24, grifos dos autores). Dessa forma, a escola tem papel essencial no desenvolvimento de habilidades linguísticas do aluno, e consequentemente na construção de sujeitos críticos e transformadores do meio em que vivem, sendo o acesso e a análise da literatura um meio para construir uma sociedade mais justa, consciente e igualitária.

A proposta de didatização do gênero conto policial⁷ divide-se em três quadros de análise/investigação: 1) *Componente temático*, que corresponde à observação do **tema** e das **personagens**); 2) *Componente composicional*, que possibilitam uma reflexão sobre a **infraestrutura geral do conto** (situação inicial, complicação, peripécias, situação final e avaliação/moral, assim como o tipo de relato interativo – com narrador autodiegético, homodiegético ou heterodiegético) e as **técnicas narrativo-compositivas** (sumário e elipse, que indicam as velocidades narrativas, e/ou analepse, que é o movimento temporal retrospectivo); e o 3) *Componente enunciativo*, que proporcionará ao aluno a percepção acerca da **focalização interna**, isto é, o tipo de “voz” que conta a história.

Por meio desses componentes, que estarão numa ficha direcionada ao alunado, a proposta, se bem aplicada, poderá promover a aprendizagem do gênero conto policial, que é um conhecimento específico; o exercício da dedução e do raciocínio, que se enquadra nos

⁷As autoras utilizam a tipificação “conto policial”, mas, tendo em vista que propõem a leitura de um texto de Conan Doyle, “A tiara de berilos”, assumem que essa designação não é consensual, já que Docherty afirma que “historians on the genre various ly label it as a ‘thriller’, as a ‘detetive story’ or ‘crime novel’” (1988, p.146).

conhecimentos gerais e transversais; e competências sócio afetivas, no momento de fazer a avaliação/moral do texto, que pode despertar o senso de justiça, verdade e humanidade no ser humano.

Tendo em vista as problematizações feitas pelas autoras e o modelo didático proposto, direcionado para o conto policial, o artigo mostrou-se coerente, elucidativo, aplicável e em consonância com as práticas sociais. Todavia, se afasta um pouco da nossa perspectiva, pois visa uma aprendizagem geral sobre o gênero conto policial, já nos propomos um trabalho que busque minimizar uma dificuldade específica do nosso público-alvo⁸: a não identificação do conflito nas narrativas, problema que dificulta a compreensão e interpretação do texto. Para isso, faremos um elo entre leitura seguindo a concepção interacionista, que concebe a leitura como um processo, a partir dos contos de detetive, atividade lúdica e produção textual.

2.2 Considerações sobre leitura

O conceito de leitura vem sendo modificado ao longo das décadas, principalmente a partir do século XIX, período que impulsionou grandes transformações sociais, políticas, científicas e educacionais. Devido ao crescente acesso das pessoas às instituições de ensino e às múltiplas materialidades textuais, concepções diversas de leitura foram sendo adotadas sob diferentes perspectivas, sofrendo variação a depender do contexto sociocultural e das correntes teóricas que estavam em ascensão em cada período histórico (LAJOLO, ZILBERMAN, 1999). O ensino de leitura foi/é conduzido em sala de aula a partir de diferentes concepções: 1) a que prioriza as intenções e o pensamento do **autor**; 2) a que considera a leitura como um ato de decodificação e de percepção dos aspectos organizacionais do **texto**; 3) a que tem como foco o **leitor**, pautada na criação de hipóteses e no conhecimento de mundo; 4) a que considera a leitura um ato interacionista que envolve **autor-texto-leitor**.

Ao seguir, de maneira unilateral, a perspectiva de leitura que prioriza as intenções e o pensamento do autor de maneira espelhada e individualizada, o professor valoriza em suas atividades (orais ou escritas) as informações que estão na superfície do texto, que, por sua vez, deve ser lido a partir de uma linha de pensamento delimitada e pré-concebida pelo autor. Entretanto, essa concepção de leitura é muito limitada, pois

Ao organizarmos um enunciado com expressões do tipo “Qual a intenção do autor...”, estamos, de forma direta, focalizando apenas o autor do texto, reproduzindo, com isso, uma maneira de conceber a linguagem como própria

⁸ Alunos no 9º ano do Colégio Estadual Arabela Ribeiro, localizado em Estância, município de Sergipe.

do autor, subjetiva às suas ações, portanto, individualizada. Ler, nesse caso, significa mergulhar na intencionalidade do autor, na tentativa de vasculhar as suas mais íntimas intenções. E o papel do leitor, reduz-se apenas na tentativa de descobrir o que o autor pensou no momento em que escreveu, ou seja, o leitor perde toda sua autonomia, já que seu conhecimento de mundo é desconsiderado, assim como suas experiências, elementos que são neutralizados em função apenas e unicamente do autor (COSTA-HÜBES, 2010, p. 248-249, grifos do autor)

Já ao conceber a leitura como um processo de decodificação do texto, considerando-o como um conjunto de signos que se combinam a fim de transmitir uma mensagem para o leitor, preza-se por um ensino de leitura de caráter normativo-descritivo, de viés Estruturalista, em que não se considera os conhecimentos prévios do leitor, mas sim a conjuntura linguística (grafemas, fonemas, sinais gráficos), havendo uma “preocupação excessiva com a decodificação e com o reconhecimento da estrutura organizacional do texto, é possível inferir que ao organizarmos questões como estas, estamos sendo orientados pela concepção estruturalista da língua, de base saussuriana” (COSTA-HÜBES, 2010, p. 249). Vale salientar que a decodificação é uma etapa importante, e primária, no processo de leitura, por isso deve ser considerada como o ponto de partida para o desenvolvimento de atividades que envolvam a compreensão, a interpretação e a análise textual.

A concepção de leitura que tem como foco o leitor baseia-se na criação de hipóteses, de atribuição de sentido ao que é lido, sendo o contato com o texto fator mais importante que as intenções do autor. Então seguindo essa perspectiva, o conhecimento prévio do leitor é fator primordial e ele tem total autonomia para concordar ou discordar dos pensamentos expressos no texto. Nos livros didáticos é comum encontrar perguntas que têm como base essa concepção, como: “Você concorda ou discorda dessa ideia?”, “Qual sua opinião sobre o assunto?”. O problema dessa concepção teórica é que ela desconsidera os aspectos composicionais, assim como as intencionalidades do texto, que também são fatores relevantes no processo de produção de sentido.

Já Isabel Solé considera a leitura um processo interacionista, por isso carece da presença de um leitor ativo que “processa e examina o texto” (1988, p.22). Dessa forma, o texto só tem significado se o leitor atribuir sentido ao que está sendo apresentado, pois a leitura envolve o código, mas também a leitura de mundo de cada sujeito, assim como suas emoções, seu lugar de fala, os objetivos de leitura, entre outros.

Diante do exposto, adotamos neste trabalho uma concepção de leitura de caráter interacionista, apresentada por Solé, que se caracteriza como um processo complexo, que

envolve os aspectos multissemióticos, cognitivos e sociocognitivos. A perspectiva interacionista envolve o tripé autor-texto-leitor, sendo assim, ultrapassa o processo de decodificação, considera os aspectos organizacionais dos textos, assim como suas intencionalidades discursivas, e valoriza os conhecimentos prévios do leitor. Partindo dessa concepção, as atividades de leitura devem considerar o conhecimento de mundo, os elementos estéticos/composicionais do texto, as informações explícitas, implícitas e as intencionalidades do autor, sendo esse um processo de constante interação e diálogo entre autor, texto e leitor.

Em *A criança, o professor e a leitura* (1997), Jean Foucambert, teórico francês, discorre sobre a dificuldade em conceituar a leitura, pois, diacronicamente, ela se apresenta como uma prática polimorfa, que vai se construindo e se modificando ao decorrer do tempo. Entretanto, o autor ressalta que a atividade de leitura será sempre um jogo entre autor, texto e leitor, pois esses elementos “são intimamente interconectados em uma relação a ser concebida como um processo em andamento que produz algo que antes inexistia” (ISER, 2002, p.105) e se concretiza por meio do texto literário, que reúne o real, o fictício e o imaginário, associação que se dá por meio de uma série de seleções e combinações que torna possível a criação literária como objeto do inexistente (ISER, 2002, p. 958). Destarte, o autor desconstrói a realidade para construir o texto literário, ele seleciona fios de uma realidade que pouco a pouco vão se entrelaçando, a ponto de ser arquitetado pelo leitor ideal, chegando ao seu imaginário.

Então, nesse processo de significação, ao conceber como essencial o papel do leitor no processo de leitura, Leffa afirma que “ler é, portanto, reconhecer o mundo por meio de espelhos. Como esses espelhos oferecem imagens fragmentadas do mundo, a verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio desse mundo” (1996, p.10), o que nos faz retomar uma das máximas de Paulo Freire:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (1992, p. 11-12)

Desse modo, conceber a leitura como um simples ato de decodificação e/ou utilizá-la, restritamente, como meio para uma busca por informações, como material-base para o estudo simplificado do texto, sem levar em conta os seus aspectos estéticos e composicionais, ou como pretexto para as aulas de gramática, são propostas que diminuem ou, no mínimo, limitam as possibilidades de estudo do texto e de desenvolvimento das habilidades linguísticas e discursivas do aluno, sujeito que não chega na escola como uma página em

branco, mas dotado de um conhecimento de mundo e de leituras multissemióticas que podem cooperar com o processo de ensino-aprendizagem. A decodificação, sem dúvida, é uma etapa primordial do processo de leitura, entretanto, é preciso avançar, desenvolver nos/nas estudantes outras habilidades leitoras. Ao trabalhar com os Contos de Detetive, por exemplo, deve-se considerar que esse tipo de narrativa gira em torno de um enigma e/ou de um crime, e a criminalidade é um elemento que faz parte do cenário brasileiro, e, por conseguinte, do cotidiano dos discentes, então o estudante, no processo de leitura, traz uma série de imagens e conhecimentos que contribuem para produção de sentido do texto.

Quando falamos em processo, voltamos para a ótica de Leffa (1996), que concebe a leitura como um jogo intersemiótico entre leitor-realidade (verbal ou não) – leitor. Segundo o autor, a leitura se dá por meio de espelhos, então o que enxergamos e compreendemos depende da nossa posição como leitor, pois os ângulos são singulares para cada indivíduo, assim como suas percepções do mundo. Em suma, deve-se considerar também que:

Entre o leitor e o que ele vê através da leitura pode haver mais de um espelho. Ocorre então que aquilo que é percebido é um reflexo do reflexo da realidade. Esse parece ser principalmente o caso da leitura de uma obra literária, que pode implicar não apenas reflexos de reflexos mas verdadeiros encadeamentos de reflexos. (LEFFA, 1996, p.11)

Por meio da metáfora do espelho e da triangulação, Leffa nos mostra que a leitura do texto literário se diferencia da leitura de textos denotativos, pois a atenção do leitor quando está diante de um texto artístico precisa ser redobrada, já que ele estará diante de muitos reflexos, isto é, em meio a uma interface que engloba fragmentos da realidade e elementos miméticos criados pelo autor. Então, se essa atividade de leitura ocorre de maneira mais complexa quando se processa por meio do texto literário, é fundamental criar estratégias que desenvolvam habilidades de leitura e ações pedagógicas diferenciadas para uma melhor recepção textual.

Somado a essas concepções de leitura e retomando a ideia de recepção textual, Wolfgang Iser, um dos expoentes da Estética da Recepção, em seu texto “A Interação do Texto com o Leitor” (1979), destaca a importância de o leitor dominar alguns conhecimentos linguísticos e ter entendimento acerca das convenções literárias construídas na obra, ou seja, seus aspectos composicionais e estéticos. Isso não implica dizer que a obra terá um único direcionamento de leitura, mas que, apesar do “*horizonte de expectativa*”, ou seja, das expectativas que o leitor nutre em relação ao texto (JAUSS, 1979), ela é concebida por meio de uma forma, de uma estrutura que está a serviço do sentido. Posto isso, forma é conteúdo e

conteúdo é forma, esses dois elementos se constroem para o receptor de maneira dialética, e esse aspecto deve ser considerado nos momentos de leitura, para que o horizonte de expectativa seja preservado, mas para que exista também um trabalho voltado para os elementos composicionais do texto, afinal, o texto só existe do modo que é, do modo como se apresenta, devido a sua estrutura, que advém das escolhas do autor.

Assim como Iser, Hans Robert Jauss explora algumas variáveis no campo da leitura, concebendo o ato de compreensão e interpretação de textos literários a partir do viés interacional, do qual participa o autor (composição), texto (efeito), leitor (recepção). Jauss reitera:

A experiência estética não se inicia pela compreensão e interpretação do significado de uma obra; menos ainda, pela reconstrução da intenção de seu autor. A experiência primária de uma obra de arte realiza-se na sintonia com (*Einstellungauf*) seu efeito estético, i.e., na compreensão fruidora e na fruição compreensiva (JAUSS, 1979, p.46, grifos do autor).

Ou seja, a leitura é efetivada pela fusão de horizontes (texto e leitor), os quais são permeados por um contexto histórico, cultural e de produção. Ao pensar numa prática de leitura que leve o aluno à fruição literária, isto é, a uma leitura “que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças com a linguagem.” (BARTHES, 2013, p. 20-21), partimos da perspectiva que o professor mediador, a cada dia, a cada aula, tem uma oportunidade significativa de fazer com quem os alunos adentrem o mundo da literatura e percebam o universo multicultural que os rodeia, possibilitando, por meio da leveza e ao mesmo tempo da clareza que engendra seus propósitos pedagógicos, o aperfeiçoamento das atividades de leitura e interpretação, prática que paulatinamente pode gerar nos estudantes o gosto pela leitura, e esse gosto é um significativo caminho para a fruição literária.

A partir de todas essas concepções de leitura, e considerando que vivemos em uma sociedade capitalista, a qual muitas vezes despreza a leitura por fruição, afinal, ela não é rendosa, insistimos no propósito de que a literatura, e consequentemente a leitura, deve ser conduzida em sala de aula como um ato interacionista, que leva em consideração os conhecimentos de mundo do aluno, como uma forma de prazer, de reflexão sobre si mesmo e sobre o meio (seja ele real ou abstrato) em que estão inseridos, pois assim, talvez, seja possível construir o gosto pela literatura e formar sujeitos mais críticos e humanizados.

2.3 Letramento literário

A ideia de letramento se confundiu durante muitos anos com o conceito de alfabetização⁹. Entretanto, pode-se dizer que o ato simplificado de decodificar e/ou escrever um texto não consolida o ideal de letramento, que é complexo, pois se apresenta em diversas esferas sociais e culturais. Aqui adotamos o conceito apresentado por Magda Soares, no livro *Letramento: um tema em três gêneros* (1999), que afirma que o letramento consiste nos usos sociais e culturais da linguagem, sendo assim desenvolvida em diferentes ramificações multissemióticas. Segundo a autora:

Uma criança pode ainda não ser alfabetizada, mas pode ser letrada: uma criança que vive num contexto de letramento, que convive com livros, que ouve histórias lidas por adultos, que vê adultos lendo e escrevendo, cultiva e exerce práticas de leitura e escrita. (SOARES, 1999, p.24-25).

Isso indica que a influência familiar e escolar, assim como as interpretações do mundo que nos rodeia, são fatores determinantes para o processo de letramento, nas mais diferentes esferas, visto que o ser humano desenvolve inúmeras habilidades por meio da percepção e da imitação, que se apresenta como um ato inerente ao ser. Devido a essas múltiplas possibilidades textuais, ao pensarmos no papel da escola na sociedade, deve-se ir além do letramento unilateral, tendo em vista que os espaços multitextuais e tecnológicos em que estamos inseridos evidencia a necessidade de uma formação para multiletramentos, já que vivemos em um mundo globalizado, como defende Roxane Rojo (2012), em *Multiletramentos na escola*. Segundo a autora,

[...] trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias da comunicação e de informação ('novos letramentos'), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático - que envolva agência - de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos(2012, p. 8).

Entretanto, como enfatiza a autora, uma educação para multiletramentos não se dá de maneira unificada em toda e qualquer unidade de ensino, afinal, o público será sempre singular, fato perceptível, por exemplo, na renovação das turmas cada ano: as dificuldades dos alunos sempre serão diferentes, seja em níveis mais altos ou baixos de proficiência.

⁹ Magda Soares faz importantes considerações sobre os conceitos de alfabetização e letramento no livro **Alfabetização e letramento** (2017), publicado pela Editora Contexto. Nele, a autora discute, por um viés diacrônico, as mudanças conceituais que esses termos sofreram ao longo da história.

Como o letramento e os multiletramentos estão diretamente associados às práticas sociais e culturais, é dever da escola, desde a Educação Infantil, incentivar o cultivo pelo livro, pela leitura e pela escrita. E eis um dos grandes questionamentos dos professores de Língua Portuguesa: como desenvolver a proficiência leitora nos alunos? Como inserir a literatura em sala de aula, não como simples pretexto, mas como uma atividade que preza pelo prazer, deleite e reflexão acerca da(s) temática(s) e dos aspectos composicionais e estéticos do texto? Essas e outras perguntas surgem no cotidiano dos docentes, principalmente nos da Educação Básica, que, muitas vezes, têm a missão de despertar o gosto pela leitura. Contudo, não existe um modelo ou uma fórmula mágica que possa sanar o problema de grande parte dos estudantes brasileiros, porém existem possibilidades, estratégias, como as apresentadas por Rildo Cosson, no livro *Letramento literário: teoria e prática* (2009).

Cosson, nesta obra, faz importantes reflexões que ajudam a responder alguns dos intempestivos questionamentos dos professores de Língua Portuguesa, principalmente quando se trata de desenvolver métodos para que os estudantes alcancem o letramento literário. De acordo com o autor:

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2009, p.23)

Então o “x” da questão é exatamente “como” trabalhar a literatura em um cenário de desconstrução da carreira do professor e da instituição escolar, que se apresenta sucateada devido à falta de investimento na estrutura e na própria carreira docente. Apesar dos fatores externos e pedagógicos, deve-se considerar a literatura um direito incompressível, como já alertava Candido (2011), dessa forma, não pode ser negado. O texto ganha sentidos, seja intratextual, que proporciona o diálogo do leitor com ele mesmo, ou extratextual, o qual estabelece um movimento de correlação com a sociedade, com a História, Filosofia e até mesmo com o metafísico, intangível. Então como negar essas possibilidades interacionais e reflexivas aos alunos? Sendo assim, deve-se ensinar e estudar literatura porque ela é um direito, por meio dela dialogamos com o mais íntimo de nós mesmos, com os outros e com todos os tempos (passado, presente e futuro), logo, ela é uma prática elucidadora, ou melhor, humanizadora, fundamental para emancipação do sujeito em meio a uma sociedade controladora e excludente. Dessa forma, conclui-se que refletir sobre as concepções de

letramento, atreladas ao histórico educacional brasileiro, assim como tentar aperfeiçoar as nossas práticas pedagógicas é um ato mais que necessário para uma efetiva transformação social. E, acima de tudo, o acesso à literatura é um direito do aluno, oficializado nos documentos norteadores, como nos *Parâmetros Curriculares* (BRASIL, 1997) e na *Base Nacional Comum Curricular* (BRASIL, 2018).

2.4 Gênero textual Conto

Contar histórias é uma atividade milenar, ancestral, faz parte da cultura humana. Durante séculos, gerações e gerações tinham acesso à literatura por meio da oralidade. Famílias, amigos e vizinhos sentavam-se ao redor de uma fogueira para ouvir histórias que pouco a pouco entraram no imaginário da humanidade, como os contos de fadas, as narrativas de Trancoso, as lendas, os mitos, as narrativas folclóricas, entre muitas outras. Foi nesse contexto de contação de história que, provavelmente, surgiu o conto, gênero que, apesar de possuir aspectos composicionais que o define, é polimorfo, multifacetado, se constrói e desconstrói ao decorrer das décadas.

Para Massaud Moisés (1997, p.15), a palavra “conto” foi se reconstruindo semanticamente ao decorrer da História. Segundo ele, até o século XV, o termo tinha valor numérico, indicava cálculo, conta. Apenas no século XVI a palavra começa a ser usada na literatura portuguesa com o significado de “narração”, “fábula”, caracterizando-se como uma narrativa pouco extensa e que condensa os elementos do romance. O fato é que o conto existia antes mesmo de ser categorizado, pois a oralidade é anterior à escrita, sendo assim, a narração de histórias, sejam lendárias, folclóricas ou moralistas, se confunde, se entrelaça, à própria História da Humanidade.

Em *Teoria do Conto*, Nádya Battela Gotlib apresenta o conto como:

1.uma sucessão de acontecimentos: há sempre algo a narrar; 2. De interesse humano: pois é material de interesse humano, de nós, para nós, acerca de nós: “e é em relação com um projeto humano que os acontecimentos tomam significação e se organizam em uma série temporal estruturada”; 3. E tudo “na unidade de uma mesma ação”. (1990, p.8, grifos da autora).

Entretanto, como enfatiza Gotlib, “há vários modos de se construir esta ‘unidade de uma mesma ação’, neste ‘projeto humano’ com uma ‘sucessão de acontecimentos’” (1990, p.8, grifos da autora), tanto é que existem várias subdivisões para o conto (maravilhoso,

fantástico, policial, psicológico, de detetive, de suspense, entre outros), que vai se engendrando e se adaptando aos contextos socioculturais.

Em meados do século XIX, Edgar Allan Poe, além de escrever, cria uma Teoria do Conto. Nela, ele defende que o conto apresenta uma economia estilística, assim como uma situação e proposição temática resumidas. Além disso, afirma que a composição literária, se bem articulada e desenvolvida pelo autor, causa um estado de “excitação”, “de exaltação da alma” (POE apud GOTLIB, 1990, p.20), de catarse.

Júlio Cortázar, em *Valise de Cronópio* (1993), vai mais fundo ao tentar definir o gênero, criando uma caracterização abstrata e metafórica do conto. O autor considera que

É preciso chegarmos a ter uma ideia viva do que é o conto. E isso é sempre difícil na medida em que as ideias tendem para o abstrato, para a desvitalização de seu conteúdo, enquanto que, por sua vez, a vida rejeita esse laço que a conceitualização lhe quer atirar para fixá-lo e encerrá-lo numa categoria. Mas se não tivermos a ideia viva do que é um conto, em última análise se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão dessa vida travam uma batalha fraternal, se me for permitido o termo; e o resultado dessa batalha é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada, algo assim como um tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência. (1993, p.150)

Apesar do ar abstracionista, Cortázar enlaça em seu passeio conceitual uma dos caracteres mais marcantes do conto: a sua resiliência. Ele travou batalhas e vem se consolidando na história da literatura, como um gênero multifacetado e adaptável às diferentes estilísticas, temáticas e contextos. Diante dessas concepções acerca do gênero, o escolhemos no presente trabalho exatamente pela sua condensação, que faz com que seja lido em “uma só assentada” (POE apud GOTLIB, 1990, p.10), o que facilita sua abordagem em sala de aula, e também por seus aspectos estilísticos, já que o autor precisa trabalhar a linguagem de uma maneira muito peculiar para atingir os efeitos pretendidos em poucas páginas, para que dessa forma, caso seja bem lido (sem ou com a mediação do professor), impulse o leitor a um estado de “exaltação da alma”, como indicava Poe.

Apesar de haver uma diversidade de tipologias do conto, pode-se dizer, de uma maneira simplificada, que esse gênero se caracteriza como uma narrativa curta, que se desenvolve em torno de um conflito, e condensa e economiza alguns elementos da narrativa, como personagens, ambientes e ações, fator que não diminui sua qualidade, muito pelo contrário, pois o autor precisará ter a capacidade estilística e composicional de organizar os elementos em prol do efeito pretendido.

2.5 O Conto de Detetive

Em meio a um turbilhão de acontecimentos e efervescências sociais, políticas e econômicas resultantes da independência dos Estados Unidos da América, Edgar Allan Poe, em abril de 1841, publica *The Murders in the Rue Morgue* (Os assassinatos na Rua Morgue), narrativa que inaugura o conto detetivesco e apresenta ao público perspectivas adversas sobre a cidade, envolta em mistérios e violência, e sobre o homem moderno, urbano, desconfigurado e reconfigurado pela Revolução Industrial, que gerou grandes fluxos migratórios que faziam da urbe um ambiente de insegurança e instabilidade.

O cenário citadino passou a ser palco de uma série de dramas e crimes que eram narrados nos jornais impressos e lidos diariamente por um público que se inflamava com os noticiários de violência, mas que, sincronicamente, sentia desejo de solucionar os inexplicáveis acontecimentos criminais. Como afirma Reimão (1983, p.10), o “mistério aliado a um certo prazer mórbido na desgraça alheia e ao sentimento de justiça violada que requer então reparos, são basicamente os elementos geradores da atração e do prazer na leitura deste tipo de narrativa”, fatores que fizeram com que o gênero ganhasse novas configurações e um público leitor cada vez maior. Sendo assim, os contos, por serem narrativas mais curtas que os romances, surgem como uma alternativa para os leitores e leitoras que clamam por pressa e praticidade. Apesar das tentativas de esquematização, esse gênero se reinventa e se subdivide cada vez mais, se adaptando aos diversos contextos e aos avanços tecnológicos. Alfredo Bosi afirma que “o conto cumpre a seu modo o destino da ficção contemporânea. Posto entre as exigências da narração realista, os apelos da fantasia e as seduições do jogo verbal, ele tem assumido formas de surpreendente variedade” (1974, p.7), e é nesse processo de metamorfose que surge o conto de detetive nos moldes contemporâneos, como os criados pelo escritor brasileiro Marcos Rey, com variações no perfil do detetive, que pode ser um antidetetive ou um investigador humanizado, irônico, com desvios de caráter, sem os pressupostos dedutivos do grande Sherlock Holmes. Diante do exposto, vale trazermos as considerações de Iser acerca da criação literária e os diferentes atos de fingimento que o compõem. Segundo o teórico:

Como produto de um autor, cada texto literário é uma forma determinada de tematização do mundo (*Weltzuwendung*). Como esta forma não está dada de antemão pelo mundo a que o autor se refere, para que se imponha é preciso que nele seja implantado. Implantar não significa imitar as estruturas de organização previamente encontráveis, mas sim decompor. Daí resulta a *seleção*, necessária a cada texto ficcional, dos sistemas contextuais preexistentes, sejam eles de natureza sociocultural ou mesmo literário (ISER, 2002, p.960, grifos do autor).

Nessa perspectiva, autor desconstrói a realidade para construir o texto literário. Ele seleciona fios de uma realidade que pouco a pouco vão se entrelaçando, a ponto de ser arquitetado pelo leitor, chegando ao seu imaginário. Dessa forma, os escritores selecionam os objetos de uma realidade, organizam as ideias e cruzam elementos a fim de tornar os atos do fingimento em uma coisa real, verossímil. Quando se trata das narrativas policiais, esse trabalho se intensifica, pois cada detalhe, cada elemento selecionado é de crucial importância para alcançar o efeito e o direcionamento pretendido, que deverá ser captado e interpretado pelo leitor. Assim, pode-se dizer que, ao contrário do que muitos teóricos insinuavam, as narrativas detetivescas também fazem parte de um processo singular e complexo de criação literária, que conquistou leitores assíduos e exigentes ao longo das décadas.

Ao falar sobre esse gênero, um aspecto importante quando se trata das narrativas detetivescas é que apesar de terem surgido nomenclaturas como “narrativa policial”, “conto policial” e “romance policial”, vale ressaltar que os primeiros investigadores das ficções desse ramo eram grandes detetives não institucionalizados, isto é, eram detetives particulares, não policiais. Essa preferência inicial pelo investigador não estatal, que detém conhecimentos científicos e uma genialidade acima da média, pode ter sofrido influência direta do contexto sociocultural estadunidense, em especial da nova classe média, que passava a desconfiar da eficiência e do caráter dos policiais que, em sua maioria, eram ex-contraventores, que conheciam “por dentro o mundo dos crimes e os investigava empiricamente, convivendo com os criminosos, e através dessa convivência é que este policial constrói suas investigações e chega a desvendar os crimes que lhe são apresentados” (REIMÃO, 1983, p.11).

Por nascer do caos da urbe em pleno século XIX, sob a influência dos mais diversos relatos criminais que eram cotidianamente estampados nos jornais, as narrativas policiais foram consideradas por muito tempo como literatura de massa e de menor valor artístico. Seguindo uma perspectiva estruturalista, Tzvetan Todorov (2003), em *Poética da prosa*, faz importantes considerações sobre os aspectos composicionais das narrativas detetivescas, em especial acerca dos romances policiais. Com base em suas reflexões, esse tipo de narrativa possui normas e técnicas que devem ser seguidas à risca pelos escritores, e tal limitação impede o desenvolvimento estético e as possibilidades de diferenciação do texto literário. Entretanto, esse é um “domínio feliz”, pois:

[...] o romance policial tem suas normas; fazer “melhor” do que elas pedem é ao mesmo tempo fazer “pior”: quem quer “embelezar” o romance policial faz “literatura”, não romance policial. O romance policial por excelência não

é aquele que transgride as regras do gênero, mas o que a elas se adapta. (TODOROV, 2003, p.95, grifos do autor)

Seguindo essa linha de pensamento de viés estruturalista, a narrativa policial que transbordasse e não seguisse regras, parâmetros composicionais pré-concebidos, se afastaria da essência do romance policial. Baseado nas regras e nos romances de S. S. Van Dine, Todorov expõe oito princípios que direcionam a confecção dos romances policiais/de enigma:

1. O romance deve ter no máximo um detetive e um culpado, e no mínimo uma vítima (um cadáver).
2. O culpado não deve ser um criminoso profissional; não deve ser o detetive; deve matar por razões pessoais.
3. O amor não tem lugar no romance policial.
4. O culpado deve gozar de certa importância: a) na vida: não ser um empregado ou uma camareira; b) no livro: ser uma das personagens principais.
5. Tudo deve explicar-se de modo racional; o fantástico não é admitido.
6. Não há lugar para descrições nem para análises psicológicas.
7. É preciso conformar-se à seguinte homologia, quanto às informações sobre a história: “autor: leitor = culpado: detetive”.
8. É preciso evitar as situações e as soluções banais (Van Dine enumera dez delas). (2003, p.100-101)

De acordo com o primeiro princípio, os romances policiais/de enigma devem ter no máximo um detetive e um culpado, entretanto esse paradigma é questionável, já que em *Assassinato no Expresso Oriente* (2017), por exemplo, Agatha Christie constrói uma história em que há 12 culpados do assassinato de M. Ratchett, e isso não faz de sua narrativa uma obra inferior ou pertencente a outro gênero. No mesmo romance, é possível constatar que Ratchett, a vítima, era um criminoso profissional, que sequestrou Daisy Armstrong com 3 anos, solicitou e recebeu dinheiro pelo resgate antes que a família soubesse de Daisy, quando, na verdade, já tinha sido assassinada, sendo assim, é notório que esse fato está na contramão do segundo princípio exposto por Todorov (2003). Já o terceiro princípio continua sendo coerente, pois nas histórias de detetive é comum que o amor não tenha espaço privilegiado, já que o conflito está concentrado em um crime. Entretanto, é possível que alguns dos mais recentes romances policiais desvinculem-se dessa característica, o que carece de investigações aprofundadas para chegarmos a proposições mais consistentes.

Ao observarmos os pressupostos quatro e oito, podemos refletir sobre “O enigma do galinheiro”, narrativa de Marcos Rey. Apesar de não ser um romance, a relação é válida, já que os contos policiais teriam características e princípios semelhantes ao romance dessa categoria. Neste conto, o autor retoma o detetive Sherlock Holmes, já aposentado e um pouco esquecido, que passa a investigar o misterioso sumiço das galinhas de Clarimundo. O fato é

que Holmes não consegue solucionar o caso e entra em prantos, a ponto de comover Noca, velha empregada da casa, que assume que roubava as galinhas para dar aos pobres. Essa narrativa se desvia dos princípios quatro, visto que a culpada não tem nenhuma posição de prestígio, e oito, porque a solução foi banal, mas ainda assim esse é um conto de detetive que envolve crime, investigador, mistério e culpado. Já os princípios cinco e seis podem ser hipoteticamente contestados, visto que é provável que na contemporaneidade as narrativas policiais se reinventem a ponto de a explicação para o crime ou conflito da história detetivesca ser feita de maneira não muito racional. Além disso, as descrições e análises psicológicas, pressuposto seis, também podem ser pontos-chave para a disseminação de pistas, o que nos faz supor que alguns autores utilizem essas sequências com propósitos específicos.

Apesar das observações acima, e ainda com base nas análises de Todorov feitas no início do século XX, pode-se dizer que, a despeito dos percalços e das insuficiências apresentadas pelo estudo literário de corrente estruturalista, a sistematização do teórico acerca dos romances policiais foi de extrema importância para a pesquisa, para a visibilidade do gênero pela crítica literária e para a reformulação de suas características gerais na contemporaneidade. Entretanto, devido aos estudos contemporâneos sobre as narrativas detetivescas, decidimos assumir, no presente trabalho, a nomenclatura Conto de Detetive, pois nas narrativas abordadas o investigador-protagonista não é uma entidade institucionalizada, isto é, que obedece à hegemonia do Estado, mas sim um detetive particular, que utiliza hipóteses, métodos científico-dedutivos para solucionar seus casos. Então, como afirma Docherty, “historians on the genre variously label it as a ‘thriller’, as a ‘detetive story’ or ‘crime novel’”¹⁰ (1988, p.146, grifos do autor). Enfatizamos que na Era de Ouro, que ocorre entre 1920-1930 (MATIAS, 2013), a instituição polícia era mal equipada e se baseava em métodos limitados de investigação, enquanto o investigador policial tentava adequar as evidências aos métodos convencionais, o detetive particular (como Holmes e Dupin) tinha a mente e uma metodologia mais flexível, aguçada, justamente por não se limitar a um método pronto e fechado, se adaptando ao contexto e buscando novos artifícios de investigação e/ou análise. Tais fatores justificam a nossa escolha pela nomenclatura “Conto de Detetive”, em detrimento do “Conto Policial”.

É possível perceber as diferenças entre as narrativas policiais e as históricas analíticas de detetive quando comparamos, por exemplo, as histórias de Georges Simenon com as de

¹⁰ “Os pesquisadores do gênero rotulam como “thriller”, como “história de detetive” ou “romance policial” (Tradução livre).

Conan Doyle. Maigret, protagonista e investigador da maioria das histórias de Simenon, é um funcionário da Polícia Judiciária francesa, e, por estar preso ao poder do Estado, segue normas de conduta que o impossibilita de adentrar em determinados ambientes e de usar alguns métodos de investigação, como é perceptível no romance *Maigret sai em viagem* (2011), em que o narrador afirma que Frère, médico legista, “tinha uma clientela importante e conhecia quase tantos segredos quanto o próprio Maigret. A diferença é que ele transitava por um mundo diverso, no qual a polícia só muito raramente tinha a oportunidade de entrar.” (SIMENON, 2011, p.13). Essa falta de acesso a determinados ambientes não acontecia com o clássico detetive Sherlock Holmes, pois ele tinha autonomia para se deslocar, analisar as intermediações do crime e para utilizar métodos não convencionais de investigação.

Já nas narrativas de antidetetive (que apresentam protagonistas-investigadores instáveis e até mesmo suspeitos, contrariando os paradigmas das histórias de detetive clássicas), por exemplo, podem transgredir a etapa de solução, visto que “em vez de alcançar a solução de um caso/crime (como normalmente acontece nas histórias clássicas), nas obras desses autores os protagonistas encontram-se no meio de um labirinto interpretativo de sua própria realidade e de si mesmo” (MATIAS, 2013, p.78).

Ao analisar essas modalidades das histórias investigativas, percebe-se também que durante muito tempo a sociedade, e consequentemente a crítica literária, estava submersa no patriarcado e em valores unilaterais (estéticos/sociais/burgueses). A persistência em estabelecer cânones e modelos literários intangíveis amordaçou diversos escritores/as – homens, mulheres, negros/as, homossexuais e artistas de classes sociais mais baixas – conduzindo a história da literatura por um caminho por vezes conflituoso e desigual, repleto de conservadorismo e embasado em uma narrativa unilateral. Nas narrativas detetivescas e/ou policíacas, é raro encontrar em algum conto ou romance uma mulher que ocupe o papel de detetive, espaço historicamente masculino. Miss Marple, detetive solteira, de idade já avançada, criada por Agatha Christie, aparece em doze dos seus romances, mas ela se apresenta como exceção na literatura criminal.

Então, além do questionamento sobre a tipificação das narrativas de investigação (policial, detetivesca, *noir*), vale a pena refletir sobre a representatividade da mulher nesses gêneros: afinal, quantas mulheres detetive estão presentes na ficção? Quantas conhecemos? Qual é, majoritariamente, o papel feminino nessas histórias? Na contramão, quando pensamos em detetives masculinos, de imediato surgem nomes como Dupin, Sherlock Holmes e Poirot, criados, respectivamente por Edgar Allan Poe, Arthur Conan Doyle e Agatha Christie.

Diante desses questionamentos, pode-se afirmar que pensar na literatura de forma contextualizada possibilita refletir sobre as interferências sociais que levam um autor (a) a ser considerado(a) canônico(a) ou não e se existe um modelo a ser considerado como o mais adequado ou como prototípico para outros. Segundo Vanilda Salignac Mazzoni:

[...] o cânone representa a cristalização de modelos da escrita definidos desde os séculos passados, caracterizando, principalmente, escritores que hoje podem ser configurados como um grupo específico: branco (ou que se aproxime por ideias no caso das colônias), masculino, burguês e ocidental (2006, p.3).

Dessa forma, a valorização da representatividade feminina é também a reconstrução de paradigmas que foram predominantemente machistas e excludentes, a ponto de anular vozes da historiografia literária, impedindo não só o seu reconhecimento, mas também calando a sua voz e a sua luta. Candido afirma que “a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a uma práxis socialmente condicionada” (1985, p.55), então assim como a tessitura textual está condicionada à sociedade, a exclusão de uma autora/obra/estilística e predominância de um modelo estereotipado nas tramas literárias também é reflexo da predominância de algumas ideologias em detrimento de outras. Por isso, propomos também no nosso trabalho a reflexão e a discussão sobre o papel da mulher na narrativa detetivesca, objetivando abrir espaço para o seu protagonismo na proposta final de produção de texto, e assim construir um novo olhar sobre esse tipo de narrativa e sobre o meio sociocultural no qual estamos inseridos.

2.6 O conflito nos contos de detetive

O conflito desencadeador da narrativa é um componente de aprendizagem não só citado nos documentos norteadores da educação, como também é um conhecimento cobrado na Prova Brasil, avaliação que visa avaliar a qualidade das escolas públicas das redes federal, estadual e municipal. Após o início dessa pesquisa, observou-se que esse não é um componente de fácil entendimento de alunos e professores, visto que muitas vezes ele é negligenciado nas aulas de Língua Portuguesa e pouco discutido em ambientes acadêmicos. Por isso, entende-se no presente trabalho que, além do conflito gerador, uma narrativa irá apresentar subconflitos, que serão responsáveis por impulsionar ações específicas no texto, todavia, o foco da nossa proposta é desenvolver uma estratégia que possibilite aos estudantes uma melhor compreensão a respeito do fato gerador do enredo.

Dito isto, sob o olhar de Moisés, “o conflito designa a oposição, a luta, entre duas forças ou personagens. Por meio dele, a ação se organiza e progride até o desfecho, correspondente à solução do litígio entre as partes” (1974, p.84), isto é, o conflito gerador de uma história é o desequilíbrio que desencadeia os fatos narrados.

O desequilíbrio em meio a um mundo regrado e ditado por valores éticos e morais, que cada vez mais estão sendo subvertidos, parece ser atrativo aos olhos humanos, visto que é comum perceber o conglomerado de pessoas que se reúnem em torno de uma vítima que acabou de ser assassinada, violentada ou assaltada nos diversos espaços públicos. O desequilíbrio instiga, desperta, motiva o indivíduo a buscar explicações e uma solução para o acontecido, seja ele real ou fictício. Logo, ao considerar que esse ponto de instabilidade é algo crucial nos contos de detetive, sendo ele, normalmente, o conflito gerador da narrativa, neste trabalho defende-se a ideia de que caso haja um trabalho de conscientização no alunado acerca desse aspecto, o estudo do gênero poderá facilitar o entendimento da função desse componente nos textos narrativos, fazendo com que os discentes compreendam com mais clareza esse elemento e usem esse conhecimento em suas produções textuais, deixando-as mais atraentes e significativas.

As sequências narrativas detetivescas podem ser desenvolvidas em um ou mais ambientes, com poucos ou muitos personagens, pois vêm se adaptando e se (re)construindo ao longo do tempo, entretanto, algo é invariável: o conflito estará sempre presente, e na maioria das vezes tem total relação com o crime (transgressão da lei), desvio (transgressão das normas sociais, de convívio e/ou legislativas), enigma (mistério, situações aparentemente indecifráveis) que fora apresentado pelo narrador. Posto isto, as histórias de enigma podem ser o ponto chave para o entendimento mais efetivo do conflito desencadeador da narrativa, que se configura por meio de uma “relação mais ou menos tensa de luta entre personagens ou entre personagens e outra força” (GOTLIB, 1990, p.93).

Em especial nos contos de detetive clássicos, o fato desencadeador da narrativa será comumente apresentado a partir de um crime/delito que foi cometido e deve ser investigado. Dessa forma, esse conflito irá desencadear as ações do texto, sendo essencial para que ele se desenvolva e seja alcançado o desfecho. Por esse motivo, acreditamos que esse gênero seja ideia para minimizarmos as dificuldades que os alunos e alunas têm em identificar e entender a função do conflito nas narrativas.

2.7 O jogo como ferramenta pedagógica

Por que, mesmo sabendo que o acompanhamento das disciplinas é fundamental para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, os nossos alunos preferem jogar *FreeFire*¹¹ a assistir uma aula de Português, História, Ciências, entre tantas outras disciplinas? Por que baralho, Uno¹², Clue¹³ são mais interessantes que as discussões e atividades feitas em ambiente escolar?

A grande questão é que o jogo, por despertar prazer, está presente no cotidiano do homem em diversos períodos históricos, quiçá em todos, visto que “encontramos o jogo na cultura, como um elemento dado existente antes da própria cultura, acompanhando-a e marcando-a desde as mais distantes origens até a fase de civilização em que agora nos encontramos” (HUINZINGA, 2000, p.7). Entretanto, não é uma atividade exclusiva do ser humano: animais também brincam, porque o ato de brincar é inerente aos animais, sejam eles racionais ou não. A palavra “jogo” deriva do latim *ludus*, significando divertimento, recreação. E quem não gosta de diversão? Dessa forma, os alunos não são culpados por preferirem o jogo à aula ou por clamarem por mais atividades lúdicas em ambiente escolar, afinal, as atividades lúdicas podem ser muito mais sedutoras que a aula meramente expositiva ou as discussões simplificadas da sala de aula. Johan Huizinga afirma que:

[...] o jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, seguindo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotada de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de consciência de ser diferente da “vida quotidiana”. (2000, p.23, grifos do autor).

Além de proporcionar deleite, o jogo desenvolve diferentes habilidades no jogador, como o raciocínio lógico, a capacidade de desenvolver estratégias para vencer a partida e, a depender da modalidade, ainda possibilita a interação e a socialização entre os sujeitos. Assim sendo, resolvemos aceitar o desafio de incluir o jogo nas atividades de sala de aula, e em especial iremos usá-lo como uma ferramenta didática para compreensão do conflito da narrativa, desenvolvendo a capacidade linguística do aluno e proporcionando prazer e entretenimento na escola.

¹¹Jogo eletrônico mobile de ação-aventura do gênero *battleroyale*, que foi desenvolvido pela 111dots Studio CompanyInformation.

¹²Jogo de cartas estadunidense, desenvolvido por Merle Robbins e familiares em 1971.

¹³Jogo de cartas (também tem uma versão de tabuleiro), desenvolvido pela Hasbro, que tem como objetivo desvendar um assassinato.

No presente trabalho, adotamos o conceito de jogo apresentado por Huizinga (2000), teórico que ressalta a ideia de que esse tipo de atividade está presente na cultura do homem desde a ancestralidade e se dá de maneira voluntária, mas ao mesmo tempo possui finalidades específicas, que geram emoções e são impulsionadoras de habilidades e técnicas, sendo, assim, essenciais para a evolução do homem e da sociedade. Então, com o objetivo de proporcionar uma atividade mais produtiva, leve e interativa aos alunos, o jogo, como atividade lúdica, fará parte da Sequência Didática apresentada nesse trabalho.

2.8 Considerações sobre os contos “A faixa malhada”, de Athur C. Doyle, e “O último cuba-libre”, de Marcos Rey

Arthur Conan Doyle foi um médico e escritor que nasceu na Escócia, em meados do século XIX, no dia 22 de maio de 1859, e morreu em julho de 1930, na cidade de Crowborough – Inglaterra. Ao lado de Edgar Allan Poe e Agatha Christie, Doyle é um dos principais expoentes da literatura detetivesca, pois imortalizou a personagem Sherlock Holmes, protagonista e detetive das suas narrativas, tornando-o tão ou mais conhecido que seu próprio criador.

No presente trabalho ter-se-á como base o conto “A faixa malhada”, que se enquadra no parâmetro das histórias detetivescas clássicas, visto que nela pode-se observar uma estrutura bastante delimitada: o detetive recebe uma visita de alguém que está com problemas e necessita da sua ajuda; o investigador é invulnerável, por isso não será um suspeito nem passará por uma situação que o deixe debilitado; o detetive fará uma visita ao local do crime, em busca de pistas e com o intuito de criar uma armadilha para o criminoso.

O conto sobredito foi escolhido porque, além de ser uma história clássica de detetive, poderá proporcionar aos estudantes o acesso a uma literatura estrangeira, aumentando o conhecimento de mundo dos discentes, e o domínio básico dos elementos composicionais das narrativas investigativas. Como discorre Ítalo Calvino, “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (2007, p.11), visto que ele detém de uma riqueza literária que faz com que o leitor o enxergue diferente a cada leitura, devido às pistas, aos detalhes, à estilística, à composição textual. Esse aspecto universal e atemporal dos clássicos influencia diversas outras obras em diferentes épocas, como influenciou Marcos Rey na composição do seu detetive, que faz uma referência direta no texto ao grande personagem Sherlock Holmes. Então o conto de Conan Doyle será uma ponte para que os alunos cheguem

à leitura de Marcos Rey identificando certos elementos composicionais, estilísticos e intertextuais.

Ao analisarmos o conto de Doyle, nota-se que os elementos da narrativa detetivesca clássica são bem demarcados: alguém vai à procura do detetive para solucionar um caso; o detetive vai ao local do crime em busca de pistas e cria uma armadilha para apanhar o criminoso; o caso é solucionado a partir da capacidade singular do detetive de deduzir informações a partir de pistas mínimas. Em “A faixa malhada”, a personagem Helen Stoner recorre ao detetive Sherlock Holmes para que ele desvende um mistério que a aflige desde a morte de sua irmã gêmea, Julia Stoner. Ao longo da narrativa, percebe-se que Holmes começa a desvendar o caso desde a narração feita por Stoner, no apartamento 221B, localizado na famigerada Baker Street. Esse é um conto que envolve mistério e reúne os elementos marcantes da literatura de Doyle, que podem despertar nos estudantes o interesse por esse gênero textual.

O segundo conto escolhido para análise e para compor a nossa sequência didática é de autoria de Marcos Rey, autor brasileiro, pseudônimo de Edmundo Donato. O literato nasceu em São Paulo, no dia 17 de fevereiro de 1925, foi escritor, tradutor e roteirista, e morreu em 1 de abril de 1999, aos 74 anos. Rey escreveu contos, crônicas e romances que cativam seus leitores, pela sua perspicácia e ao mesmo tempo fluidez narrativa, destacando-se, principalmente, na literatura juvenil, que o fez ganhar o troféu Juca Pato, com a obra “Os crimes do Olho-de-Boi”.

Escolhemos, em especial, o conto “O último cuba-libre” porque Rey constrói um detetive à brasileira: Adão Flores é gordo, empresário, frequentador de boates e inferninhos, além disso é solidário e prestativo. Apesar de ser empresário, promovendo espetáculos, nas horas vagas era detetive particular, mas seus atendimentos se restringiam a pessoas conhecidas e a cenários noturnos. Aos poucos, esse modesto detetive foi ganhando fama, graças ao seu amigo jornalista Lauro Freitas, que narrava as suas aventuras investigativas na coluna do jornal onde trabalhava. O conflito da história se apresenta quando, em uma noite, Estela Lins, esposa de Júlio Barrios, músico conhecido por Adão Flores, resolve aparecer na boate “Yes-Club”. A mulher pede para que Adão Flores a acompanhe, porque seu marido está, supostamente, com problemas. Entretanto, quando chegam ao apartamento, Júlio Barrios está morto. E a partir daí começa a missão do detetive Flores. Com base nessas peculiaridades, o/a estudante é inserido/a na literatura detetivesca brasileira, fator importante

para o nosso trabalho, pois a escolha também tem como papel crucial a disseminação e análise da arte e da cultura brasileira.

A seguir, fizemos a sinopse de cada conto e uma análise, objetivando destacar os principais elementos – temáticos, composicionais e enunciativos – das narrativas escolhidas e potencializar o trabalho do professor em sala.

2.8.1 “A faixa malhada”, de Conan Doyle

Sinopse: Nesse conto, Sherlock Holmes e Watson recebem em seu apartamento a Srta. Helen Stoner, mulher jovem, moradora de Stoke Moran, dependente do seu padrasto, o Dr. Roylott, homem violento, de costumes exóticos, que cria animais selvagens e abriga ciganos em suas terras. A Srta. Stoner relata o motivo da sua visita: há três dias ouve os mesmos assobios horripilantes relatados por Julia Stoner, sua irmã, que morreu de maneira misteriosa há dois anos. Holmes, após ouvir atentamente a narração da jovem, promete fazer uma visita à Srta. Stoner e ajudá-la a desvendar o caso. Todavia, inesperadamente, logo após a saída de Helen Stoner, o dr. Roylott vai à procura de Holmes com o objetivo de convencê-lo a não ajudar sua enteada. Sherlock Holmes, contrariando o pedido do médico, segue com Watson para Stoke Moran, onde dará início à investigação que resultará na solução para o mistério que envolve os Stoner.

Quadro 1¹⁴: Análise do conto “A faixa malhada”, de Conan Doyle

I - COMPONENTE TEMÁTICO

Tema: Misteriosos assobios que antecederam a morte de Julia e, anos depois, causaram horror em sua irmã Helen Stoner.

Conflito: Morte de Julia Stoner e iminente perigo que envolve sua irmã, Helen Stoner.

Personagens

- **Detetive:** Sherlock Holmes – personagem invulnerável, dotado de uma inteligência singular, que utiliza os métodos analíticos, com base na observação, na ciência e na dedução, para solucionar seus casos.

¹⁴ Roteiro elaborado a partir dos elementos apresentados por Coutinho, Jorge e Tanto (2012).

- **Culpado:** Dr. Grimesby Roylott- médico e padraсто de Julia e Helen Stoner; violento; apreciador de plantas e animais exóticos.
- **Colaborador/assistente do detetive:** Watson, médico e principal companheiro de Holmes.
- **Vítima:** Julia Stoner – irmã de Helen Stoner.
- **Demais personagens:** Sra. Hudson (dona do apartamento em que Holmes mora), sra. Farintosh (ex-cliente de Holmes), Sra. Stoner (mãe de Julia e Helen), Srta. Honoria Westphail (tia de Helen e Julia), Percy Armitage (noivo de Helen).

II - COMPONENTE COMPOSICIONAL

Infraestrutura geral/ Unidades textuais

- **Relato interativo:** narrador homodieгético, isto é, narrador – personagem (1ª pessoa), participante da ação.
- **Situação inicial:** contextualização, em que Watson expõe que o caso que será contado foi um dos mais intrigantes e misteriosos vividos por ele e Holmes.
- **Complicação:** visita de Helen Stoner a Holmes.
- **Peripécias:** Holmes viaja para Stoke Moran e se infiltra na casa do dr. Roylott com o objetivo de desvendar o caso relatado por Helen Stoner.
- **Situação final:** Holmes, após criar uma armadilha para descobrir a origem dos assobios que envolviam a morte de Julia Stoner e amedrontavam sua irmã Helen, consegue desvendar o mistério, apontando como culpado o dr. Roylott, que tinha interesse na herança das suas enteadas.
- **Avaliação/moral (implícita):** o crime não compensa e o criminoso sofrerá as consequências.

Técnicas narrativo-compositivas

- **Analepse:** os momentos de *flashback* acontecem, principalmente, durante a conversa da Srta. Helen e Holmes (quando retomam fatos sobre a morte de Julia Stoner) e no momento em que Sherlock Holmes faz a sua explanação final sobre o crime.
- **Formas de realização da estrutura narrativa:** narração, descrição, diálogo

III - COMPONENTE ENUNCIATIVO

Focalização interna: a narrativa é contada sob a perspectiva de Watson, narrador-personagem, que, apesar de ser amigo e confidente de Holmes, acompanha e sabe dos fatos progressivamente, o que o assemelha ao leitor.

2.8.2 “O último cuba-libre”, de Marcos Rey

Sinopse: A história é desencadeada a partir de um misterioso assassinato: o de Júlio Barrios, um mexicano, cantor de boleros e apreciador de mulheres. Adão Flores, empresário, frequentador de casas noturnas e detetive particular nas horas vagas, conhecia Júlio devido a sua empreitada profissional, trabalhou anos com o cantor, por isso o conhecia bem. Em uma noite, Estela Lins foi à procura de Flores no “Yes-Club” e relatou que Barrios, seu marido, estava em apuros, recebendo ligações misteriosas e ameaçadoras, por isso precisava imediatamente da ajuda do detetive. Adão, de prontidão, foi conduzido por Flores para o apartamento do casal, chegando lá, em poucos minutos, Estela encontra Júlio Barrios morto no quarto, com uma tesoura cravada em suas costas, e afirma que um homem desconhecido tinha pulado a janela e matado seu marido. A partir desse momento Adão Flores inicia sua jornada na tentativa de desvendar o crime e encontrar o culpado pela morte de seu amigo Júlio Barrios.

Quadro 2¹⁵: Análise do conto “O último cuba-libre”, de Marcos Rey

I - COMPONENTE TEMÁTICO

Tema: Investigação em torno da morte de Júlio Barrios.

Conflito: O assassinato de Júlio Barrios

Personagens

- **Detetive:** Adão Flores - empresário de modestos espetáculos, homem gordo, solidário, detetive particular em alguns momentos (em cenários noturnos e apenas para pessoas conhecidas), apesar de não parecer invulnerável, não corre riscos nem suspeitas de ser autor de algum crime; dotado de capacidade de dedução regular.
- **Culpado:** Estela Lins, esteticista e esposa da vítima.
- **Colaborador/assistente do detetive:** Lauro Freitas – jornalista que divulgada as peripécias de Flores em sua coluna de jornal.
- **Vítima:** Júlio Barrios – cantor de boleros e homem inconstante nos amores.
- **Suspeito:** cunhado de Estela Lins, personagem que aparentemente não gostava do irmão; suposto homem relatado por Estela.
- **Demais personagens:** delegado, Bianca (dona do “Yes-Club”, lo/cal que Flores frequentava), guarda (que vigiava o local do crime), freguês (que questionava os métodos e capacidade dedutiva de Adão Flores) e o porteiro do hotel em que Flores ficava.

II - COMPONENTE COMPOSICIONAL

¹⁵ Roteiro elaborado a partir dos elementos apresentados por Coutinho, Jorge e Tanto (2012).

Infraestrutura geral/ Unidades textuais

- **Relato interativo:** narrador heterodiegético, isto é, um narrador observador (é neutro, pois não interfere na narrativa).
- **Situação inicial:** contextualização da vida de Adão Flores; procura de Estela Lins por Flores, a fim de relatar que o seu marido está com problemas e precisa de ajuda.
- **Complicação:** o misterioso assassinato de Júlio Barrios.
- **Peripécias:** Flores simula o momento em que o suposto culpado teria pulado a janela do 1º andar e corrido até o portão; analisa a falta de gelo no cuba-livre e as gavetas sem roupa; vai à gravadora investigar se as informações fornecidas no “Yas-Club” eram verídicas, ou seja, se realmente houve a proposta de Barrios gravar um novo elepê e se ele estava com uma nova namorada.
- **Situação final:** Adão Flores informa ao delegado, a Lauro Freitas e à Bianca (e colegas/clientes do “Yes-Club”) as minúcias o desenvolvimento da sua investigação, revelando a verdadeira culpada: Estela Lins, que matou para que o seu marido não fosse embora de casa.
- **Avaliação/moral (implícita):** as mentiras são rapidamente descobertas; o crime não compensa e a justiça prevalece
- **Formas de realização da estrutura narrativa:** narração, descrição, diálogo.

III - COMPONENTE ENUNCIATIVO

Focalização interna: a narrativa de desenvolve sob o olhar de um narrador heterodiegético, que não participa da história, apenas observa e relata os fatos.

Nos dois contos nota-se as características citadas por Poe (1974): economia estilística, proposição temática e ações resumidas. Entretanto, como já assinalado pelo autor, essa

concisão não indica precariedade narrativa, já que para construir um conto, coeso, coerente e com atrativos para o leitor, é fundamental que haja articulação entre os elementos e qualidade textual, o que faz do contista um autor singularmente meticoloso. Em “A faixa malhada”, por exemplo, a situação inicial, relatada por Watson está diretamente conectada à complicação, situação marcada pelo mistério que envolve Helen Stoner e sua irmã. Ademais, no momento em que o Dr. Roylott visita Holmes em seu apartamento, afirma que o detetive é o “[...] pau mandado da Scotland Yard” (DOYLE, 2009, p. 181), e com base na resposta de Sherlock Holmes, “ – Veja a insolência de me confundir com a força policial oficial.” (DOYLE, 2009, p. 182), fica claro o desdém do detetive pela polícia, aspecto que chama a atenção, pois reafirma a distinção entre as narrativas policiais e as detetivescas.

Em “O último cuba-libre”, as características demarcadas por Poe também são confirmadas, os elementos da narrativa (personagens, cenários, tempo) são apresentados de maneira sumária, quando comparado ao romance, mas com plena articulação entre as partes do enredo: Adão Flores recebe a visita de Estela Lins, que pede para o detetive ir até o seu apartamento, porque seu marido vem recebendo telefonemas ameaçadores. O apartamento vira cenário do assassinato Júlio Barrios, espaço que será crucial para que Flores solucione o crime. Assim como apontou Todorov (2003), ao falar sobre as histórias policiais, esse conto se divide em duas histórias, aspecto inerente às histórias detetivescas: a do crime cometido por Estela Lins e a da investigação, impulsionada pelas habilidades do detetive Adão Flores.

Esses dois contos, construídos em contextos históricos diferentes, também proporcionam uma reflexão sobre o papel da mulher ao longo do tempo e suas reminiscências na atualidade. Em “A faixa malhada”, de Doyle, as irmãs Stoner eram totalmente dependentes do seu padrasto e só poderiam ter acesso à herança deixada por sua mãe após o matrimônio. Além disso, como constatado por Holmes, a Srta. Helen Stoner sofria violência física e psicológica pelo Dr. Roylott, caracterizado como um homem rude, violento e de temperamento volátil. Já no conto “O último cuba-libre”, de Marcos Rey, Estela Lins, além de ser a assassina do seu próprio marido, Julio Barrios, é meticulosa a ponto de criar um enredo para o detetive Adão Flores, com o intuito de inocentá-la do crime cometido. O estereótipo de “mulher ciumenta” aflora no texto, uma vez que o que motivou o crime foi o ciúme que ela tinha de Barrios, que estava prestes a deixá-la. Diferentemente de Helen Stoner, a personagem de Marcos Rey não é dependente financeiramente de uma figura masculina, muito pelo contrário, ela é a principal fonte financeira do seu marido, que já tinham o hábito de se

aproveitar financeiramente de várias mulheres. A dependência da personagem é emocional, visto que ela não aceita ser abandonada pelo seu companheiro, seja pelo *status* social que isso representa para mulher ou pelo peso de ser trocada por outra mulher. O fato é que os contos são ricas fontes para a discussão do papel ocupado pela mulher na sociedade ao longo das décadas.

Vale salientar que o foco no presente trabalho é desenvolver estratégias para trabalhar o conflito da narrativa, entretanto, é de suma importância envolver na atividade os componentes citados no quadro acima, que envolvem os aspectos temático, composicional e enunciativo do texto. Incluímos o “enunciativo” porque ele faz com que o ponto de vista, ou seja, o olhar pelo qual a história é contada seja percebido e destacado pelo aluno, e isso poderá fazer com que ele entenda a perspectiva em que as histórias são contadas, conhecimento este que se amplia e se expande para as relações sociais, podendo ser elucidativo diante de outros textos e gêneros. Diante disso, acredita-se que o trabalho consciente e estratégico com os contos de detetive pode ser um caminho para o entendimento da função e do importante papel de cada componente da narrativa e, em especial, do conflito gerador, o eixo da nossa proposta de intervenção.

3 PROCESSO METODOLÓGICO

3.1 Contextualização da escola

O Colégio Estadual Arabela Ribeiro (CEAR), foco desse projeto, está localizado no município de Estância, estado de Sergipe, no bairro Bonfim, zona periférica da cidade. De acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)¹⁶, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de Estância, em 2013, é de 0,689, e um dos fatores que decresce essa nota é o nível educacional da população, pois de acordo com o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica¹⁷ (IDEB) do ano de 2015, os alunos dos anos finais da rede estadual de ensino de Estância ficaram com a nota média de 2,1, estando na 43ª posição no ranking da educação, dentre os 75 municípios de Sergipe.

Outro fator que dificulta algumas atividades é que, embora o CEAR tenha laboratório de informática, faltam recursos públicos para a manutenção e o devido uso desse espaço, pois todos os computadores estão quebrados e a rede Wi-fi não é de qualidade, por isso o

¹⁶ Disponível em: <<http://www.br.undp.org/>>. Acesso em: 15 jun.2018.

¹⁷ Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/estancia/panorama>>. Acesso em: 15 jun.2018.

laboratório é utilizado como uma sala de multimídias, na qual os/as docentes projetam slides, filmes e vídeos utilizados com fins pedagógicos. A dificuldade de acesso dos alunos a alguns meios tecnológicos impossibilita que o professor crie atividades a partir de softwares como o “HotPotatoes” ou utilize algumas plataformas educacionais (como “Educação e Participação”, “Geekie Games”, entre outras), que podem auxiliar no ensino de Língua Portuguesa.

Dessa forma, é essencial levar em consideração os fatores citados, isto é, os aspectos socioculturais e estruturais da escola que podem inviabilizar a execução de certas metodologias, por isso que, ao propor um trabalho com os elementos da narrativa, texto literário e o jogo como atividade lúdica significativa, as condições para que as atividades aconteçam estão sendo pensadas com base nas possibilidades e deficiências apresentadas pela escola. Assim, cabe ao professor adaptar, dentro de suas possibilidades pedagógicas e estruturais, os recursos disponíveis e os conteúdos obrigatórios à realidade do aluno, sem perder de vista os direitos básicos de aprendizagem, pautados nos documentos oficiais, como *Referencial Curricular do Estado de Sergipe* (SERGIPE, 2011), *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1997) e *Base Nacional Comum Curricular* (BRASIL, 2018).

3.2 Proposta de Intervenção

Com base nos resultados da Prova Brasil, do IDEB e do Simulado Diagnóstico aplicado pela Secretaria de Educação do Estado de Sergipe, já mencionados ao decorrer desse trabalho, desenvolveremos estratégias que visem minimizar as dificuldades dos alunos em identificar o conflito da narrativa, mas sem deixar de lado a prática de uma leitura que busque a fruição. Para isso, teremos como ferramenta pedagógica um jogo que será desenvolvido/aplicado a partir dos elementos da narrativa detetivesca: crime (conflito que desencadeia os fatos), pistas, detetive, culpado.

Há maneiras diversas de construir uma sequência didática (SD), mas, no presente trabalho, nos baseamos principalmente em Cosson (1999), já que objetivamos desenvolver um trabalho voltado para o letramento literário. O teórico propõe uma SD básica que consiste em quatro etapas: **motivação** – preparação do aluno para que ele possa apreciar melhor o texto; **introdução** – fase em que os docentes deverão apresentar aos estudantes o autor e a obra que tem-se a intenção de ler; **leitura** – momento de contato com a obra; **interpretação** – decifração textual, isto é, um “ato de construção de sentido em uma determinada comunidade” (COSSON, 1999, p.95). Entretanto, na nossa proposta, ampliamos e modificamos essas

etapas, a fim de alcançarmos objetivos específicos, descritos e apresentados ao decorrer do trabalho. Além disso, também tivemos como base Huizinga (2000), autor que disserta sobre a presença do jogo nos mais diferentes contextos e nas mais diversas ações sociais, já que também utilizaremos como objeto de aprendizagem o jogo autoral “A caixa de mistérios”, que teve como propósito desenvolver a percepção dos discentes com relação aos elementos da narrativa, em especial o conflito, e dar vazão ao horizonte de expectativa resguardado em cada sujeito envolvido na prática pedagógica.

Objetivos pedagógicos

- Instigar o imaginário e aumentar o repertório sociocultural dos/das estudantes, por meio da etapa de motivação;
- Propor a leitura dos contos de detetive;
- Apresentar aos alunos os autores e uma breve explanação sobre os textos que serão trabalhados;
- Ler, de maneira oral/expressiva¹⁸, os contos propostos;
- Desenvolver atividades de compreensão e interpretação textual, que contemple questões que façam os alunos refletirem sobre os aspectos temáticos (tema e personagens), composicionais (situação inicial, complicação, peripécias, situação final e avaliação/moral) e enunciativos (focalização interna ou externa do narrador) dos contos de detetive propostos;
- Propor uma atividade lúdica, de produção textual, utilizando os elementos do conto de detetive, isto é o crime (conflito), as pistas, o detetive e o culpado, introduzindo a mulher como investigadora da história, a fim de inseri-la em um espaço que é predominantemente masculino;

Conteúdos didáticos

- Leitura dos contos “A faixa malhada”, de Arthur Conan Doyle (2006), e “O último cuba-libre”, de Marcos Rey (2005);

¹⁸Como os textos não são curtos, sugere-se a leitura oral, feita preferencialmente por parte do professor, que já conhece os textos. Também é possível fazer uma leitura oral em forma de jogral, mas isso demanda um trabalho prévio de organização das partes dos textos e seleção dos estudantes que farão a leitura, “a fim de que não se transforme em uma maneira de chamar atenção daquele aluno mais distraído” (COSSON, 2009, p. 71).

- Conto de detetive;
- Elementos da narrativa detetivesca clássica (crime, investigação, solução);
- Conflito;
- Elementos básicos das narrativas (tema, personagens, situação inicial, complicação, peripécias, situação final, avaliação/moral – se houver – focalização interna ou externa do narrador).

Turma

- 9º ano, do Colégio Estadual Arabela Ribeiro, localizado no município de Estância, Estado de Sergipe.

Perfil da Turma

- 27 alunos, com idade entre 12 e 16 anos.

Tempo estimado

- 16 aulas

Material necessário

- Atividade impressa;
- Lousa;
- Pincel;
- Jogo.

4. SEQUÊNCIA DIDÁTICA: RELATÓRIO E RESULTADOS

4.1 Relatório

A sequência didática foi aplicada no período de 10 de outubro de 2019 a 01 de novembro de 2019, no 9º ano A do Colégio Estadual Arabela Ribeiro, localizado no município de Estância, no estado de Sergipe. A turma é composta por 27 alunos, 15 do sexo feminino e 12 do sexo masculino. No dia 04 de outubro de 2019, com o objetivo de averiguar a capacidade dos discentes de identificarem o conflito gerador do enredo, objeto da nossa pesquisa, foi feita uma sondagem, composta por uma questão subjetiva. Sublinhamos, ainda, que todas as atividades utilizadas estão disponíveis na íntegra no Caderno Pedagógico. Ademais, vale salientar que o período de aplicação foi prejudicado devido aos feriados

municipais e paralisações que ocorreram ao longo dos meses de setembro, outubro e novembro.

Quadro 3 – Etapas da Sequência Didática (SD)

ETAPAS	DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	OBJETIVOS	QUANTITATIVO DE AULAS
1ª - Sondagem	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicação de atividade escrita, a fim de identificar o nível de conhecimento dos alunos acerca do Conflito. 	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar o conhecimento dos estudantes a respeito do componente Conflito. 	1 aula
2ª - Motivação	<ul style="list-style-type: none"> • Exibição do primeiro episódio da série <i>Sherlock</i> (2010); • Sessão de discussões acerca da série; • Aplicação de atividade escrita relativa ao episódio e aos conhecimentos dos estudantes sobre as narrativas detetivescas. • Sessão de discussão a partir das respostas dos alunos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Aumentar o repertório sociocultural dos alunos e inseri-los no universo das narrativas detetivescas; • Desenvolver a escrita e a oralidade. 	3 aulas
	<ul style="list-style-type: none"> • Elaboração de hipóteses (por escrito) com base nos títulos dos contos que serão lidos; • Sessão de discussão acerca das respostas; • Exposição, por parte da professora, da biografia dos autores que serão lidos; • Leitura compartilhada do conto “A faixa malhada”, de Arthur Conan Doyle; • Exposição acerca do 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a capacidade leitora; • Desenvolver a percepção acerca do conflito gerador do enredo; • Desenvolver a capacidade de comunicação oral; • Estimular a criatividade dos alunos e alunas; • Ampliar os 	

<p>3ª-Leitura, compreensão e interpretação do Conto Detetivesco</p>	<p>gênero textual Conto detetivesco;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sessão de discussão sobre o conto; • Aplicação de atividade escrita; • Sessão oral para discutir e sanar dúvidas acerca das questões descritas na atividade. • Entrega de cópias do conto “O último cuba-livre”, de Marcus Rey, e da atividade escrita. A leitura individual e a atividade deverão ser feitas em casa. • Sessão de discussão acerca das respostas e dúvidas. 	<p>conhecimentos sobre o Conto Detetivesco.</p>	<p>5 aulas</p>
<p>4ª- Jogo “A Caixa de Mistérios” e Produção de texto</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade lúdica com base no jogo “A Caixa de Mistérios”; • Produção de um conto detetivesco (em equipe). 	<ul style="list-style-type: none"> • Estimular a criatividade e o horizonte de expectativa dos estudantes; • Estimular o trabalho em equipe; • Desenvolver a capacidade de produção textual. 	<p>5 aulas</p>
<p>5ª - Apresentação oral dos contos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação oral dos contos produzidos por cada equipe; • Entrega das premiações. 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a capacidade de comunicação oral; • Verificar o conhecimento dos alunos e alunas sobre o gênero proposto; • Verificar a capacidade de organização textual. 	<p>1 aula</p>

6ª – Teste de saída	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicação de atividade final. 	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar o nível de conhecimento dos estudantes sobre o conflito gerador do enredo. 	1 aula
----------------------------	---	--	--------

4.1.1 Primeira etapa – Sondagem (1 aula)

No dia 04 de outubro de 2019, sexta-feira, foi aplicada a primeira atividade da sequência didática. O objetivo foi verificar o nível de conhecimento dos estudantes do 9ºA, da turma de 2019 do Colégio Estadual Arabela Ribeiro, acerca do Conflito gerador do enredo. Às 9h da manhã, com 22 alunos na sala de aula, explicamos que entregaríamos uma atividade impressa e que eles deveriam responder sem a intervenção da professora, apenas com base nos conhecimentos adquiridos até então. Foi aberto um espaço para perguntas e os estudantes se manifestaram questionando se seria atribuída alguma pontuação ao final da atividade. Explicamos que no final de toda a sequência de atividades seria atribuída uma nota parcial, que iria compor a nota final do bimestre. Além disso, foi comunicado que distribuiríamos brindes no final da última atividade da sequência didática. Às 9h15 a atividade impressa, com apenas uma questão subjetiva, foi distribuída e estabelecemos um limite de até 35 minutos para a devolução da tarefa. Às 9h21 o primeiro aluno entregou a atividade e às 9h45 todos já haviam respondido à questão proposta.

4.1.2 Segunda etapa – Motivação (3 aulas)

Na quinta-feira, dia 10 de outubro, às 7h40, explicamos que exibiríamos o primeiro episódio da série *Sherlock* (“Um estudo em rosa”), que foi baseado no romance “Um estudo em vermelho”, de Conan Doyle. Utilizamos esse recurso audiovisual com o objetivo de iniciar uma discussão sobre o gênero detetivesco, trabalhar a escuta e a oralidade e aumentar o repertório sociocultural dos alunos e alunas. Antes de reproduzirmos o episódio, entregamos aos alunos uma ficha com algumas informações sobre a série, fizemos uma leitura compartilhada de alguns pontos e tiramos dúvidas acerca da pronúncia de algumas palavras.

Após a exibição, que durou 90 minutos, as seguintes perguntas foram direcionadas, oralmente, aos alunos:

Atividade 1 – Discussão

- 1) Vocês já haviam lido alguma história ou assistido a algum filme com os personagens apresentados no episódio? Caso sim, quem?
- 2) Quais são os personagens principais?
- 3) Quais elementos/ações/situações no episódio justificam o título “Um estudo em rosa”?
- 4) Quais as características físicas e psicológicas mais relevantes dos personagens principais?
- 5) Por meio de quais métodos (dedutivos e/ou puramente científicos) o detetive solucionou o crime?
- 6) A história o/a surpreendeu? Por quê?

Entre uma questão e outra, abríamos espaço para as respostas e indagações dos estudantes. Alguns perguntaram o que significava “relevante”. Explicamos que é “aquilo que tem maior importância, que se sobressai”. Notamos que tiveram algumas dificuldades para responderem as questões 3 e 4, que foram sendo sanadas ao longo do debate. Em seguida, entregamos impressas as perguntas que fizemos oralmente, para que os alunos respondessem por escrito. Às 9h50 todos já haviam devolvido a tarefa. Ao decorrer dessa atividade foi interessante notar que muitos estudantes não haviam entrado em contato com as histórias detetivescas, seja por meio da literatura ou pelo audiovisual, e foi perceptível o entusiasmo da classe a cada charada resolvida pelo detetive Sherlock Holmes.

4.1.3 Terceira etapa – Leitura, compreensão e interpretação do Conto Detetivesco (5 aulas)

Essa etapa foi executada em dias diferentes e foi dividida em duas partes: Conhecendo os autores e criando hipóteses e Leitura, compreensão e interpretação do Conto Detetivesco.

- Parte 1 – Conhecendo os autores e criando hipóteses

No dia 17 de outubro, às 7h40, antes de iniciarmos a leitura do conto “A faixa malhada”, de Arthur Conan Doyle, explicitamos que iríamos conhecer um pouco da história dos autores dos contos que seriam lidos (respectivamente Doyle e Marcos Rey). Foi feita uma leitura compartilhada, que fora iniciada pela professora e continuada pelos estudantes. Após a

leitura, apenas um aluno perguntou onde era localizada a Escócia, local onde Doyle nasceu. Em seguida, sua dúvida foi sanada.

Também nessa sessão, com o propósito de fazermos com que os discentes confrontem e correlacionem as suas impressões iniciais com as ideias desenvolvidas ao longo das narrativas, anotamos no quadro os títulos dos contos que seriam lidos e solicitamos aos discentes que criassem hipóteses acerca do conteúdo que poderia ser relatado nas histórias.

Atividade 2 – Hipóteses com base no título

- 1) Crie hipóteses sobre a relação que pode haver entre o título “A faixa malhada” e a história que será narrada.
- 2) Crie hipóteses sobre a relação que pode haver entre o título “O último cuba-libre” e a história que será narrada.

Alguns alunos perguntaram o que significava “cuba-libre” e o que era uma “faixa malhada”. Explicamos os termos e após cerca de 15 minutos os estudantes começaram a apresentar suas opiniões oralmente, momento que desencadeou um debate introdutório interessante sobre a importância de uma narrativa ter um fato desencadeador. A discussão ocorreu porque vários alunos e alunas, ao fazerem sua exposição oral, disseram que o crime citado por eles como hipótese justificaria o título dos contos, e, segundo eles, esse seria um elemento “interessante”, que chamaria a atenção dos leitores. A professora aproveitou o momento para fazer uma breve explanação sobre o conflito gerador e os elementos da narrativa. Por fim, os discentes registraram seus pontos de vista por escrito, no material impresso entregue pela professora.

• Parte 2 – Leitura, compreensão e interpretação do Conto Detetivesco

Às 8h44 ainda do dia 17 de outubro, como já dito, entregamos duas questões impressas para que os alunos discorressem por escrito, com base apenas nos títulos dos contos de Arthur Conan Doyle e Marcos Rey. A pedido dos estudantes, a leitura foi compartilhada: a professora era o narrador e seis estudantes insistiram em representarem os personagens. Foi notável que alguns discentes tiveram dificuldade em pronunciar algumas palavras, mas, no

geral, isso não atrapalhou a fluidez da leitura. Às 9h56 a leitura foi concluída, seis minutos após o toque para o intervalo, fator que impulsionou certa agitação em alguns alunos.

Após o retorno dos discentes, às 10h15, um pouco depois do toque de encerramento do intervalo, abriu-se espaço para possíveis intervenções, perguntas e comentários sobre a primeira impressão que tiveram sobre o texto. Notamos que, talvez, o mais indicado seria que esse momento acontecesse logo após a leitura, sem interrupções, pois alguns estudantes já haviam esquecido alguns elementos da história. Em seguida, e com base nas considerações feitas, foi entregue aos alunos um material breve sobre o conceito de Conflito gerador de uma narrativa e sua importância para o desencadear da história. O material também contemplava as principais características do conto e, em especial, o conto detetivesco, com a finalidade de fazê-los refletir sobre a presença ou até mesmo ausência desses elementos no texto lido. Diversos estudantes disseram que não sabiam o que era conflito, que não tinham clareza quanto a alguns elementos da narrativa (tempo e espaço) e que não sabiam as diferenças entre o conto e outros textos. Aos poucos as dúvidas foram sendo sanadas.

Logo depois, às 11h02, foi entregue uma atividade escrita, com o intuito de fazer com que os alunos identificassem o conflito gerador do enredo e refletissem sobre os aspectos temáticos, composicionais, enunciativos e subjetivos do texto. Antes de iniciarem a tarefa, explicamos as questões descritas no material e estabelecemos cinquenta minutos para que a tarefa fosse concluída. Ao decorrer da aula algumas dúvidas surgiram, como: “O que é mesmo temática?”, “O que significa predominância de tempo verbal”, “O que é situação inicial e complicação?”. Com base nos trechos do conto, as dúvidas foram pouco a pouco esclarecidas pela professora.

Apenas às 11h56, um pouco depois do toque de encerramento das aulas, todos os estudantes haviam entregue a atividade proposta. Entretanto, às 11h45, cinco minutos antes das aulas encerrarem, entregamos uma tarefa para ser feita em casa: o conto de Marcos Rey para leitura, denominado “O último cuba-libre” (2005), e uma atividade impressa, nos moldes da anterior. O combinado foi que na próxima aula, dia 23 de outubro, os estudantes deveriam trazer o texto e a atividade impressa respondida.

No dia 23 de outubro, quarta-feira, às 7h45, iniciamos a discussão acerca do conto de Marcos Rey e sobre as questões descritas na atividade para casa. Alguns afirmaram que o conto foi mais simples que o primeiro e que foi mais fácil de identificar o conflito na narrativa. Todavia, alguns perguntaram sobre o significado da palavra “certamente”, que estava em uma questão de múltipla escolha. Os estudantes questionaram se indicava “certeza”

ou “probabilidade”. Outros, ainda, não sabiam o significado de “probabilidade”. As dúvidas foram respondidas. Um ponto interessante dessa atividade foram os questionamentos a respeito da questão a seguir, correspondente ao componente enunciativo:

III - COMPONENTE ENUNCIATIVO

Tendo em vista que a história pode ser narrada a partir de um ponto de vista de alguém que participa ou apenas relata os fatos observados, o narrador do conto lido pode ser considerado confiável ou não? Por quê?

Ao responder a questão acima, alguns argumentaram que o narrador era confiável, já que ele era amigo de Sherlock Holmes, outros disseram que não era possível confiar plenamente no narrador, visto que, provavelmente, algumas coisas foram excluídas ou até esquecidas por ele durante o processo de escrita. Os estudantes compararam essa questão a fatos do cotidiano, em que eles mesmos esquecem ou evitam contar partes de algumas situações.

A questão 2, que segue abaixo, do Componente Subjetivo, também levou a uma discussão bastante positiva, pois alguns alunos afirmaram que a mulher não ocupou um papel importante, já que havia cometido um assassinato e não queria assumir; outros disseram que esse era um papel de grande importância, uma vez que sem ela, a história não seria interessante. Às 8h30 a aula foi concluída e as atividades foram entregues.

4.1.4 Quarta etapa – Jogo “A Caixa de Mistérios”, produção de texto e apresentação oral (5 aulas)

Na sexta-feira, dia 25 de outubro de 2019, às 7h45 a aula foi iniciada. Pedimos para que os alunos formassem grupos de até 5 pessoas e entregamos o jogo “A Caixa Mistérios”. Informamos que a partir daquele momento eles eram detetives e haviam recebido uma caixa misteriosa, juntamente com uma carta. O objetivo principal dessa atividade foi aguçar a percepção quanto à importância do conflito para o desenvolvimento das ações na narrativa, assim como promover a liberdade quanto ao uso do horizonte de expectativas dos discentes, a análise sensorial dos objetos multissemióticos que estavam disponíveis em cada caixa e uma produção de texto de caráter mais lúdico.

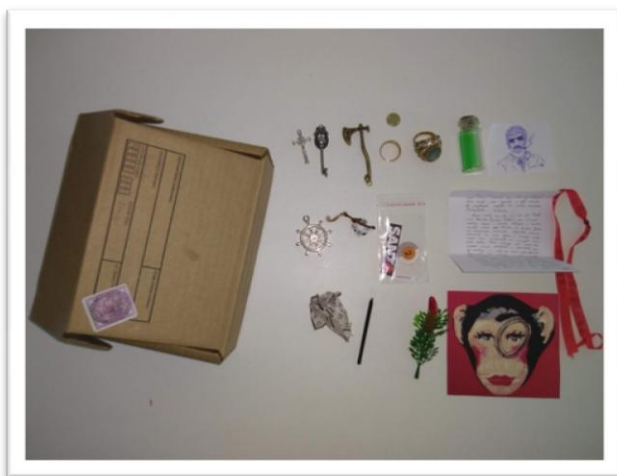
Os materiais utilizados para a confecção do jogo foram:

- Um envelope (com uma carta que continha o **conflito**/mistério a ser desvendado);
- Caixas (de papelão);
- Desenhos ou imagens de pessoas, ambientes e/ou animais;
- Palavras e/ou trechos escritos ou recortados de jornais, revistas caça-palavras, entre outros;
- Objetos diversos¹⁹ (anel, fita, bilhete, elementos em miniatura – não perfurantes, que representem possíveis armas – dados, cartas de baralho, moeda, frasco com perfume ou qualquer outra substância...);
- Uma ficha de investigação criminal (para o planejamento e organização/seleção de informações);
- Uma folha para rascunho.



Figura 1 – caixa e envelopes utilizados

¹⁹Dentro da caixa inserimos um total de 17 elementos, entretanto isso pode variar de acordo com a imaginação do medidor, do gênero textual abordado e dos objetivos do jogo.



Após os estudantes serem divididos em equipes, algumas instruções foram dadas:

Figura 2 – elementos inseridos na caixa

Após os estudantes serem divididos em equipes, algumas instruções foram dadas:

1. A caixa não deveria ser aberta até a carta ser lida completamente;
2. Eles deveriam criar um enredo que justificasse/solucionasse o crime apresentado na carta;
3. Deveriam incluir, coerentemente, em suas narrativas ao menos metade dos elementos inclusos na caixa (que deveriam ser circulados quando utilizados no texto);
4. As equipes poderiam usar qualquer espaço da escola para criarem suas histórias, desde que não interferisse nas aulas das outras turmas.

Em seguida, foi acordado com os alunos que as histórias mais criativas e coerentes com o conflito seriam julgadas por uma banca, formada por alunos de outras turmas e professores, e, por fim, as equipes seriam premiadas, o que causou ainda mais entusiasmo na turma.

Às 8h53 ficou combinado com os estudantes que às 11h todos deveriam estar na sala de aula, já que, pontualmente, às 11h05 deveriam apresentar suas histórias, que seriam julgadas pela banca. Em seguida, cada equipe se dirigiu aos lugares que escolheram mais apropriados para a produção de suas narrativas, alguns ficaram na sala, outros foram para o pátio, corredores e biblioteca. Ao decorrer da atividade, demos assistência às equipes, tirando dúvidas sobre a estrutura do texto, sobre o significado de alguns vocábulos e ainda oferecemos o celular para que alguns alunos e alunas pesquisassem. Por volta das 10h50 os estudantes começaram a voltar para a sala de aula. Às 11h03, antes de iniciarmos as

apresentações, comunicamos que as histórias escritas por eles passariam pelo processo de revisão e reescrita, processos feitos pelos próprios alunos, com a supervisão da professora, e que após a edição seus textos virariam um livro que ficaria disponível na biblioteca. A informação deixou a turma eufórica. Essa reação mostrou a importância de dar significado à produção de texto feita pelos discentes, visto que foi visível, pelos gestos e comentários, o quanto orgulhosos estavam por ter suas histórias disponíveis para que toda a comunidade escolar tivesse acesso. O combinado foi que eles fariam a revisão e a reescrita em casa e os ajustes seriam feitos com a orientação da professora, na aula seguinte. Só após esse repasse de informações que iniciamos as apresentações.

Sem dúvida, esse foi um dos momentos mais gratificantes da intervenção, visto que o conhecimento de mundo dos estudantes era perceptível a cada narração contada. As histórias levaram a turma a expressar diversas gargalhadas, assim como alguns alunos e a banca fizeram comentários acerca da criatividade presente nos textos. A aula foi encerrada com certo atraso, às 12h05, após a entrega dos brindes e do sorteio de um livro de Arthur Conan Doyle.

4.1.5 Quinta etapa – Reescrita e editoração textual (1 aula)

No dia 01 de novembro de 2019, às 7h40, iniciamos a aula. As equipes levaram suas produções textuais e a professora passou por cada uma para tirar dúvidas e ajudar com os ajustes. Ficou combinado que os textos precisariam ser digitados, entretanto, o laboratório de informática da escola não funciona e algumas equipes disseram que tinham acesso à internet e/ou a um computador. Um aluno propôs que sua equipe digitasse pelo aplicativo de mensagens WhatsApp e enviasse para o número da professora. A proposta foi aceita. Duas equipes, que afirmaram não ter nenhum acesso à internet ou a um computador, entregaram seus textos escritos à mão. A professora, posteriormente, iria digitá-los e juntá-los aos demais, para formar o livro de histórias detetivescas do 9º ano A do Colégio Arabela Ribeiro.

Em seguida, devido ao barulho que as equipes estavam fazendo, a professora pediu silêncio e informou que iniciariamos, rapidamente, uma votação para a escolha do nome do livro. Os títulos foram indicados pelos próprios alunos e os finalistas foram: “Um assassinato genial”; “Histórias de detetive: um conflito, cinco finais”; “O caso da morte de Emanuel Jardim”. Com mais de cinquenta por cento dos votos, o título mais votado foi “Histórias de detetive: um conflito, cinco finais”. Às 8h30 essa sessão foi encerrada.

4.1.6 Sexta Etapa – Teste de saída (1 aula)

Ainda no dia 01 de novembro de 2019, às 8h37, informamos aos alunos que eles iriam responder a uma pergunta, por escrito, e que o objetivo era verificar o conhecimento final deles acerca de alguns aspectos da narrativa. Foi comunicado que a professora não poderia interferir em suas respostas nem tirar dúvidas naquela etapa. A atividade impressa foi entregue. Às 8h52 todos os alunos já haviam devolvido a atividade. Nesse momento, encerramos a aplicação da sequência didática.

4.2 Resultados

4.2.1 Sondagem

O Simulado Diagnóstico utilizado como ponto de partida para essa pesquisa foi aplicado no ano de 2017. Nele, foi possível perceber a dificuldade que os alunos do 9º ano A, do Colégio Arabela Ribeiro, tiveram em identificar o Conflito gerador do enredo. Dos 13 descritores analisados, o Descritor 10 (D10) foi o que alunos tiveram menos acertos. Na questão que tratava especificamente sobre o fato desencadeador da narrativa, de 37 alunos, da respectiva turma de 2017, apenas 12 marcaram a alternativa indicada como correta.

A fim de averiguar se a turma do 9ºA, de 2019, também apresentava dificuldades quanto ao D10, tanto na identificação quanto no entendimento da função exercida pelo conflito desencadeador do enredo, aplicamos uma atividade de sondagem no dia 04 de outubro de 2019. Vinte e dois alunos participaram dessa etapa.

A atividade foi composta apenas por uma questão, de caráter subjetivo, para que os estudantes pudessem utilizar todo o seu repertório de maneira singular e sem direcionamentos para respostas adequadas ou inadequadas. Dessa maneira, tudo que foi escrito pôde ser considerado como parte do conhecimento dos alunos. Por razões éticas, e a fim de resguardar a identidade dos discentes, ao longo dessa sessão serão utilizados códigos para indicar o estudante correspondente a cada resposta. Utilizaremos a letra **A**, para designar os alunos, acompanhada pelos **números cardinais** (A1, A2, A3etc.), visando diferenciar cada estudante. A numeração cardinal corresponderá aos alunos na ordem que estão no diário de classe da unidade de ensino, ou seja, na ordem alfabética.

TESTE INICIAL

1) Pense em algumas histórias que você já leu e responda:

- Uma narrativa literária só precisa de personagens ou mais alguma coisa para acontecer/ser desenvolvida de maneira interessante? Justifique sua resposta.

Com base nessa sondagem, poder-se-á notar que os estudantes apresentaram dificuldade em identificar o conflito gerador e os elementos da narrativa. Como é possível conferir nas descrições seguir, alguns citaram de maneira bastante vaga a relevância do “espaço” na elaboração de uma história, outros ressaltaram apenas que a narrativa precisa de outros elementos, todavia, nenhum aluno ou aluna cita o a relevância do conflito gerador do enredo.

A18: *Precisa de uma história, um lugar para acontecer a narrativa junto com os personagens. Porque sem uma história, ou um lugar onde acontece, e a narrativa só fala dos personagens e não tem uma história para contar.*

A4: *Sim. Para desenvolver uma história não precisa apenas de personagens, pois sem outras coisas a história pode acabar não ficando boa, é bom colocar algo a mais que os personagens, até para a pessoa que estiver lendo entender melhor o enredo.*

A1: *Sim, precisa de lugar para saber onde ocorreu a ação, objetos para dá sentido, ação praticada para saber o que de fato aconteceu entre outras coisas.*

A6: *Sim, as histórias são escritas em diversos lugares, não depende só dos personagens, precisa de coisas, cenários, objetos, ideias, nem todas as histórias usa músicas, mas, tem histórias que tem e é normal, é necessário diversas outras coisas precisa em uma história não só depende dos personagens.*

A15: *Não, uma história precisa de muito mais que personagens, precisa de ideia, de imaginação para deixar a história interessante, e precisa de muita criatividade.*

Ao longo das respostas percebe-se que os estudantes defendem a ideia de que uma história somente com personagens não é suficientemente atrativa, alguns citam a necessidade de haver de “um lugar para acontecer” (A1) as ações, outros que precisa de “coisa, cenários, objetos, ideias” (A3) ou até mesmo “de imaginação para deixar a história interessante” (A5). Dos vinte e dois estudantes, apenas um, A6, citou a necessidade de existir “obstáculos” para que a narrativa “tenha emoção”.

A26: *Precisa. Na história precisa de obstáculos para o personagem, para que tenha emoção para pessoa se divertir enquanto ler, pra pessoa não se entediar.*

Ao analisar as vinte e duas respostas desse teste de sondagem, fica claro que a grande maioria dos estudantes entende que não basta que uma história tenha personagens para que seja atraente, interessante, entretanto, eles não sabem conceituar exatamente os elementos necessários inerentes a uma narrativa literária. De acordo com o Currículo de Sergipe (2019), do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental Maior o aluno deve ter a capacidade de

Identificar, em narrativas de autores locais/regionais/nacionais, cenário, personagem central, conflito gerador, resolução e o ponto de vista com base no qual histórias são narradas, diferenciando narrativas em primeira e terceira pessoas.” (SERGIPE, 2018, p. 329)

Todavia, é perceptível que os estudantes que participaram dessa pesquisa, mesmo pertencentes à série final do Ensino Fundamental Maior, não desenvolveram totalmente essa habilidade, fato que os prejudica progressivamente em tarefas de compreensão, análise e síntese de textos narrativos. Na linha do conhecimento cognitivo, antes do estudante ter a capacidade de “identificar” determinada informação em um texto, é essencial que ele saiba “nomear”, “conceituar”, “definir”, portanto, se os alunos do 9º ano A não dominam essas habilidades, certamente, teriam dificuldade em “identificar”, “descrever”, “examinar” textos literários narrativos. E, de fato, essa deficiência foi confirmada no teste de sondagem: eles não conseguiram nomear os elementos básicos que compõem uma narrativa, apesar de indicarem a necessidade de haver outros componentes além dos personagens na construção de um enredo.

4.2.2 Atividade 1

Ao exibir o primeiro episódio da série *Sherlock*, o objetivo principal foi motivar os alunos, para que eles entrassem em contato com as histórias detetivescas e, assim, aumentasse o repertório sociocultural dos estudantes. Outrossim, fizemos algumas perguntas para que os alunos respondessem oralmente e, depois, passassem suas assertivas, de maneira mais consciente, para a atividade impressa. Ressaltamos que as questões orais eram iguais às da atividade impressa, visto que a ideia inicial era discutir as perguntas, a partir do conhecimento individual de cada estudante, e amadurecer as concepções ao longo da discussão. Ao decorrer dessa tarefa, percebemos a dificuldade que alguns discentes tiveram com a questão 5, descrita a seguir:

ATIVIDADE 1

- 5) Por meio de quais métodos (dedutivos e/ou puramente científicos) o detetive solucionou o crime?

Inicialmente, na discussão oral, alguns alunos tiveram dificuldade em entender o que seriam os métodos dedutivo e científico, por isso, discutimos e enfatizamos esses conceitos. Essa discussão, claramente, ajudou os estudantes a desenvolver suas respostas na atividade impressa, como é possível notar nas descrições abaixo:

A24: *Ele usou método dedutivo, vendo as pequenas pistas.*

A15: *Os dois.*

A11: *dedutivo. Com a forma dele pensa e achar pistas pequenas e soluciona o crime.*

A25: *Observando o corpo da vítima, deduzindo que havia uma mala e um assassino.*

A16: *A suas observações da cena do crime, a sua dedução e sim ele descobre tudo que aconteceu.*

Nessa atividade, a grande maioria respondeu que o método utilizado pelo detetive foi apenas o dedutivo, ou seja, a capacidade de Holmes, apresentada no episódio, de manipular substâncias e desenvolver teorias com base na ciência foi menos significativa para os

estudantes. Isso, provavelmente, indica que a habilidade de Sherlock Holmes que mais chamou a atenção dos alunos foi sua singular capacidade de analisar minuciosamente as pessoas, os ambientes e os detalhes que envolvem a história. De qualquer modo, esse foi um momento importante para inserir os estudantes no universo das histórias detetivescas.

Além disso, ao analisarmos as respostas dadas à questão 6, que pedia para que os discentes dissessem se acharam ou não a história surpreendente, percebemos que muitos alunos usaram as palavras “incrível”, “interessante” e “fantástico” para descrever o episódio (como é perceptível nas descrições abaixo), e consideramos esse um *feedback* muito positivo para o encaminhamento da sequência didática.

A25: *Sim. Porque a habilidade dele de saber da maioria das coisas só pelo olhar, só ao observar é incrível.*

A6: *Sim, por que é interessante, tem muito suspense, drama.*

A27: *sim, porque é fantástico o jeito, a forma que ele consegue descobrir coisas sobre as pessoas.*

A10: *Sim. Pela forma que Sherlock resolveu o caso apenas deduzindo.*

A21: *Sim, por mostrar como nos mínimos detalhes podemos ver a vida de uma pessoa diante dos nosso olhos.*

Com base nas respostas, percebe-se o entusiasmo de alguns estudantes ao entrarem em contato com esse tipo de narrativa, assim como a conscientização de alguns, por meio da figura de Sherlock Holmes, quanto às informações disponíveis nas mais diversas linguagens que permeiam o nosso cotidiano. Sem dúvida, esse foi um resultado muito positivo coletado ao final dessa sessão.

4.2.3 Atividade 2

A atividade 2 foi bastante sintética, pois nela apresentamos os autores dos contos que seriam trabalhados, Arthur Conan Doyle e Marcos Rey, e pedimos para que os alunos criassem hipóteses, com base apenas nos títulos dos contos, sobre as possíveis temáticas abordadas nas narrativas detetivescas que seriam lidas.

Os títulos que embasaram a atividade foram “A faixa manchada”, de Doyle, e “O último cuba-livre”, de Rey. Notamos que as hipóteses criadas pelos alunos foram bastante variadas, mas a grande maioria afirmou que a faixa manchada, que deu nome ao conto, foi o objeto usado pelo assassino para cometer o crime ou foi um detalhe deixado na cena, que serviu de pista para o detetive. Já sobre “O último cuba-livre”, muitos disseram que a vítima foi envenenada ao tomar a bebida, como é possível confirmar nas descrições a seguir.

Atividade 2 – Hipóteses com base no título

Questão 1

Crie hipóteses sobre a relação que pode haver entre o título “A faixa manchada” e a história que será narrada.

A25: *Como é uma história de detetive, pode ser que uma faixa manchada de sangue ou qualquer outra coisa possa ter ajudado a desvendar o crime. Ou tenha sido a arma do crime*

A18: *A hipótese é que o título tem a ver com a mulher que foi morta por causa de uma discussão com uma suposta pessoa, e que acabou matando ela na forca feita com a faixa da mulher que estava no pescoço.*

A10: *Provavelmente o pedaço de pano seja da vítima, ou, o assassino tem um costume de deixa faixas em suas vítimas, como um sinal que ele passou por ali.*

A27: *Ele tem esse título porque supostamente aconteceu um sequestro e acharam uma faixa toda manchada de sangue aonde aconteceu o sequestro com um empresário famoso.*

A4: *Uma mulher que foi encontrada morta por um detetive que tinha uma faixa no cabelo que estava manchada de sangue.*

Questão 2

2) Crie hipóteses sobre a relação que pode haver entre o título “O último cuba-livre” e a história que será narrada.

A25: *Alguém poderia estar tentando envenenar outra pessoa através do cubalibre, um*

veneno diferente, difícil de identificar.

A18: *A relação é que a história se passa em um homem que bebeu demais cubalibre, e ele resolveu de ir para casa com seu carro que estava fora do bar. E depois de pegar o carro, um sujeito acabou aparecendo por trás dele e o esfaqueando friamente sem nenhum motivo naquele momento.*

A10: *Imagino que a bebida esteja venenada e que a vítima a bebeu.*

A27: *Esse título é como se a história fosse contada que supostamente tinha acontecido algum assassinato em um bar com um cara que era irmão do dono do bar.*

A4: *O detetive chegou no prédio onde tinha um homem morto com um cubalibre na mão, ele (o detetive) ainda está desvendando o caso.*

Nota-se que, ao criar as hipóteses a partir do título, os estudantes descrevem, mesmo que inconscientemente, situações que poderiam ser fatos desencadeadores da narrativa, isto é, um possível conflito gerador. Consideramos essa prática positiva, pois além de dar margem para o horizonte de expectativas de cada aluno, as respostas descritas em cada questão impulsionaram, após os estudantes oralmente lerem suas opiniões, uma discussão acerca da importância do conflito gerador para que as histórias despertem a atenção do leitor.

4.2.4 Atividade 3

Essa atividade foi feita após a exposição dialogada sobre o conflito gerador do enredo e sobre gênero Conto Detetivesco. A tarefa impressa, entregue após a leitura do conto “Afaixa malhada”, de Arthur Conan Doyle, foi dividida em quatro campos: temático, composicional, enunciativo e subjetivo. Os alunos tiveram certa facilidade em responder a maioria das questões do componente temático (caracterização e função das personagens no enredo, assim como identificar a temática abordada), todavia, sentiram uma dificuldade inicial em responder parte das questões do componente composicional, como identificar a situação inicial, a complicação e a situação final. Após algumas explicações individuais, as dúvidas foram esclarecidas e as questões respondidas com mais facilidade.

Entretanto, o objetivo principal da atividade foi aguçar o olhar dos discentes acerca do conflito gerador do enredo, mas também, como exposto, foi possível colocar em discussão

outros elementos, como a confiabilidade do narrador, o papel exercido pela mulher na narrativa e as sensações geradas nos estudantes ao decorrer da leitura.

A questão 3, do componente temático, solicitava que os alunos e alunas identificassem o conflito gerador da do conto “A faixa malhada”:

I – COMPONENTE TEMÁTICO

3. Qual o conflito gerador desencadeador da narrativa?

A atividade foi de suma importância, visto que, com ela, confirmamos a ideia de que a leitura atrelada aos exercícios – orais e escritos – é um casamento indispensável em sala de aula, pois esses degraus são fundamentais para que haja a união da teoria à prática. Então apesar de termos discutido e tirado dúvidas acerca do conflito, a pergunta acima ainda gerou alguns questionamentos e dificuldades no alunado, visto que de vinte e três alunos presentes, dois não conseguiram, de maneira nenhuma, discorrer sobre a questão, deixando-a em branco. Os outros vinte e um estudantes responderam de maneiras diferenciadas, mas, como é possível conferir as amostras a seguir, todas as respostas estavam relacionadas ao assassinato de Julia Stoner e ao medo que levou sua irmã, Helen Stoner, a procurar Sherlock Holmes.

A4: *A morte de Julia e o fato de Helen ter ido procurar Holmes.*

A10: *A Sra. Stoner vai até Sherlock Holmes pedir ajuda, encontrar o assassino de sua irmã.*

A9: *A Sra. Helen Stoner ter procurado Holmes para solucionar a morte de sua irmã.*

A6: *A morte de Julia*

A16: *A morte misteriosa de Julia Stoner.*

A variação de resposta sofre a interferência de diversas questões: nível de complexidade do texto, entendimento da pergunta, domínio do conteúdo abordado, conhecimento linguístico, atenção no processo de leitura. Entretanto, constata-se que houve uma percepção inicial dos estudantes quanto às situações relacionadas ao conflito, e esse resultado já é bastante positivo.

As repostas às questões a seguir, de caráter enunciativo e subjetivo, também chamaram a atenção:

III – COMPONENTE ENUNCIATIVO

Tendo em vista que a história pode ser narrada a partir do ponto de vista de alguém que participa ou apenas relata os fatos observados, o narrador do conto lido pode ser considerado confiável ou não? Por quê?

IV – COMPONENTE SUBJETIVO

Em sua opinião, as mulheres ocupam papéis importantes nesse conto? Como elas se caracterizam? Explique.

Você acha que o criminoso ou criminosa, ao cometer o delito, pensou nas consequências geradas a partir do seu ato?

Com relação ao componente enunciativo, que versava sobre a confiabilidade do narrador, os alunos responderam:

A15: *Sim, porque ele está falando de tudo o que já aconteceu.*

A27: *Não. Porque em algumas partes é difícil de entender o raciocínio pois ele anula algumas coisas.*

A23: *Sim, porque ele é amigo fiel de Sherlock.*

A11: *Sim, porque ele era o ajudante de Sherlock.*

A9: *Não, porque esse foi o ponto de vista dele, e poderia ter outros pontos de vista diferentes.*

O debate acerca da confiança na narrativa contada por Watson foi bastante produtivo, dado que parte da turma se posicionava a favor, sob a perspectiva de que Watson era amigo de Holmes. Outros argumentaram contra, como o A9 e o A27, defendendo a ideia de que parte da história pode ter sido omitida ou até mesmo que os pontos de vista são diferentes, a depender de quem observa ou vive a situação.

Já sobre o papel da mulher na narrativa, as respostas foram divididas, alguns analisaram a questão apenas a partir do papel de destaque desempenhado pela personagem Helen Stoner na narrativa, outros entenderam as limitações e opressões que as personagens, Helen e sua irmã, sofriam no contexto em que estavam inseridas. Essas divergências foram relevantes, pois o debate possibilitou uma troca de impressões e conhecimentos entre a professora, que mediava a discussão, e os estudantes. Com base nas perguntas “Em sua opinião, as mulheres ocupam papéis importantes na narrativa? Como elas se caracterizam? Explique.”, os discentes responderam:

A4: *Não. Elas são dependentes dos homens para terem dinheiro.*

A9: *Sim, a irmã de Helen foi a vítima, e Helen procurou Sherlock, contou tudo e os ajudou a entrar na cena do crime.*

A3: *Não achei, pra mim o ponto mais importante foi os papéis do homem.*

A6: *Sim, a Sra. Stoner é uma das principais personagens, ela explica como foi a morte de sua irmã etc.*

A16: *Não, elas só podem ter acesso ao dinheiro se o padrasto permitir.*

Como exposto acima, alguns alunos se atentaram para o protagonismo exercido pelos homens na narrativa, assim como para a opressão sofrida pelas irmãs Stoner. Outros, consideraram um ato de inteligência o fato de Helen Stoner ir em busca de ajuda quando se sentiu ameaçada, entretanto, nenhum aluno comentou por escrito sobre a violência física sofrida pela enteada do Dr. Roylott, esse ponto só foi discutido oralmente.

Por fim, o aspecto social também foi bastante pertinente nessa etapa, visto que levou os alunos à reflexão com base na indagação: “Você acha que o criminoso ou a criminosa, ao cometer o delito, pensou nas consequências geradas a partir do seu ato?”. Todos os alunos responderam negativamente, como é possível conferir nas respostas abaixo:

A16: *Não porque estava pensando no dinheiro.*

A27: *Acredito que não. Receio de que só pensou nos benefícios. O dinheiro que iria ficar todo para ele.*

A23: *Não, porque se ele tivesse pensado ele não seria picado pela cobra, ele procuraria meios para sobreviver.*

A11: *Não. Porque ele achava que ninguém irá descobrir que ele iria o culpado.*

A5: *Não. Porque ele só queria o dinheiro de Julia e da Srta. Stoner, mas acabou morrendo.*

Com fundamento nas descrições acima, fica claro que, para os alunos, o crime praticado no conto não foi algo compensatório. Pelo caráter humanizador da literatura, esse tipo de reflexão pode transbordar para as relações sociais, fazendo com que os alunos pensem de maneira mais consciente nas consequências ocasionadas pelos seus atos.

4.2.5 Atividade 4

Essa tarefa seguiu a mesma logística que a da atividade anterior, só que teve como base o conto “O último cuba-libre”, de Marcos Rey. Talvez pela prática e análise exercidas anteriormente, a condução dessa sessão pareceu mais simples e eficaz, visto que os alunos não tinham tantas dúvidas e conseguiram identificar com facilidade o conflito gerador da narrativa, assim como alguns elementos composicionais. Como será possível observar nos exemplos descritos a seguir, os estudantes não tiveram tanta dificuldade em perceber o fato desencadeador da narrativa, já que todos citaram, mesmo que de maneiras singulares, que a morte do cantor Júlio Barrios foi o fato desencadeador da narrativa.

A27: *A morte de Júlio Barrios.*

A4: *As ligações que Júlio recebia e a sua morte.*

A6: *A morte de Júlio.*

A26: *O fato em que a mulher foi “conversar” com o detetive e acabou falando algo que não devia/ A morte de Júlio Barrios, marido de Estela.*

A9: *a morte Júlio Barrios.*

A questão sobre o componente enunciativo, isto é, sobre a confiabilidade dos fatos narrados, mais uma vez obteve respostas interessantes. Entretanto, como transparece nas

descrições a seguir, nenhum aluno envolvido nessa atividade considerou a narração “não confiável”. As respostas se dividiram em narrador “confiável” ou “mais confiável”.

A9: Sim pode ser mais confiável, porque o narrador observador, sabe mais que o narrador personagem.

A7: Sim. Porque ele fala todos os detalhes.

A5: Sim. Porque ele não tem interesse em ser o papel principal.

A15: Sim, porque ele relata fatos observados.

A24: Sim, porque ele só observa.

Na questão do componente subjetivo, que questionava se “o criminoso ou a criminosa, ao cometer o delito, pensou nas consequências geradas a partir do seu ato?”, os alunos maciçamente afirmaram que “não” ou que “não, pois Estela agiu por impulso”. Já na pergunta acerca do papel da mulher na narrativa, os discentes responderam:

A9: Sim, porque umas delas é a assassina da história.

A5: Não, porque algumas são abandonadas por Júlio e Estela é uma criminosa.

A7: Sim, porque ela fez tudo matou e colocou provas para não ser ela a culpada.

A4: Não. Pois elas sempre eram largadas por Júlio.

A27: Acredito que não. A mulher sai como a traída e a assassina da história.

A partir dessas respostas, percebe-se a conscientização de alguns alunos acerca do papel exercido ou designado para as mulheres no texto: traída, assassina, enganada, manipuladora. Para alguns estudantes, o fato de Estela Lins ser a assassina foi algo que deu protagonismo à mulher, para outros esse foi um aspecto negativo, que deprecia ainda mais a imagem feminina (A5). Considerando o todo, as discussões foram produtivas e as atividades despertaram nos alunos um olhar mais crítico sobre o texto literário e sobre a realidade que os cerca.

4.2.6 Atividade 5

Essa etapa foi composta por três partes: atividade lúdica, produção e apresentação dos textos criados. Sem dúvida, foi um dos momentos mais empolgantes da sequência didática, pois todos os alunos participaram das atividades de maneira bastante animada. A carta, que continha o conflito gerador, foi entregue aos grupos juntamente com a “Caixa de Mistérios”, repleta de objetos que poderiam ser interpretados de acordo com as experiências e a imaginação de cada equipe. A metodologia utilizada nessa etapa visava despertar o conhecimento de mundo dos discentes, assim como aguçar a criatividade, o trabalho em equipe e oferecer um momento para que a turma tivesse autonomia para ocupar os espaços da escola que oferecesse mais conforto e tranquilidade durante a produção de texto. Por fim, cinco histórias foram elaboradas e apresentadas à banca, composta por alunos do ensino médio e professores da unidade de ensino, que escolherem as narrativas mais criativas e premiaram todos estudantes com brindes. Ainda, foi sorteado para a turma um livro com as aventuras de Sherlock Holmes. Visando dar significado à escrita dos alunos, após a editoração final esse material vai um livro²⁰ que ficará disponível na biblioteca da escola para que todos tenham acesso.



Figura 4 – aplicação do jogo “A caixa de mistérios”

4.2.7 Teste final

O teste final foi bastante surpreendente devido aos resultados alcançados ao longo de todo o processo. Inicialmente, ao aplicarmos o teste de sondagem, constatamos que os estudantes não tinham um conhecimento considerável acerca da presença e importância do conflito gerador do enredo. Entretanto, no teste final, de vinte e cinco alunos participantes,

²⁰ As histórias estão anexadas no final deste trabalho.

vinte e dois responderam à pergunta abaixo ressaltando o papel fundamental exercido pelo conflito em uma narrativa.

TESTE FINAL

- 1) Uma narrativa é contada por alguém, acontece em um lugar, envolve personagens, e ocorre em uma época. O que mais é necessário para que uma narrativa de desenvolva? Explique.

RESPOSTAS

A2: *Conflito, porque se não tivesse conflito não seria uma história interessante.*

A3: *O conflito, que é o necessário para deixa a história interessante e que se não fosse por isso não teríamos vontade de ler as histórias.*

A4: *A história também precisa de um clímax, de um ou mais conflitos e ser coerente. A história sem um conflito fica sem graça, por isso é preciso ter para render uma boa história. Precisa ser coerente para fazer sentido.*

A5: *É necessário também que tenha um sentido, um clímax, um conflito, o princípio e o fim. Porque uma história que não tem nada disso é uma história chata.*

A6: *Conflito, porque sem um conflito não tem história, a história se torna uma coisa vaga, sem sentido e sem graça.*

A7: *Um conflito, para que a história se desenvolva, como um assassinato, um sumiço, para que a história possa girar em torno.*

A9: *Um conflito, porque sem um conflito a narrativa não se desenvolve, não traz interesse ao leitor, sem ele fica uma coisa vaga e sem interesse.*

A10: *Conflito, porquê sem ele não terá graça na história e não haverá o clímax, assim não chamará a atenção do leitor.*

A11: *Ela precisa que tenha um conflito, para que a história tenha sentido e que ela de vontade de ler.*

A12: *Personagem, lugar, tempo, queima, confronto. Os personagens são o que pratica*

algum. Lugar é onde ocorre a narrativa. Tempo onde é qual época é ano onde ocorre a narrativa. Confronto alguma coisa interessante para a narrativa onde é inçesial que tenha na história.

A13: *conflito, É um objeto que tem em toda história e para ser uma história precisa de conflito.*

A14: *Falta o conflito = porque se na história não seria boa e menos interessante. O conflito é muito importante em uma história.*

A15: *Precisa de um conflito para que a história seja interessante e seja desenvolvida.*

A16: *Sim pelo narrador, Sim envolve personagens, sim ocorre quando acontece algo importante, um fato algo fora do comum.*

A17: *Sim. Um narrador pra narra a história e para juntar os acontecimentos e para ter uma história boa e narrada completamente.*

A18: *Conflito, porque sem conflito não acontece a narrativa completa.*

A19: *Tempo, conflito, personagem, por que em uma história tem que ter conflito.*

A20: *tempo, conflito, personagem, lugar. Porque uma história sem conflito não é uma história. Porque não ia ser uma história importante.*

A21: *É importante que a narrativa possua o conflito/ Uma situação não comum ou uma que chama a tensão de quem lê.*

A22: *Por quem tem um conflito pra ter mais emoções para o leitor continuar lendo e também um clima porque tem partes da narrativa que pode botar no verão ou no inverno para a narrativa ficar melhor.*

A23: *Precisa do famoso clímax que é o índice da história, ou seja, o início da história, um resumo, há também o conflito, porque sem esse conflito a história não teria sentido e também os leitores não iria se interessar pela leitura.*

A24: *Precisa ter o conflito para que a história tenha emoção.*

A25: *O clímax e principalmente o conflito. Sem o conflito não existe história, ele é o gerador*

da história, é o que torna a história interessante.

A26: *Um clima porquê tem que ter um clima mais tenso para ter que ficar mais interessante. E também o conflito, as partes que tem conflito são as melhores partes de uma narrativa para quem está lendo para o leitor ficar mais ansioso para ter um final muito tenso.*

A27: *Um conflito, porque sem ele a história vai ficar sem sentido, e não vai ser interessante pra que ler ela, sem conflito não fica interessante.*

Durante essa atividade não houve consulta por parte dos discentes a nenhum material, assim como não houve interferência da professora para dar explicações ou tirar dúvidas. Mesmo que de maneiras distintas e com alguns problemas de ordem ortográfica e gramatical, ao afirmar que o conflito é necessário porque “deixa a história mais interessante” (A3) ou que “a história sem o conflito fica sem graça” (A4), os estudantes demonstram que houve efetividade no desenvolvimento da proposta pedagógica, pois compreenderam o que é e qual a função que o conflito exerce em uma narrativa.

O nosso objetivo, ao criar essa proposta intervencionista, não era quantitativo, mas sim desenvolver uma sequência que preze pela qualidade da aprendizagem, isto é, compor uma proposta de atividades que possibilitasse aos alunos o entendimento dos componentes básicos que envolvem a narrativa e o gênero textual proposto, os contos detetivescos. Apesar de ter sido uma proposta de intervenção longa, e às vezes cansativa, o resultado final foi muito feliz, por assim dizer, visto que foi bastante gratificante acompanhar todo o processo de aprendizagem, o envolvimento dos estudantes e o entusiasmo causado pelas histórias de detetive.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura, sem dúvida, não é só fonte de lazer, ela educa e humaniza, sendo uma rica mina de conhecimento para os indivíduos. Trabalhar na área da educação é ter a possibilidade de converter cenários de preconceitos, desigualdades e distopias que pouco a pouco estão sendo naturalizadas pela sociedade. Enxergar a literatura como material indispensável na sala de aula é dar a chance aos estudantes de adentrarem na vida de diversos personagens e viverem suas emoções, é conhecer e sentir lugares que nunca foram visitados, é adquirir experiência por meio do intelecto e da fantasia. Por isso, no presente trabalho, à luz de alguns

documentos norteadores da educação, optou-se por trabalhar um componente literário, isto é, o conflito gerador da narrativa, e oferecer aos alunos o acesso às histórias de detetive, gênero textual que poderá ajudar a desenvolver habilidades, competências e percepções sobre a arte literária e sobre o mundo.

O conflito não é só um fato que impulsiona uma narrativa literária, ele está presente no dia a dia das pessoas, no descompasso do mundo, nas descobertas científicas, nas derrotas amargas que impulsionam grandes revoluções. O conflito pode ser de ordem social, psicológica, física ou pessoal, mas decerto se prolifera nos diversos setores da vida humana, como um impulsionador de ações, não somente como uma fonte de tristezas ou amarguras. Fazer com que os alunos e alunas enxerguem o valor humanizador desse elemento a partir da literatura é abrir uma porta para o amadurecimento literário, emocional e social.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas no processo que envolve a aprendizagem, os resultados obtidos em cada etapa da sequência didática demonstraram que o ato de ensinar é um processo, é maturação e adequação às diversas situações de ensino, e sem um trabalho consciente, pautado nos objetivos a serem alcançados e nas habilidades a serem desenvolvidas, torna-se difícil avançar pedagogicamente. Como enfatiza Leahy-Dios,

[...] na maioria das salas de aula os textos canônicos são estudados silenciosamente e passivamente como verdades e saberes já digeridos, com alunos espectadores não participantes daquela *cultura* superior que lhes é apresentada como uso exemplar da língua, objeto inacessível e modelo de veneração e respeito. (LEAHY-DIOS, 2001, p. 56)

Ao seguir a linha de pensamento de Dios, pode-se afirmar que mesmo em um contexto de constantes avanços tecnológicos, os estudantes ainda são vistos como espectadores de “verdades e saberes já digeridos”, e, devido a diversos fatores de ordem educacional, financeira, familiar e emocional, não é fácil para o corpo docente modificar suas práticas pedagógicas, visto que o descaso com a educação e com a formação continuada do professor ultrapassa décadas. Entretanto, ao escolher uma carreira de ordem educacional, implicitamente carrega-se um juramento, um compromisso que deve ser impulsionador de novas práticas e métodos de aprendizagem: a possibilidade de mudar vidas por meio do conhecimento. De fato, esse não é um voto fácil de ser efetivado, todavia, o cumprimento desse princípio (regado por muitas dúvidas, empecilhos e superação) é um dos mais promissores caminhos para a construção de um país mais justo, desperto, que valora a primordial função do professor na sociedade e reconhece o poder da educação.

Logo, a experiência adquirida e os resultados obtidos ao longo de todo o processo de aplicação da sequência didática aqui proposta confirmaram a necessidade de planejamento das ações educacionais, visto que, ao executar a sequência de atividades, obtivemos frutos gratificantes, mesmo diante de um tema desafiador como o conflito desencadeador da narrativa, elemento ainda pouco pesquisado e debatido. Além disso, tivemos a preocupação de construirmos uma proposta com etapas adaptáveis, que poderá ser utilizada em diversas séries, desde que seja considerado o conhecimento prévio dos estudantes, e a sequência seja reorganizada com base nos objetivos a serem alcançados. Salientamos que a modelagem da SD deve ser pautada nas habilidades e competências a serem atingidas pelos discentes, sendo assim, os resultados estarão de acordo com o processo adotado por cada docente. Esperamos que cada etapa seja uma saborosa descoberta tanto para os professores quanto para os alunos.

Por fim, ressaltamos que foram as dúvidas e o desafio de trabalhar com o conflito que impulsionaram a elaboração de uma proposta intervencionista que não só considera a análise linguística/semiótica, mas a leitura sob o viés sociointeracionista, a produção textual e a reflexão sobre temas urgentes, como o lugar da mulher na sociedade. Ao longo do processo, buscamos também aguçar no estudante o olhar sobre a complexa tecitura verossímil do texto literário e suas conexões com a realidade, afinal, um dos maiores preceitos da educação é a formação de sujeitos ativos, com consciência cidadã e transformadores da sociedade. Sem dúvida, o percurso foi deleitoso e os resultados gratificantes. Esperamos que assim seja para todos e todas que aceitarem o desafio de ser professor(a).

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BOSI, Alfredo (org.). **O conto brasileiro contemporâneo**. 14. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: < 568 http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa** /Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos. In: _____. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 9-16.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: _____. **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CARVALHO, Pablo Itaboray de. **Jogando com o policial**: uma proposta de ampliação do repertório do jovem leitor. 2018. 152f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras, 2018.

CHRISTIE, Agatha. **Assassinato no Expresso Oriente**. Tradução de Archibaldo Figueira. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

CORTÁZAR, Júlio. **Valise de cronópio**. Tradução de Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1993.

COSTA-HÜBES, T. da C. concepção de leitura na sequência didática. In: **Anais da 13ª JELL** – Jornada de Estudos Linguísticos e Literários. Leitura e seus desdobramentos. Marechal Cândido Rondon, PR: EDUNIOESTE, 2010. p.247-256.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2009.

COUTINHO, Maria Antónia; JORGE, Noémia; TANTO, Camile. Para um modelo didático do conto policial. **Calidoscópio**, São Leopoldo, v. 10, n.1, p.24-32, jan./abr. 2012.

DOCHERTY, B. **American Crime Fiction. Studies in the genre**. Basingstoke: MacMillan, 1988.

DOYLE, Conan et al. Sherlock Holmes à beira da morte. In: **Para gostar de ler**. Tradução de Denise Valença Bertacini. São Paulo: Ática, 2006.

FOUCAMBERT, Jean. **A criança, o professor e a leitura**. Tradução de Marleine Cohen e Carlos Mendes Rosa. Porto Alegre: Artes Médica, 1997.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

GOTLIB, Nádia Battela. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1990.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. 5. ed. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ISER, W. A Interação do Texto com o Leitor. In: LIMA, L. C (Org.). **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ISER, W. O jogo do texto. In: LIMA, L. C. (Org.). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da literatura em suas fontes**. 3. ed. Tradução de Heidrun Krieger Olinto e de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 3, cap. 31, p.955-987.

IRWIN, John T. **The mystery to a solution – Poe, Borges, and the analytic detective story**. Baltimore and London: The John's Hopkins University Press, 1996.

JAUSS, H. R. A Estética da Recepção: colocações gerais. In: LIMA, L. C (Org.). **A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LEFFA, J. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

LIMA, Anacyara Celly da Silva. **Formação de leitores por meio dos contos policiais de Sherlock Holmes**: uma proposta de letramento literário. 2018. 100f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras – PROFLETRAS. Rio Grande do Norte, 2018.

LIMA, Cristiane Medeiros. **Os contos de crime e mistério numa proposta para o ensino da oralidade em Língua e Literatura**. 2009. 41f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Porto Alegre, 2009.

MATIAS, Marcus Vinicius. **Cicatrizes urbanas**: narrativas da violência na ficção detetivesca. 2013. 153f, Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Letras, Maceió, 2013.

MAZZONI, VanildaSalignac. **A escrita feminina**: em busca de uma teoria. Disponível em: <www.ufac.br/portal/unidades-administrativas/orgaos...de.../a-escrita-feminina>. Acesso em: 20 maio 2016

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. São Paulo: Cultrix, 1997.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**: imitação jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro, LTC, 1990.

POE, Edgar Allan. **Contos**. Tradução da Editora Globo. São Paulo: Editora Três, 1974.

POE, Edgar Allan Poe. Review of Twice told tales. In: MAY, Charles E. (Org.). **Short story theories**. 2.ed. Athens: Ohio University Press, 1976.

REIMÃO, Sandra Lúcia. **O que é um romance policial**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

REY, Marcos. “O último cuba-libre”. In: COSTA, Flávio Moreira da. **Crime feito em casa: contos policiais brasileiros**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 2005.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SERGIPE. Secretaria de Estado da Educação. **Referencial Curricular do Estado**. Aracaju: Segrase, 2011.


SERGIPE. Secretaria de Estado da Educação. **Currículo de Sergipe: integrar e construir**. Aracaju, 2018.

SIMENON, Georges. **Maigret sai em viagem**. Tradução de Alessandro Zir. Porto Alegre: L&PM, 2011.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectivas, 2003.

APÊNDICE – Caderno pedagógico completo



Universidade Federal de Sergipe
PROFLETRAS – UFS

ENTRE CONFLITOS E MISTÉRIOS:

COMO ENSINAR O CONFLITO GERADOR DO ENREDO?

Sequência Didática Completa

IZABELLA DA CONCEIÇÃO ARAÚJO

São Cristovão/SE –2020

APRESENTAÇÃO

Prezados professores e professoras,

Não é novidade que a literatura é um recurso valioso dentro e fora da sala de aula: ela humaniza e faz transbordar de emoção o coração de leitores e leitoras, conectando-os ao invisível e à sensibilidade escondida em um mundo cada vez mais monocromático. Todavia, além de ser um instrumento lúdico e catártico, a literatura é paradigmática, pois transgride, denuncia, educa, amplia o senso crítico de quem lê e desenvolve a competência leitora; por isso, ela deve ser um objeto pedagógico de grande valia e indispensável nas aulas de Língua Portuguesa. Mas em meio a uma rotina tão árdua para a classe docente, como trabalhar com o campo artístico-literário, uma área que envolve os componentes temático, estilístico e composicional, de maneira mais leve, eficaz e especializada, com foco nos objetivos a serem alcançados em sala de aula? Os Cadernos Pedagógicos e Objetos de Aprendizagem elaborados pelo Profletras, Mestrado Profissional em Letras, têm esse propósito: desenvolver práticas pedagógicas que ajudem, processualmente, o professor a potencializar suas aulas e a alcançar resultados mais efetivos na área de Linguagens e Letramentos.

Nesse Caderno Pedagógico, especificamente, buscamos desenvolver e apresentar uma Sequência Didática (SD) que ajude professores e estudantes a compreenderem melhor a função e a importância do conflito gerador da narrativa, um componente descrito na Matriz de Referência de Língua Portuguesa do Saeb²¹, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)²² e em grande parte dos currículos estaduais. Para isso, teremos como base o gênero textual Conto de Detetive e utilizaremos recursos que vão além das atividades de leitura e compreensão de texto, como o audiovisual e o lúdico.

²¹De acordo com o descritor 10 da Matriz de Referência de Língua Portuguesa do Saeb, o estudante no 9º ano do Ensino Fundamental deve “Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa”. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/educacao-basica/saeb/matrizes-e-escalas>. Acesso em: 7 jun. 2019.

²²Segundo a Base Nacional Comum Curricular, nos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º e 2º anos), os estudantes já devem, mesmo que de maneira básica, “(EF02LP28) Reconhecer o conflito gerador de uma narrativa ficcional e sua resolução, além de palavras, expressões e frases que caracterizam personagens e ambientes.” (BRASIL, 2018, p. 111). Além disso, ainda segundo a BNCC, essa habilidade deve ser estendida do 3º ao 5º ano, devendo o aluno ter a capacidade de “(EF35LP29) Identificar, em narrativas, cenário, personagem central, conflito gerador, resolução e o ponto de vista com base no qual histórias são narradas, diferenciando narrativas em primeira e terceira pessoas.” (BRASIL, 2018, p.135).

A SD, direcionada principalmente às turmas do 9º ano do Ensino Fundamental Maior, foi dividida em seis etapas, que podem se adequar aos objetivos de cada professor: 1. Sondagem, 2. Motivação, 3. Leitura, compreensão e interpretação do Conto Detetivesco, 4. Jogo “A Caixa de Mistérios e produção de texto”, 5. Apresentação oral dos contos, 6. Teste de saída. Essa sequência de atividades visa não só desenvolver nos alunos e alunas a capacidade de identificar o conflito desencadeador do enredo, como também objetiva proporcionar uma experiência ampla de leitura e de análise linguística/semiótica. Além disso, os componentes enunciativo e subjetivo visam aguçar a percepção dos estudantes acerca do foco narrativo e das questões de gênero, como o papel da mulher nos contos estudados e suas reminiscências na atualidade.

Esperamos que esse caderno proporcione bons momentos de leitura, de descobertas e de efetiva aprendizagem.

Um ótimo trabalho a todos e todas!

Izabella Araújo

SUMÁRIO

1. Conversa inicial.....	05
2. Por que trabalhar o conflito gerador do enredo?.....	06
3. Por que utilizar o gênero textual conto detetivesco?.....	06
4. Considerações sobre os contos “A faixa malhada”, de Conan Doyle, e “O último cuba-libre”, de Marcos Rey.....	07
5. Jogo “A caixa de mistérios”.....	11
6. Organização da Sequência Didática (SD).....	14
7. Roteiro da Sequência Didática (SD).....	17
8. Conversa final.....	32
Referências.....	33
Apêndice.....	35

1 CONVERSA INICIAL

A leitura do texto literário é um ato que envolve identificação, reconhecimento, descoberta, prazer, memória e diversos outros entrelaces invisíveis que podem prender ou não o leitor até o final da obra. Dentre esses aspectos citados, a identificação do “eu” psicológico e sociocultural com as tessituras literárias e o despertar do prazer que envolve o processo de leitura são fatores norteadores para que haja envolvimento e uma efetiva formação do leitor literário. Então eis um dos grandes desafios do professor de Português na sala de aula: fazer com que a leitura seja frutiva, não um simples pretexto para atividades gramaticais, mas que também não deixe de ser uma ferramenta para que os alunos desenvolvam habilidades linguísticas que facilitem o processo de comunicação e de conhecimento do universo humano e sociocultural no qual estão inseridos.

Entretanto, durante as aulas no ensino básico, surgem algumas indagações: qual é a maior dificuldade dos meus alunos? Por que eles não conseguem atingir níveis satisfatórios nas avaliações internas, elaboradas pelo próprio professor, e externas, como a Prova Brasil e o Enem? Após algumas análises de dados da Prova Brasil, percebemos que o descritor 10, que mede a capacidade dos estudantes de identificarem o conflito gerador do enredo e os elementos da narrativa, é um dos que mais causam dúvidas no alunado, o que impulsionou a construção desse Caderno Pedagógico.

Há maneiras diversas de construir uma Sequência Didática (SD), mas nos baseamos principalmente em Cosson (1999), já que objetivamos desenvolver um trabalho voltado para o letramento literário. O teórico propõe uma SD básica que consiste em quatro etapas: motivação— preparação do aluno para que ele possa apreciar melhor o texto; introdução – fase em que os docentes deverão apresentar aos estudantes o autor e a obra que se têm a intenção de ler; leitura – momento de contato com a obra; interpretação— decifração textual, isto é, um “ato de construção de sentido em uma determinada comunidade” (COSSON, 1999, p.95). Entretanto, na nossa proposta, ampliamos e modificamos essas etapas, a fim de alcançarmos objetivos específicos, descritos e apresentados no decorrer do trabalho. Além disso, também tivemos como principais fontes teóricas Isabel Solé (1998), que considera a leitura um processo interacionista; por isso, carece da presença de um leitor ativo que “processa e examina o texto” (1988, p.22); Moisés (1974), que teoriza sobre o conflito desencadeador do enredo; Todorov (2003), Reimão (1983), Poe (1976), para fundamentar o gênero Conto e as

histórias de investigação; e Huizinga (2000), autor que disserta sobre a presença do jogo nos mais diferentes contextos e nas mais diversas ações sociais, já que também utilizaremos como objeto de aprendizagem o jogo autoral “A Caixa de Mistérios”, que teve como propósito desenvolver a percepção dos discentes com relação aos elementos da narrativa, em especial o conflito, e dar vazão ao horizonte de expectativa resguardado em cada sujeito envolvido na prática pedagógica.

2 POR QUE TRABALHAR O CONFLITO GERADOR DO ENREDO?

As histórias, além de apresentarem narrador, personagens, espaço e tempo, são desencadeadas por um conflito gerador, de origem pessoal, social, físico ou psicológico, que impulsiona as ações do enredo, sendo parte crucial na narrativa. De acordo com Moisés, “o conflito designa a oposição, a luta, a tensão entre duas forças ou personagens. Por meio dele, a ação se organiza e progride até o desfecho, correspondente à solução do litígio entre as partes” (MOISÉS, 1974, p.85). A falta de conscientização acerca do conflito e dos elementos da narrativa não só pode interferir na capacidade de compreensão e análise textual, como também dificultar a produção de textos bem estruturados, coerentes e atrativos ao leitor.

3 POR QUE UTILIZAR O GÊNERO TEXTUAL CONTO DETETIVESCO?

De acordo com a teoria desenvolvida por Poe (1976), o conto é uma narrativa que pode ser lida em “uma sentada”, isto é, sua condensação de elementos e páginas faz com que esse tipo de texto seja menor que um romance, sem perder sua qualidade literária, podendo ser facilmente lido e trabalhado nas aulas de Língua Portuguesa. O Conto Detetivesco Clássico carrega essa concisão, mas possui características específicas: é dividido em duas histórias, a do crime, que desencadeia o enredo, e a da investigação, feita por um detetive com grande capacidade de dedução. O detetive é invulnerável, sendo caracterizado como uma máquina de raciocinar, ao contrário da polícia; e as pistas são fundamentais para chegar ao esclarecimento acerca do mistério. Nesse tipo de narrativa, cada detalhe (pista linguística) é de relevante importância, pois poderá conduzir o detetive, e consequentemente o leitor, à solução do crime. Embora diversos trabalhos considerem o gênero Conto Detetivesco como sinônimo dos Contos Policiais, salienta-se aqui uma diferença crucial: não existe protagonismo da polícia nas histórias detetivescas, visto que o principal responsável pela investigação e solução dos

casos é um detetive particular, com grande capacidade dedutiva, que, muitas vezes, zomba da desqualificação da polícia, instituição comumente criticada nesse tipo de narrativa.

Portanto, por ser um gênero relativamente curto, que pode ser lido na íntegra em sala de aula, e por apresentar o conflito gerador (os crimes e/ou desvios de conduta) de maneira mais explícita em seu enredo, pressupõe-se que é um gênero textual que atrairia a atenção dos estudantes e facilitaria, por seus elementos temáticos e composicionais, o processo de aprendizagem.

4 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS CONTOS “A FAIXA MALHADA” E “O ÚLTIMO CUBA-LIBRE”

Arthur Conan Doyle foi um médico e escritor que nasceu na Escócia, em meados do século XIX, no dia 22 de maio de 1859, e morreu em julho de 1930, na cidade de Crowborough – Inglaterra. Ao lado de Edgar Allan Poe e Agatha Christie, Doyle é um dos principais expoentes da literatura detetivesca, pois imortalizou o personagem Sherlock Holmes, protagonista e detetive das suas narrativas, tornando-o tão ou mais conhecido que seu próprio criador.

❖ Sinopse do conto “A Faixa Malhada”, de Arthur Conan Doyle

Nesse conto, Sherlock Holmes e Watson recebem em seu apartamento a Srta. Helen Stoner, mulher jovem, moradora de Stoke Moran, dependente do seu padrasto, o Dr. Roylott, homem violento, de costumes exóticos, que cria animais selvagens e abriga ciganos em suas terras. A Srta. Stoner relata o motivo da sua visita: há três dias ouve os mesmos assobios horripilantes relatados por Julia Stoner, sua irmã, que morreu de maneira misteriosa há dois anos. Holmes, após ouvir atentamente a narração da jovem, promete fazer uma visita e ajudá-la a desvendar o caso. Todavia, inesperadamente, logo após a saída de Helen Stoner, o Dr. Roylott vai à procura de Holmes com o objetivo de convencê-lo a não ajudar sua enteada. Sherlock Holmes, contrariando o pedido do médico, segue com Watson para Stoke Moran, onde dará início à investigação que resultará na solução para o mistério que envolve as irmãs Stoner.

Quadro 1²³: Análise do conto “A Faixa Malhada”, de Conan Doyle

I - COMPONENTE TEMÁTICO

Tema: Misteriosos assobios que antecederam a morte de Julia e, anos depois, causaram horror em sua irmã Helen Stoner.

Conflito: Morte de Julia Stoner e iminente perigo que envolve a sua irmã, Helen Stoner.

Personagens

- **Detetive:** Sherlock Holmes – personagem invulnerável, dotado de uma inteligência singular, que utiliza os métodos analíticos, com base na observação, na ciência e na dedução, para solucionar seus casos.
- **Culpado:** Dr. GrimesbyRoylott- médico e padrasto de Julia e Helen Stoner; violento, apreciador de plantas e animais exóticos.
- **Colaborador/assistente do detetive:** Watson, médico e principal companheiro de Holmes.
- **Vítima:** Julia Stoner – irmã de Helen Stoner.
- **Demais personagens:** Sra. Hudson (dona do apartamento em que Holmes mora), sra. Farintosh (ex-cliente de Holmes), Sra. Stoner (mãe de Julia e Helen), Srta. Honoria Westphail (tia de Helen e Julia), Percy Armitage (noivo de Helen).

II - COMPONENTE COMPOSICIONAL

Infraestrutura geral/ Unidades textuais

²³ Roteiro elaborado a partir dos elementos apresentados por Coutinho, Jorge e Tanto (2012).

- **Relato interativo:** narrador homodiegético, isto é, narrador – personagem (1ª pessoa), participante da ação.
- **Situação inicial:** contextualização, em que Watson expõe que o caso que será contado foi um dos mais intrigantes e misteriosos vividos por ele e Holmes.
- **Complicação:** visita de Helen Stoner a Holmes.
- **Peripécias:** Holmes viaja para Stoke Moran e se infiltra na casa do Dr.Roylott com o objetivo de desvendar o caso relatado por Helen Stoner.
- **Situação final:** Holmes, após criar uma armadilha para descobrir a origem dos assobios que envolviam a morte de Julia Stoner e amedrontavam sua irmã Helen, consegue desvendar o mistério, apontando como culpado o Dr.Roylott, que tinha interesse na herança das suas enteadas.
- **Avaliação/moral (implícita):** o crime não compensa e o criminoso sofrerá as consequências.

Técnicas narrativo-compositivas

- **Analepse:** os momentos de *flashback* acontecem, principalmente, durante a conversa da Srta. Helen e Holmes (quando retomam fatos sobre a morte de Julia Stoner) e no momento em que Sherlock Holmes faz a sua explanação final sobre o crime.
- **Formas de realização da estrutura narrativa:** narração, descrição, diálogo.

III - COMPONENTE ENUNCIATIVO

Focalização interna: a narrativa é contada sob a perspectiva de Watson,

narrador-personagem que, apesar de ser amigo e confidente de Holmes, acompanha e sabe dos fatos progressivamente, o que o assemelha ao leitor.

❖ Sinopse do conto “O Último cuba-libre”, de Marcos Rey

A história é desencadeada a partir de um misterioso assassinato: o de Júlio Barrios, um mexicano, cantor de boleros e apreciador de mulheres. Adão Flores, empresário, freqüentador de casas noturnas e detetive particular nas horas vagas, conhecia Júlio devido a sua empreitada profissional; trabalhou anos com o cantor, por isso o conhecia bem. Em uma noite, Estela Lins foi à procura de Flores no “Yes-Club” e relatou que Barrios, seu marido, estava em apuros, recebendo ligações misteriosas e ameaçadoras; por isso, precisava imediatamente da ajuda do detetive. Adão, de prontidão, foi conduzido por Flores para o apartamento do casal. Chegando lá, em poucos minutos, Estela encontra Júlio Barrios morto no quarto, com uma tesoura cravada em suas costas, e afirma que um homem desconhecido tinha pulado a janela e matado seu marido. A partir desse momento, Adão Flores inicia sua jornada na tentativa de desvendar o crime e encontrar o culpado pela morte de seu amigo Júlio Barrios.

Quadro 2²⁴.Análise do conto “O Último cuba-libre”, de Marcos Rey

I - COMPONENTE TEMÁTICO

Tema: Investigação em torno da morte de Júlio Barrios.

Conflito: O assassinato de Júlio Barrios

Personagens

- **Detetive:** Adão Flores - empresário de modestos espetáculos, homem gordo, solidário, detetive particular em alguns momentos (em cenários noturnos e apenas para pessoas conhecidas). Apesar de não parecer invulnerável, não corre riscos nem suspeitas de ser autor de algum crime;

²⁴ Roteiro elaborado a partir dos elementos apresentados por Coutinho, Jorge e Tanto (2012).

dotado de capacidade de dedução regular.

- **Culpado:** Estela Lins, esteticista e esposa da vítima.
- **Colaborador/assistente do detetive:** Lauro Freitas – jornalista que divulgava as peripécias de Flores em sua coluna de jornal.
- **Vítima:** Júlio Barrios – cantor de boleros e homem inconstante nos amores.
- **Suspeito:** cunhado de Estela Lins, personagem que aparentemente não gostava do irmão; suposto homem relatado por Estela.
- **Demais personagens:** delegado, Bianca (dona do “Yes-Club”, local em que Flores frequentava), guarda (que vigiava o local do crime), freguês (que questionava os métodos e capacidade dedutiva de Adão Flores) e o porteiro do hotel em que Flores ficava.

II - COMPONENTE COMPOSICIONAL

Infraestrutura geral/ Unidades textuais

- **Relato interativo:** narrador heterodiegético, isto é, um narrador observador (é neutro, pois não interfere na narrativa).
- **Situação inicial:** contextualização da vida de Adão Flores; procura de Estela Lins por Flores, a fim de relatar que o seu marido está com problemas e precisa de ajuda.
- **Complicação:** o misterioso assassinato de Júlio Barrios.
- **Peripécias:** Flores simula o momento em que o suposto culpado teria pulado a janela do 1º andar e corrido até o portão; analisa a falta de gelo no cuba-livre e as gavetas sem roupa; vai à gravadora investigar se as informações fornecidas no “Yas-Club” eram verídicas, ou seja, se realmente houve a proposta de Barrios gravar um novo elepê e se ele estava com uma nova namorada.
- **Situação final:** Adão Flores informa ao delegado, a Lauro Freitas e à Bianca (e colegas/clientes do “Yes-Club”) as minúcias o desenvolvimento da sua investigação, revelando a verdadeira culpada:

Estela Lins, que matou para que o seu marido não fosse embora de casa.

- **Avaliação/moral (implícita):** as mentiras são rapidamente descobertas; o crime não compensa e a justiça prevalece.

- **Formas de realização da estrutura narrativa:** narração, descrição, diálogo.

III - COMPONENTE ENUNCIATIVO

Focalização interna: a narrativa se desenvolve sob o olhar de um narrador heterodiegético, que não participa da história, apenas observa e relata os fatos.

5 JOGO “A CAIXA DE MISTÉRIOS”

❖ Apresentação

O objetivo principal do jogo é aguçar a percepção dos(as) estudantes quanto à importância do(s) conflito(s) para o desenvolvimento das ações na narrativa. Entretanto, além disso, a atividade promove a liberdade quanto ao uso do horizonte de expectativas das alunas e alunos envolvidos, a análise sensorial dos objetos multissemióticos que estarão disponíveis e uma produção de texto de caráter mais lúdico.

❖ Materiais necessários para a realização do jogo:

- Um envelope (que contenha uma carta com o conflito/mistério);
- Caixas (de papelão, madeira etc);
- Desenhos ou imagens de pessoas, ambientes e/ou animais;
- Palavras e/ou trechos escritos ou recortados de jornais, revistas, caça-palavras, entre outros;

- Objetos diversos²⁵ (anel, fita, bilhete, elementos em miniatura – não perfurantes, que representem possíveis armas – dados, cartas de baralho, moeda, frasco com perfume ou qualquer outra substância);
- Uma ficha de investigação criminal (para o planejamento e organização/seleção de informações);
- Uma folha para rascunho.

Figura 1 – caixa de mistérios e envelopes

Figura 2 – caixa e envelopes

Figura 3 – elementos inseridos na caixa

Os/As estudantes deverão ser divididos em equipes com, no máximo, cinco componentes (à escolha do/da docente ou dos/das estudantes). As instruções serão dadas e os envelopes (com o conflito), as fichas de investigação²⁶ e as caixas (com os objetos) serão distribuídas. A pontuação e possíveis brindes ficarão a cargo de cada docente.

❖ Regras do jogo

1. Divida a sala em equipes (com até cinco estudantes);
2. Informe aos/as alunos/as que um envelope (com uma carta que apresentará o mistério/conflito) será entregue às equipes, assim como uma caixa, com algumas pistas acerca do crime.

ATENÇÃO: é preciso deixar claro que a caixa não deverá ser aberta até a carta ser lida completamente;

3. Entregue um envelope e uma caixa para cada equipe;
4. Explique que, a partir do conflito apresentado na carta, eles deverão criar um enredo que justifique/solucione o crime exposto. Para isso, deverão incluir, coerentemente, em suas narrativas, a maioria dos elementos inclusos na caixa (que deverão ser circulados quando utilizados no texto);
5. Coordene as atividades e tire as dúvidas que surgirem;
6. Solicite que cada equipe apresente oralmente a sua história.²⁷

Obs.: Para garantir a participação dos/das estudantes na atividade, defina uma pontuação e/ou brindes para as equipes.

❖ Outras considerações e alinhamentos

O jogo “A Caixa de Mistérios” foi desenvolvido com base no gênero textual Conto de Detetive, que apresenta algumas especificidades: o enredo discorre a partir de duas histórias (a do crime e a da investigação); além disso, é essencial que haja, no mínimo, um/a detetive que identifique o(s) criminoso(s) e/ou criminosa(s). Isto posto, a organização do jogo contempla essas características; todavia, também abre espaço para o horizonte de expectativas do/a estudante e é flexível, podendo ser modificado, contemplado e adaptado a depender do

²⁶ O modelo das fichas está em anexo.

²⁷ É essencial que essa atividade de produção de texto tenha continuidade após o jogo (que já contempla as etapas de planejamento e confecção da 1ª versão), sendo fundamental a revisão, a reescrita e a editoração dos textos produzidos.

gênero textual trabalhado e dos objetivos da produção de texto (PILETTI apud ROIPHE, 2017, p.22). Outro aspecto importante é que o jogo ajuda a desenvolver algumas modalidades fundamentais para o ensino da Língua Portuguesa, como a leitura, a escrita e a oralidade, práticas acentuadas na *Base Nacional Comum Curricular* (2018). De acordo com este documento orientador, é preciso:

[...] proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BRASIL, 2018, p. 67-68)

Assim sendo, trabalhar com as modalidades da língua em grupo, a partir de atividades lúdicas e multissemióticas, é proporcionar aos alunos e alunas o desenvolvimento de habilidades e competências linguísticas, bem como vivências que poderão motivar os/as estudantes na produção de texto.

6 ORGANIZAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA (SD)

ETAPAS	DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	OBJETIVOS	QUANTITATIVO DE AULAS
1ª - Sondagem	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicação de atividade escrita, a fim de identificar o nível de conhecimento dos alunos acerca do Conflito. 	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar o conhecimento dos estudantes a respeito do componente Conflito. 	1 aula
2ª - Motivação	<ul style="list-style-type: none"> • Exibição do primeiro episódio da série <i>Sherlock</i> (2010); • Sessão de discussões acerca da série; • Aplicação de atividade escrita relativa ao episódio e aos conhecimentos dos estudantes sobre as narrativas detetivescas. • Sessão de discussão a partir das respostas dos alunos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Aumentar o repertório sociocultural dos alunos e inseri-los no universo das narrativas detetivescas; • Desenvolver a escrita e a oralidade. 	3 aulas

3ª – Leitura, compreensão e interpretação do Conto Detetivesco	<ul style="list-style-type: none"> • Elaboração de hipóteses (por escrito) com base nos títulos dos contos que serão lidos; • Sessão de discussão acerca das respostas; • Exposição, por parte da professora, da biografia dos autores que serão lidos; • Leitura compartilhada do conto “A FaixaMalhada”, de Arthur Conan Doyle; • Exposição acerca do gênero textual Conto Detetivesco; • Sessão de discussão sobre o conto; • Aplicação de atividade escrita; • Sessão oral para discutir e sanar dúvidas acerca das questões descritas na atividade. • Entrega de cópias do conto “O Último cuba-livre”, de Marcus Rey, e da atividade escrita. A leitura individual e a atividade deverão ser feitas em casa. • Sessão de discussão acerca das respostas e dúvidas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a capacidade leitora; • Desenvolver a percepção acerca do conflito gerador do enredo; • Desenvolver a capacidade de comunicação oral; • Estimular a criatividade dos alunos e alunas; • Ampliar os conhecimentos sobre o Conto Detetivesco. 	5 aulas
4ª - Jogo “A Caixa de Mistérios” e Produção de texto	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade lúdica com base no jogo “A Caixa de Mistérios”; • Produção de um conto detetivesco (em equipe). 	<ul style="list-style-type: none"> • Estimular a criatividade e o horizonte de expectativa dos estudantes; • Estimular o trabalho em equipe; • Desenvolver a capacidade de produção textual. • Desenvolver a capacidade de comunicação oral; 	5 aulas
5ª - Apresentação oral dos contos	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação oral dos contos produzidos por cada equipe; • Entrega das premiações. 	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar o conhecimento dos alunos e alunas sobre o gênero proposto; • Verificar a capacidade de organização textual. 	1 aula
6ª – Teste de saída	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicação de atividade final. 	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar o nível de conhecimento dos estudantes sobre o conflito gerador do enredo. 	1 aula

❖ Componentes abordados

- Conflito gerador do enredo;
- Conto de detetive;
- Elementos da narrativa detetivesca clássica;
- Leitura dos contos “A Faixa Malhada”, de Arthur Conan Doyle (2006), e “O Último cuba-livre”, de Marcos Rey (2005);
- Elementos básicos das narrativas (tema, personagens, situação inicial, complicação, peripécias, situação final, avaliação/moral – se houver –, focalização interna ou externa do narrador).

❖ Turma indicada

9º ano, do Ensino Fundamental Maior.

❖ Aulas estimadas

16 aulas

❖ Materiais Necessários

- 1 Atividades impressas;
- 2 Jogo “A Caixa de Mistérios”;
- 3 Lousa;
- 4 Pincel para quadro branco;
- 5 TV ou projetor;
- 6 Caixa de som;
- 7 Contos “A Faixa Malhada”, de Doyle, e “O Último cuba-livre”, de Marcos Rey.

7 ROTEIRO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA (SD)

❖ 1ª Etapa - Motivação (1 aula)

Orientação: Antes de ler os contos “A Faixa Amarela”, de Arthur Conan Doyle (2006), e “O Último cuba-livre”, de Marcos Rey (2005), faça a exibição do primeiro episódio da série

Sherlock (“Um estudo em rosa”), baseado no romance “Um estudo em vermelho”, de Conan Doyle. A utilização desse recurso audiovisual terá como objetivo motivar os alunos e iniciar uma discussão sobre o gênero detetivesco, além de trabalhar a escuta e a oralidade, assim como o repertório sociocultural dos/das estudantes. Antes de reproduzir o episódio, faça uma breve apresentação sobre a série. Após a exibição, algumas perguntas deverão ser direcionadas, oralmente, aos alunos:

Série *Sherlock*

Sherlock é uma série britânica, criada por Steven Moffat e Mark Gatiss, baseada nas histórias de enigma de Sir Arthur Conan Doyle, criador do grande detetive Sherlock Holmes. Estreada em 25 de julho de 2010, o seriado, resultado de uma coprodução entre a BBC (British Broadcasting Corporation) e a WGBH Boston, não tem como objetivo reproduzir, de maneira fidedigna, as aventuras narradas nos contos e romances de Conan Doyle; todavia, as características originais de Holmes e Watson são excelentemente representadas no decorrer dos episódios pelos atores Benedict Cumberbatch e Martin Freeman.

Informação geral	
Formato	Série
Gênero	Drama detetivesco
Duração	85-90 minutos
Criador(es)	Mark Gatiss Steven Moffat
Baseado em	Sherlock Holmes de Sir Arthur Conan Doyle
País de origem	Inglaterra
Idioma original	Inglês
Produção	
Produtor(es)	Sue Vertue Elaine Cameron
Editor(es)	Charlie Phillips Mali Evans Tim Porter

	Yan Miles
Cinematografia	Fabian Wagner Steve Lawes
Roteirista(s)	Mark Gatiss Steven Moffat Stephen Thompson
Elenco principal	Benedict Cumberbatch Martin Freeman
Música	David Arnold Michael Price
Empresa(s) de produção	Hartwood Films BBC Wales WGBH

Atividade 1 – Discussão

- 7) Vocês já haviam lido alguma história ou assistido a algum filme com os personagens apresentados no episódio? Caso sim, quem?
- 8) Quais são os personagens principais?
- 9) Quais elementos/ações/situações no episódio justificam o título “Um estudo em rosa”?
- 10) Quais as características físicas e psicológicas mais relevantes dos personagens principais?
- 11) Por meio de quais métodos (dedutivos e/ou puramente científicos) o detetive solucionou o crime?
- 12) A história o/a surpreendeu? Por quê?

❖ 2ª Etapa - Introdução (3 aulas)

Orientação: Nessa etapa, com o propósito de fazer com que os discentes confrontem e correlacionem as suas impressões iniciais com as ideias desenvolvidas ao longo da narrativa, anote no quadro os títulos dos contos que serão lidos e solicite aos discentes que criem hipóteses acerca do conteúdo que poderia ser relatado na narrativa. Os alunos e alunas devem apresentar suas opiniões oralmente e, em seguida, registrar seus pontos de vista por escrito. Após a discussão, apresente os autores dos contos.

Atividade 2 – Hipóteses com base no título

- 3) Crie hipóteses sobre a relação que pode haver entre o título “A Faixa Malhada” e a história que será narrada.
- 4) Crie hipóteses sobre a relação que pode haver entre o título “O Últimocubalibre” e a história que será narrada.

Conhecendo os autores

1. Arthur Conan Doyle

Arthur Conan Doyle foi um médico e escritor que nasceu na Escócia, em meados do século XIX, no dia 22 de maio de 1859, e morreu em julho de 1930, na cidade de Crowborough – Inglaterra. Ao lado de Edgar Allan Poe e Agatha Christie, Doyle é um dos principais expoentes da literatura detetivesca, pois imortalizou o personagem Sherlock Holmes, protagonista e detetive das suas narrativas, tornando-o tão ou mais conhecido que seu próprio criador. De acordo com Paes (2003, p.32),

Em 1887, como não conseguia muito sucesso em sua clínica, decidiu tentar a sorte escrevendo um romance policial. Foi dessa maneira que surgiu o detetive Sherlock Holmes, personagem central de suas histórias que, através da

inteligência e do raciocínio, consegue esclarecer os crimes mais misteriosos.

O primeiro romance publicado por Conan Doyle foi “Um Estudo em Vermelho”, em 1887. Após isso suas narrativas ganharam o gosto popular e dezenas de contos foram veiculados. Nas histórias clássicas protagonizadas por Holmes há uma estrutura bastante delimitada: 1 – o detetive recebe uma visita de alguém que está com problemas e necessita da sua ajuda; 2 – o investigador é invulnerável; por isso, não será um suspeito nem passará por uma situação que o deixe debilitado; 3 – Sherlock Holmes fará uma visita ao local do crime, em busca de pistas e com o intuito de criar uma armadilha para o criminoso que o levará à solução investigativa.

2 – Marcos Rey

Marcos Rey, pseudônimo de Edmundo Donato, nasceu em São Paulo, no dia 17 de fevereiro de 1925. Foi escritor, tradutor e roteirista, e morreu em 1 de abril de 1999, aos 74 anos. Rey escreveu contos, crônicas e romances que cativam seus leitores, pela sua perspicácia e, ao mesmo tempo, fluidez narrativa, destacando-se principalmente na literatura juvenil, que o fez ganhar o troféu Juca Pato, com a obra “Os Crimes do Olho-de-Boi”. Sob a perspectiva de Paes (2003, p.114, grifos do autor), Rey

[...] produziu uma literatura de primeira linha, ao mesmo tempo atraente e acessível aos jovens. Várias de suas histórias apresentam uma trama policial, com um desenvolvimento que prende o leitor até a última página, como ocorre em *O Mistério do Cinco Estrelas* e *Enigma na Televisão*, dentre outras.

A literatura de Rey é marcada pelo mistério e por um emaranhado de ações tão bem articulado que, pouco a pouco, o/a leitor/a embarca na narrativa em busca de soluções para o enigma apresentado. Assim sendo, seus personagens humanizados e suas narrativas convidativas deleitam os mais diversos consumidores e é uma porta de

energizantes aventuras detetivescas.

Boa leitura!

Referência

PAES, José Paulo (Org.). **Histórias de detetive**. São Paulo: Ática, 2003.

❖ 3ª Etapa - Leitura, compreensão e interpretação do Conto Detetivesco (5 aulas)

Orientação 1: Nessa sessão deve ser feita a leitura do conto “A Faixa Malhada”, de Arthur Conan Doyle (2006), que tem como protagonista o detetive Sherlock Holmes. Após a leitura, que pode ser feita pelo professor ou compartilhada, abra espaço para possíveis intervenções, perguntas e comentários dos discentes sobre a primeira impressão que tiveram sobre o texto. Em seguida, e com base nas considerações feitas pelos estudantes, entregue aos alunos um material breve sobre as principais características do conto detetivesco, com a finalidade de fazê-los refletir sobre a presença ou, até mesmo ausência, desses elementos no texto lido.

Gênero Conto Detetivesco Clássico

O Conto Detetivesco Clássico é uma narrativa relativamente concisa, que condensa elementos como espaço e personagens, já que é uma ramificação do conto. Entretanto, é desenvolvido com base em duas histórias, a do crime e a da investigação, e apresenta elementos fundamentais, como um detetive invulnerável, com grande capacidade dedutiva, um crime, a investigação e a solução. Nesse tipo de narrativa, cada detalhe (pista linguística) é de relevante importância, pois poderá conduzir o detetive e, consequentemente o leitor, à solução do crime.

Referências

GOTLIB, Nádia Battela. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1990.

REIMÃO, Sandra Lúcia. **O que é um romance policial**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

Orientação2: Após as discussões e considerações sobre o texto lido e sobre o Conto Detetivesco, aplique a atividade escrita, com o intuito de fazer com que os alunos localizem informações e reflitam sobre os aspectos temáticos, composicionais, enunciativos e subjetivos do texto. É fundamental que, antes de iniciar a atividade, o professor explique cada item e abra espaço para que os discentes tirem dúvidas.

ATIVIDADE 3 - Conto “A Faixa Malhada”, de Arthur Conan Doyle

- 1) Com base na leitura do conto “A Faixa Malhada”, de Arthur Conan Doyle, responda as questões a seguir.

I - COMPONENTE TEMÁTICO

O texto gira em torno de qual temática?

As hipóteses criadas por você com base no título do conto foram confirmadas? Explique.

Qual o conflito desencadeador da narrativa?

A partir das ações, das características e da posição assumida no decorrer da narrativa, identifique e caracterize as personagens:

- Detetive: _____

- Culpado/a: _____

-
- Colaborador(a)/assistente do/a detetive:

- Vítima:

- Suspeito(s)/a(s):

- Demais
personagens:

II - COMPONENTE COMPOSICIONAL - Infraestrutura geral/ Unidades textuais

Qual o tipo de narrador da história? Explique e confirme com trechos do texto.

Ao decorrer da narrativa foram usados diversos verbos; entretanto, há a predominância de algum tempo verbal? O que isso indica?

Qual a situação inicial apresentada no conto?

Qual a complicação?

Qual a situação final?

É possível identificar uma lição de moral no conto? Explique.

Em “O rosto estava desconfigurado, a pele lívida, os olhos inquietos e assustados”, as palavras em destaque foram utilizadas para:

- (A) Nomear uma pessoa.
- (B) Indicar ações.
- (C) Retomar ideias.
- (D) Caracterizar a personagem.

III - COMPONENTE ENUNCIATIVO

Tendo em vista que a história pode ser narrada a partir de um ponto de vista de alguém que participa ou apenas relata os fatos observados, o narrador do conto lido pode ser considerado confiável ou não? Por quê?

IV - COMPONENTE SUBJETIVO

Qual, de acordo com a sua perspectiva, o fato que impulsionou o narrador a relatar a história apresentada no conto?

Em sua opinião, as mulheres ocupam papéis importantes nesse conto? Como elas se caracterizam? Explique.

Você acha que o criminoso ou a criminosa, ao cometer o delito, pensou nas consequências geradas a partir do seu ato? Explique.

O conto despertou, ao longo de toda narrativa ou em momento determinado, alguma sensação em você? Explique.

Orientação 3: Após a devolução de todos, entregue o conto “O Último cuba-libre”, de Marcos Rey (2005), e uma atividade impressa (descrita abaixo), para que os alunos criem autonomia e reflitam individualmente sobre o texto e sobre os elementos narrativos destacados até então.

ATIVIDADE 4 - Conto “O Último cuba-libre”, de Marcos Rey

- 1) Com base na leitura do conto “O Último cuba-libre”, de Marcos Rey, responda as questões a seguir:

I - COMPONENTE TEMÁTICO

O texto gira em torno de que temática?

As hipóteses criadas por você com base no título do conto foram confirmadas? Explique.

Qual o conflito desencadeador da narrativa?

A partir das ações, das características e da posição assumida no decorrer da narrativa, identifique e caracterize as personagens:

- Detetive: _____

- Culpado/a: _____

- Colaborador(a)/assistente do/a detetive: _____

- Vítima: _____

- Suspeito(s)/a(s): _____

- Demais personagens: _____

II - COMPONENTE COMPOSICIONAL - Infraestrutura geral/ Unidades textuais

Qual o tipo de narrador da história? Explique e confirme com trechos do texto.

No decorrer da narrativa foram usados diversos verbos;entretanto, há a predominância de algum tempo verbal? O que isso indica?

Qual a situação inicial apresentada no conto?

Qual a complicação?

Qual a situação final?

É possível identificar uma lição de moral no conto? Explique.

No fragmento “No peitoril da janela, um pouco de terra, certamente deixada pelos sapatos do homem que saltara”, a palavra em destaque indica:

- (A) Uma certeza.
- (B) Uma probabilidade.
- (C) Uma negação.
- (D) Um questionamento.

III - COMPONENTE ENUNCIATIVO

Tendo em vista que a história pode ser narrada a partir de um ponto de vista de alguém que participa ou apenas relata os fatos observados, o narrador do conto lido pode ser considerado

confiável ou não? Por quê?

IV - COMPONENTE SUBJETIVO

Apesar de Sherlock Holmes e Adão Flores usarem métodos investigativos semelhantes, eles têm personalidades e estilos de vida diferentes. Na sua concepção, qual é mais parecido com o cidadão brasileiro? Por quê?

Na sua concepção, qual motivo/fato levou o narrador a relatar a história? Sem esse elemento a narrativa seria mais ou menos interessante? Por quê?

Em sua opinião, as mulheres ocupam papéis importantes nesse conto? Explique.

Você acha que o criminoso ou a criminosa, ao cometer o crime, pensou nas consequências geradas a partir do seu ato? Explique.

O conto despertou, ao longo de toda narrativa ou em momento determinado, alguma sensação em você? Explique.

Orientação 4: Na aula seguinte, com base nas considerações feitas até então, discuta as questões com base nas respostas dos alunos. Nessa etapa, chame a atenção para a questão 3, do componente temático, e questão 2, do componente subjetivo, a fim de alinhar e debater sobre a importância do conflito gerador da narrativa e para discutir o espaço dado à mulher nas narrativas detetivescas e sua relação com a realidade.

❖ 4ª Etapa –Jogo “A Caixa de Mistérios” e Produção textual (5 aulas)

Orientações: Antes de iniciar essa etapa, convide professores e alunos de outras turmas para participarem da 5ª etapa. Eles farão parte de uma banca que irá fazer considerações sobre as histórias apresentadas pelos alunos do 9º ano e distribuirão os brindes para as equipes. Quando iniciar a aula, peça para que os alunos formem grupos de até 5 pessoas (escolhidas pelo professor ou aluno). Explique as regras descritas abaixo, o tempo de duração da atividade, os objetivos a serem atingidos e, por fim, entregue os materiais que serão utilizados pelos alunos, isto é, o envelope, que contém um conflito que deve ser desencadeador da narrativa elaborada pelas equipes, e uma caixa de mistérios, repleta de pistas que devem ser interpretadas e inseridas nos contos criados pelos discentes. Caso seja possível dentro da logística da unidade de ensino, proponha que os grupos se organizem nos espaços em que se sintam mais confortáveis para escrever, como biblioteca e corredores, desde que não atrapalhe as outras turmas e o professor tenha condições de dar o auxílio necessário. Nessa sessão, instigue a turma, colocando-os em uma posição de reais detetives que precisam desvendar um caso enigmático que, de repente, chegou à sua casa/agência. Vale ressaltar a importância de inserir materiais verossímeis, multissensoriais e multissemióticos na caixa de mistérios, para que desperte a imaginação, o senso de investigação e os sentidos dos estudantes.

Objetivo: O objetivo principal do jogo é aguçar a percepção quanto à importância do(s) conflito(s) para o desenvolvimento das ações na narrativa. Entretanto, além disso, a atividade promove a liberdade quanto ao uso do horizonte de expectativas dos discentes envolvidos, a análise sensorial dos objetos multissemióticos que estarão disponíveis e uma produção de texto de caráter mais lúdico.

Materiais necessários para a realização do jogo:

- Um envelope (que contenha uma carta com o conflito/mistério);

- Caixas (de papelão, madeira etc);
- Desenhos ou imagens de pessoas, ambientes e/ou animais;
- Palavras e/ou trechos escritos ou recortados de jornais, revistas caça-palavras, entre outros;
- Objetos diversos²⁸ (anel, fita, bilhete, elementos em miniatura – não perfurantes, que representem possíveis armas – dados, cartas de baralho, moeda, frasco com perfume ou qualquer outra substância);
- Uma ficha de investigação criminal (para o planejamento e organização/seleção de informações);
- Uma folha para rascunho.



Figura 4 – caixa e envelopes utilizados no jogo (arquivo próprio)

²⁸Dentro da caixa inserimos um total de 17 elementos; entretanto, isso pode variar de acordo com a imaginação do medidor, do gênero textual abordado e dos objetivos do jogo.

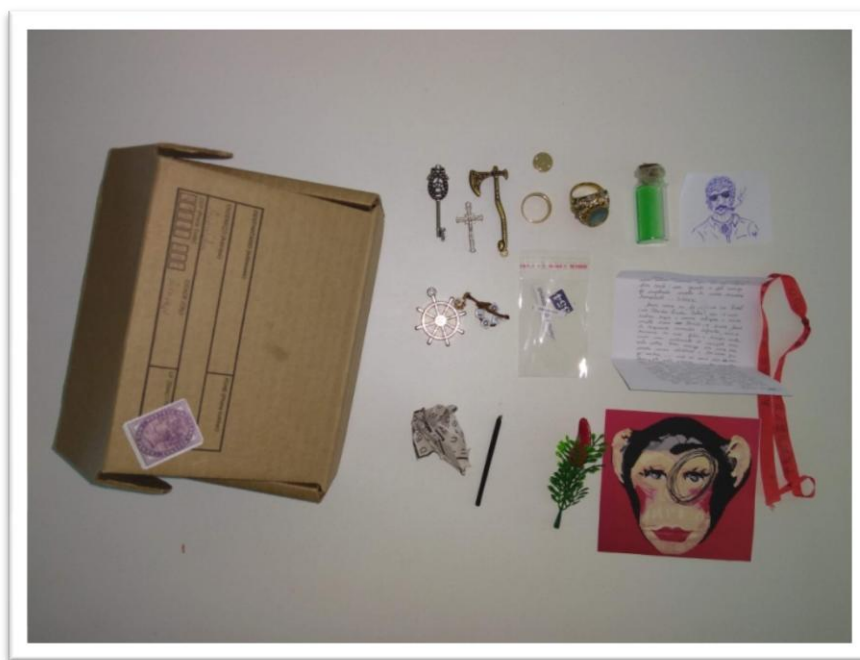


Figura 5 – materiais utilizados no jogo (arquivo próprio)

Tempo médio de aplicação e conclusão da atividade: 4 -5 aulas.

Comandos:

1. Dividir a sala em equipes (com até cinco estudantes);
2. Informar aos alunos que um envelope (com uma carta que apresentará o mistério/conflito) será entregue às equipes, assim como uma caixa, com algumas pistas acerca do crime. **ATENÇÃO:** é preciso deixar claro que a caixa não deverá ser aberta até a carta ser lida completamente;
3. Entregar um envelope e uma caixa para cada equipe, assim como os materiais pra planejamento do texto e rascunho²⁹;
4. Explicar que, a partir do conflito apresentado na carta, eles deverão criar um enredo que justifique/solucione o crime exposto. Para isso, deverão incluir, coerentemente, em suas narrativas a maioria dos elementos inclusos na caixa (que deverão ser circulados quando utilizados no texto);
5. Coordenar as atividades e tirar as dúvidas que surgirem;
6. Solicitar que cada equipe apresente oralmente a sua história.

Além dos passos acima, é essencial que essa atividade de produção de texto tenha

²⁹ Disponíveis no apêndice do caderno.

continuidade após o jogo (que já contempla as etapas de planejamento e confecção da 1ª versão do conto), sendo fundamental a revisão, a reescrita e a editoração dos textos produzidos.

❖ 5ª Etapa: Apresentação oral da produção de texto (1 aula)

Orientação: Solicite aos alunos que formem uma roda. Faça um sorteio com os representantes das equipes, com o objetivo decidir a ordem de apresentação e peça para que, em ordem, compartilhem suas histórias. Com base nas produções feitas e na explanação oral, os alunos receberão brindes (livro, chocolate, balas, pirulitos) das mãos dos jurados, por suas participações e compartilhamentos de ideias. No final dessa atividade, informe aos estudantes que o texto deverá ser revisado por eles e entregue ao professor na aula seguinte, para que as dúvidas sejam tiradas e o texto seja reescrito.

❖ 6ª Etapa: Teste de saída (1 aula)

Orientação: Ao iniciar a aula, solicite as produções textuais dos alunos e alunas e, pouco a pouco, faça as intervenções necessárias, considerando os seguintes eixos: 1. Linguístico-gramatical (acentuação, pontuação etc); 2. Temático/tipologia textual; 3. Seleção e organização textual; e coesão textual (mecanismos linguísticos necessários para a construção do texto). Por considerarmos a produção de texto uma atividade processual (com planejamento, produção da primeira versão, segunda versão e editoração) e social, é importante oferecer, após a revisão e refações necessárias, a oportunidade dos estudantes publicarem esse material (redes sociais, blog, livro impresso). Essa etapa ficará a cargo de cada professor, de acordo com sua demanda e possibilidade. Por fim, após as recomendações nas produções de texto de cada equipe, explique aos estudantes que eles farão um teste final, composto apenas por uma questão de caráter subjetivo, com o objetivo de testar os conhecimentos adquiridos ao longo dessa sequência de atividades. É fundamental que o professor não interfira no teste, para que a análise de resultados seja a mais fiel possível.

TESTE DE SAÍDA

- 1) Uma narrativa é contada por alguém, acontece em um lugar, envolve personagens, e ocorre em uma época. O que mais é necessário para que uma narrativa se desenvolva? Explique.

8 CONVERSA FINAL

Reformulando o que dizia Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, pode-se dizer que o professor é, “antes de tudo, um forte”. Para ser docente não basta lecionar conteúdos ou acreditar no sucesso pessoal de cada estudante; é preciso acreditar no crescimento socioeducacional de um país e dar a oportunidade para que os alunos e alunas sejam transformadores sociais. Para isso, é primordial que a prática pedagógica seja uma atividade consciente, que busca desenvolver nos discentes habilidades e competências. Então, com o objetivo principal de trabalharmos o conflito gerador do enredo, criamos atividades que não só contemplam os eixos de leitura e análise linguística/semiótica, como também trabalham a escuta, a oralidade e a produção de texto, considerando as reminiscências sociais presentes nas narrativas e as subjetividades dos estudantes. Sendo assim, esperamos que esse caderno oportunize novas práticas, sob diferentes perspectivas, assim como proporcione bons momentos em sala aula, espaço majoritário do conhecimento e do senso crítico.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: < http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2018.

CALVINO, Italo. Por que ler os clássicos. In: _____. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 9-16.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2009.

DOYLE, Conan et al. Sherlock Holmes à beira da morte. In: **Para gostar de ler**. Tradução de Denise Valença Bertacini. São Paulo: Ática, 2006.

GOTLIB, Nádya Battela. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1990.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. 5. ed. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LEFFA, J. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Editora Cultrix,, 1974.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. São Paulo: Cultrix, 1997.

POE, Edgar Allan. **Contos**. Tradução da Editora Globo. São Paulo: Editora Três, 1974.

POE, Edgar Allan Poe. Review of Twice told tales. In: MAY, Charles E. (Org.). **Short story theories**. 2.ed. Athens: Ohio University Press, 1976.

REIMÃO, Sandra Lúcia. **O que é um romance policial**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

REY, Marcos. “O último cuba-libre”. In: COSTA, Flávio Moreira da. **Crime feito em casa: contos policiais brasileiros**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 2005.

ROIPHE, Alberto (Org.). **Literatura em jogo**: proposições lúdicas para aulas de português. Aracaju: Criação, 2017.

SERGIPE. Secretaria de Estado da Educação. **Currículo de Sergipe**: integrar e construir. Aracaju, 2018.

SIMENON, Georges. **Maigret sai em viagem**. Tradução de Alessandro Zir. Porto Alegre: L&PM, 2011.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6ª ed. Porto Alegre: Penso, 1998

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectivas, 2003.

APÊNDICE

APÊNDICE A: Ficha de planejamento

FICHA DE INVESTIGAÇÃO CRIMINAL	
LOCAL DO CRIME: _____	DATA: ____/____/____
DETETIVE RESPONSÁVEL:	
CRIME (CONFLITO):	
CRIMINOSO/A:	
PISTAS:	
ANOTAÇÕES GERAIS	

APÊNDICE B: Modelo de carta com o conflito

19 de agosto de 2013

Aracaju/SE

Cara Irene Adler,

Estou anestesiada com tudo que me ocorreu nos últimos dias. Não sei o que fazer e por conhecê-la por meio das mídias e das rodas de conversa, imploro a tua ajuda. De antemão, gostaria de me apresentar: meu nome é Verônica Mayer, sou brasileira, mas moro há dois anos em Londres. Há dois dias estou aflita, pois soube que um amigo muito querido faleceu de uma maneira tão horrenda que jamais, nem nos meus piores pesadelos, poderia imaginar que algo do tipo poderia acontecer.

Emanuel Jardim, meu fiel amigo de infância, foi encontrado morto, em sua casa, no dia 17 de agosto. A sua morte não é o que mais me assusta já que, apesar da dor, todos nós um dia partiremos, mas a ausência de explicações lógicas para o acontecido. Os médicos legistas afirmaram que ele não morreu de nenhuma causa natural, também não detectaram marcas ou lesões no seu corpo. Além disso, os policiais descartaram a possibilidade de assassinato já que, pelas investigações iniciais, ele não tinha inimidades e, aparentemente, nada foi roubado. Ontem, todavia, recebi da mãe do Emanuel uma caixinha, como lembrança, que continha alguns objetos encontrados na casa dele. Não sei bem, mas desde que recebi esses objetos, tenho uma insistente intuição de que essa caixa pode guardar a chave para alguma explicação acerca do que aconteceu.

Mais uma vez, eu suplico a tua ajuda. Sei que és a melhor, resolves os casos mais misteriosos e indecifráveis que já ouvi falar. Se não for pela tua genial capacidade de dedução e de análise criminal, sei que jamais alguém conseguiria achar explicação para esse caso.

Atenciosamente,

Verônica M.

APÊNDICE C: Folha de rascunho

CONFIDENTIAL

ANEXOS

Anexo A - Questões utilizadas no simulado diagnóstico, em 2017, direcionado às turmas de 9º ano

13. Leia o texto abaixo e responda à questão:

O HOMEM DO OLHO TORTO

No sertão nordestino, vivia um velho chamado Alexandre. Meio caçador, meio vaqueiro, era cheio de conversas — falava cuspindo, espumando como um sapo-cururu. O que mais chamava a atenção era o seu olho torto, que ganhou quando foi caçar a égua pampa, a pedido do pai. Alexandre rodou o sertão, mas não achou a tal égua. Pegou no sono no meio do mato e, quando acordou, montou num animal que pensou ser a égua. Era uma onça. No corre-corre, machucou-se com galhos de árvores e ficou sem um olho. Alexandre até que tentou colocar seu olho de volta no buraco, mas fez errado. Ficou com um olho torto.

RAMOS, Graciliano. Histórias de Alexandre. Editora Record. In revista Educação, ano 11, p. 14

O que deu origem aos fatos narrados nesse texto?

- (A) O fato de Alexandre falar muito.
- (B) O hábito de Alexandre de falar cuspindo.
- (C) A caçada de Alexandre à égua pampa.
- (D) A caçada de Alexandre a uma onça.

10Fontes: MEC, CAED-JF, SEAPE - AC, SAEPI - PI, SPAECE - CE, SAEPE - PE, PAEBE - ES, SABE - BA, PROEB - MG, SAERJ - RJ, SAEGO - GO, SAERO-RO, PROMOVER - MS, SAEMS - MS, SAERS - RS, SAVEAL - AL, Prova da cidade - SP, Saresp - SP, Matriz de Referência de Língua Portuguesa e Matemática (descritores), Guia de Elaboração de Itens.

13

5. Leia o texto abaixo.

A incapacidade de ser verdadeiro

Paulo tinha fama de mentiroso. Um dia chegou em casa dizendo que vira no campo dois dragões-da-independência cuspindo fogo e lendo fotonovelas.

A mãe botou-o de castigo, mas na semana seguinte ele veio contando que caíra no pátio da escola um pedaço de lua, todo cheio de buraquinhos, feito queijo, e ele provou e tinha gosto de queijo. Desta vez Paulo não só ficou sem sobremesa como foi proibido de jogar futebol durante quinze dias.

9



GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DED
NÚCLEO DE ESTUDOS, PESQUISAS EM AVALIAÇÃO E CURRÍCULO – NEPAC
SIMULADO 2017 – 9º ANO EF

Quando o menino voltou falando que todas as borboletas da Terra passaram pela chácara de Siá Elpídia e queriam formar um tapete voador para transportá-lo ao sétimo céu, a mãe decidiu levá-lo ao médico. Após o exame, o Dr. Epaminondas abanou a cabeça:

– Não há nada a fazer, Dona Coló. Este menino é mesmo um caso de poesia.

DRUMMOND, Carlos. *Contos plausíveis*. Rio de Janeiro: Record.

Nesse texto, a narrativa é gerada pela

- (A) aparição de seres fantásticos.
- (B) ida de Paulo ao médico.
- (C) imaginação de Paulo.
- (D) proibição de jogar futebol.

Disponível em: <<https://www.seed.se.gov.br/provabrasil/>>. Acesso em: 20 out. 2018.

Nome da Escola:
Cód. INEP:

COLÉGIO ESTADUAL ARABELA RIBEIRO

28024532

LÍNGUA PORTUGUESA - 5º ANO

Total alunos matriculados no ano/série

0

Total de alunos avaliados nesta edição

0

Questão	Descritor	Total de Acertos
1	D02	0
2	D04	0
3	D13	0
4	D12	0
5	D10	0
6	D03	0
7	D01	0
8	D08	0
9	D09	0
10	D07	0
11	D14	0

LÍNGUA PORTUGUESA - 9º ANO

Total alunos matriculados no ano/série

49

Total de alunos avaliados nesta edição

37

Questão	Descritor	Total de Acertos
1	D15	27
2	D21	12
3	D19	18
4	D18	32
5	D07	31
6	D10	12
7	D20	26
8	D01	24
9	D04	13
10	D06	12
11	D11	21
12	D02	15
13	D07	31

122

História Um

A FARSA

Somos a Zargas, uma equipe de detetives formada por Anny Louise, a cabeça da equipe e uma pessoa muito generosa; Ana Paula, a que analisa o local do crime e é uma pessoa muito extrovertida; Rafael, o que analisa as pistas e é uma pessoa inteligente; Gabrielly Martins, a que ajuda Rafael a analisar as pistas e é uma pessoa ágil e, por fim, eu, Zélia Julliany, a que procura entender mais sobre os casos misteriosos que recebemos na agência, além disso sou uma menina tímida e tranquila.

Nesse capítulo iremos relatar sobre um caso um tanto misterioso e estranho que desvendamos há um certo tempo.

Numa manhã de sexta-feira, às oito horas e trinta minutos do dia 19 de agosto, eu e minha equipe estávamos em nosso escritório conversando sobre como seria ótimo se ganhássemos o prêmio de melhor equipe de detetives do país (um super evento que valorizava os melhores profissionais da área), quando Izabella, nossa secretária, interrompe nossa conversa nos entregando um envelope com uma caixa.

- O que é isso? - Perguntou Ana Paula.

- Enviaram, de Londres, essa caixa e uma carta para vocês. - Izabella responde, entregando a correspondência para Anny.

Anny abre o envelope e lê para todos:

“Caros/as detetives

Quem vos fala é Irene Alder. Apesar de eu residir do outro lado do oceano, talvez vocês já tenham ouvido falar sobre mim, seja na literatura ou nas rodas de conversas, pois o meu trabalho assemelha-se ao que vocês fazem: desvendar mistérios, em especial aqueles que os cidadãos comuns, incluo nessa parcela a polícia, não conseguem solucionar.

Mas talvez estejam se perguntando o porquê do contato, não é mesmo? A questão é que há pouco tempo recebi uma carta interessante, juntamente com uma caixa repleta de pistas, de uma contrerrânea de vocês, entretanto, não posso ajudá-la, visto que estou tentando desvendar um enigma que merece toda a minha atenção. Por esse motivo, gostaria de encaminhar o caso a vocês, assim como a caixa e a carta, já que não tenho dúvidas de vossas habilidades investigativas. Espero que aceitem o desafio!

*Atenciosamente,
Irene Alder”*

Rafael abre a caixa, pensativo, e comenta:

- Interessante, aqui dentro há outra carta, talvez seja a que Irene mencionou. Ele, entusiasmado, começou a ler em voz alta:

“Cara Irene Alder,

Estou anestesiada com tudo que me ocorreu nos últimos dias... Por não saber o que fazer, e por conhecê-la por meio das mídias e das rodas de conversas, imploro a tua ajuda. De antemão gostaria de me apresentar-me: meu nome é Verônica Mayer, sou brasileira, mas

moro há dois anos em Londres. Há dois dias estou aflita, pois soube que um amigo, muito querido faleceu de uma maneira tão misteriosa, que jamais, nem nos meus piores pesadelos, poderia imaginar que algo do tipo aconteceria.

Emanuel Jardim, meu fiel amigo de infância, foi encontrado morto, em sua casa, no dia 15 de agosto de 2019. A sua morte não é o que mais me assusta, já que, apesar da dor, todos nós um dia partiremos, mas a ausência de explicações lógicas para o acontecido. Os médicos legistas afirmaram que ele não morreu de causa natural, também não detectaram marcas ou lesões no seu corpo. Além disso, os policiais não falam sobre a possibilidade de assassinato, já que, pelas investigações iniciais, ele não tinha inimizades, e aparentemente nada foi roubado. O enigma foi a forma como foi encontrado: com uma expressão assustadora. Segundo relatos, parecia que ele tinha visto o pior dos horrores ou sentido a pior das dores, e nesse encontro, seu corpo e sua face paralisaram, como acontecia com os homens que olhavam a famigerada Medusa. Ontem recebi da mãe do Emanuel uma caixinha, como lembrança, que continha alguns objetos encontrados na casa dele.... não sei bem, mas desde que recebi esses objetos tenho uma insistente intuição que nessa caixa pode estar a chave para alguma explicação acerca do que aconteceu.

Mais uma vez, eu suplico a tua ajuda... sei que és uma das melhores detetives do mundo, resolves os casos mais misteriosos e indecifráveis que já ouvi falar. Por favor, ajude-me!

*Ansiosamente,
Verônica Mayer”*

-Temos um caso e tanto! Ele não morreu de nenhuma coisa natural, não tinha nem marcas nem lesões. Foi encontrado com uma expressão de espanto - afirma Gabrielly.

- Se não havia lesões, suponho que tenha sido veneno – Zélia disse.

-Também acho, o que mais tem dentro da caixa? - perguntou Anny.

-Tem uma **carta de baralho** com a imagem de um coringa, uma imagem **de um macaco maquiado** e com um círculo no olho, **uma cruz, um minério**, um papel como se tivesse sido rasgado de algum **caça palavras** e as **palavras: coração e morcego** estavam circuladas, uma miniatura de **um timão de navio**, e, por fim, uma chave. -Disse Rafael.

- O que será que esse macaco significa? –Perguntou Ana Paula.

-A vítima poderia gostar de animais, o mesmo com a carta do baralho, só não entendo o porquê de estar maquiado. – disse Anny.

Ficamos analisando as pistas com toda a atenção, entramos nas redes sociais do Emanuel e descobrimos que ele era casado a pouco tempo com uma mulher chamada Roberta. Emanuel não tinha filhos, gostava de viajar e, pelas fotos e pelas pesquisas que fizemos, parecia ser uma pessoa muito religiosa, que obedecia todas as regras da igreja.

Chamamos Verônica Mayer, a amiga de Emanuel, para um depoimento.

-Senhora Mayer, peço desculpas por ter a feito esperar, estamos vivendo uma turbulência com o caso do Emanuel.

-Não tem problema.

Verônica Mayer era uma mulher pequena, com cabelos castanhos, e passava uma energia boa.

- Então, Verônica, eu me chamo Zélia, trabalho em uma equipe de detetives e no momento estamos analisando as pistas que vieram dentro da caixa misteriosa.

- Tenho certeza que estão dando o melhor de si.

- Sem dúvida, estamos. Bem...está disposta a responder algumas perguntas?

- Farei o possível para ajudar.

- Você sempre manteve contato com Emanuel?

- Sim, éramos muito unidos.

- Notou algo diferente nesses últimos dias?

- Não, ele estava normal.

Continuei fazendo as perguntas a Verônica, até que ela disse algo interessante.

- Você já teve alguma relação mais íntima com Emanuel? – perguntei.

- Sim. Já namoramos quando éramos adolescentes, porém não gosto muito de lembrar daquela época.

- Por quê? O que aconteceu?

- Não era só eu e Emanuel, tínhamos outro amigo, Robert.

- Naquele tempo eles dois eram apaixonados por mim, Emanuel sabia que Robert gostava de mim e mesmo assim me pediu em namoro na frente de todos que estavam no passeio de cruzeiro promovido pela nossa escola. Robert ficou muito triste e nunca mais falou com a gente, e ainda prometeu que iria se vingar de Emanuel.

- Você sabe onde ele está agora?

- Não, perdemos o contato. Ele foi embora, ninguém sabe pra onde.

- Verônica, as perguntas acabam por aqui. Qualquer avanço que tivermos, avisaremos a você. Obrigada pela colaboração.

- Por nada! É um prazer ajudá-los.

Verônica retirou-se e fui ao encontro dos meus colegas.

- Descobriram algo sobre as pistas? – perguntei.

- Sim. A aliança tem digitais diferentes da de Emanuel. - respondeu Gabrielly.

- Suponho que seja da esposa. – disse eu.

- Usamos aquele detector de digitais e descobrimos que essas digitais na verdade são de um homem chamado Robert.

Na mesma hora lembrei-me da história que Verônica tinha me contado, talvez fosse ele, mas como, se eles não tinham contato? – eis o mistério.

- Verônica me falou sobre um homem que se chamava Robert, ela me contou que eles eram amigos na escola, só que brigaram, pois Emanuel sabia que ele gostava dela e a pediu em namoro na frente de todos, depois desse dia eles nunca mais se falaram e Robert prometeu se vingar dele.

- Vou mandar tirar xérox da imagem dele para perguntarmos se existe a possibilidade de Robert estar envolvido nesse caso.

- Ok! Faça isso. Descobriu algo a mais?

- A chave. Deve ser de algum cofre ou algo que precisasse ser guardado. Talvez esteja o local ou o objeto que esteja bem guardado esteja na casa de Emanuel.

- Vamos lá, então, talvez tenha mais pistas. Vou chamara mãe dele para pra nos acompanhar.

Fiz uma ligação para a mãe de Emanuel e a chamei para ir conosco até a casa. Como foi ela que encontrou as pistas, seria ótimo que ela nos acompanhasse.

- Boa tarde Sra. Rose. Tudo bom? – disse Gabrielly.

- Boa tarde minha filha, só vou ficar bem quando a morte do meu filho estiver resolvida.

Ainda não tínhamos certeza se foi um assassinato, suicídio ou até mesmo uma morte natural extremamente rara e misteriosa.

- Eu me chamo Gabrielly e sou uma das detetives que estão solucionando o caso do seu filho, precisamos que a senhora nos acompanhe até a casa dele.

- Claro, farei tudo o que for preciso.

Saímos do nosso escritório e fomos direto para casa do Emanuel. Por dentro, a casa era no estilo clássico, as paredes eram acinzentadas e tudo estava devidamente enquadrado e alinhado nos ambientes.

- Sra. Rose, como tens mais intimidade, poderia nos apresentar a casa?

- Sim. Claro.

- Chegando ao quarto de Emanuel e da esposa, que se chamava Roberta, vimos que o guarda-roupa dela estava trancado, lembramos da chave que estava dentro da caixa com as outras pistas e tentamos abrir o guarda-roupa com ela. Quando o abrimos, uma grande surpresa: havia planos detalhados contra Emanuel, parecia com as histórias policiais que tanto líamos, era difícil acreditar. De cara pensamos: será que foi a esposa dele? Mas aí olhamos as gavetas e vimos cartas que Verônica e o próprio Emanuel tinham mandado como destinatário Robert, que significava a tentativa dos dois manterem algum contato com o velho amigo de adolescência.

Nesse momento parecia que o quebra-cabeça tinha se alinhado completamente... Descobrimos tudo, Robert era o culpado. Dentro do guarda-roupa tinha peças femininas, mas as peças íntimas eram todas masculinas. Perguntamos a Sra. Rose se cada um tinha o seu próprio guarda-roupa e ela respondeu que sim, que na verdade Emanuel guardava suas roupas em uma velha cômoda que ficava ao lado da cama, já que não era homem de muita vaidade, então não acumulava muita roupa. Diante do que foi dito, ficou claro que não teria um porquê de haver roupas íntimas masculinas ali.

Aos poucos, analisando as fotografias que encontramos e as fotos antigas que foram resgatadas na escola que Robert estudava, notamos as semelhanças entre Robert e Roberta. Entretanto, de tantas plásticas ele já parecia uma linda mulher e isso explica a pista do macaco maquiado, o macaco era ele mesmo, obcecado por sua transformação e vingança. Sua beleza, delicadeza, extrema gentileza misturada com alto teor de conservadorismo, além do conhecimento sobre o amigo e o estudo do seu comportamento ao longo do tempo fizeram com que Emanuel se apaixonasse por ele aos poucos, isso também explica a pista do caça palavras “morcego” e “coração” que significa: amor cego. Ele já estava tão apaixonado e envolvido por aquela mulher carinhosa e gentil que não percebia os traços masculinos que ele ainda tinha.

- Mas por que ele fez isso? – Perguntou Izabella.

- Por conta do conflito que eles tiveram no cruzeiro, isso explica o mini timão, volante do cruzeiro, que estava na caixa das pistas.

Estávamos distraídos formando um plano de como iríamos prendê-lo até que... percebemos passos e, quando olhamos, Robert estava fugindo de nós. Corremos o mais rápido que pudemos, e conseguimos alcançá-lo muito cansado e ofegante. Ele admitiu que fez isso por vingança, e que já fazia anos que planejava o passo a passo para alcançar seu intento. Ele enganou Emanuel direitinho e fez ele pagar por tudo que ele tinha feito.

Por fim, prendemos Robert, mais conhecido como Roberta, esposa de Emanuel. Esse foi um dos casos mais difíceis e estranhos que já vimos, e por sermos ótimos detetives conseguimos resolver.

No final desse misterioso caso, recebemos a ótima notícia que tínhamos ganhado o prêmio de melhores detetives do país, e fica o nosso agradecimento a Irene Adler, detetive britânica de alto escalão, que nos inspirou a vida inteira com seu ágil raciocínio investigativo e inteligência, gentilmente, repassou esse incrível caso para nós.

*Ana Paula Lopes dos Santos
Anny Louise Carvalho Santos
Rafael Costa de Araújo
Zélia Julianny Lopes dos Santos Silva
Gabrielly Martins Santos*

História dois

O FIM DA AGÊNCIA YOANA

Era um dia cinzento em nossa agência de detetives, há algum tempo não aparecia um caso a ser solucionado, então resolvemos tomar café. Ao voltar, achamos uma carta sobre nossa mesa de casos, todos ficamos curiosos ao ver aquela carta misteriosa. Abrimos a carta e lemos, era de uma mulher chamada Irene Adler, pedindo para que ajudássemos a resolver um caso de uma conterrânea nossa. Ela também havia deixado uma caixa, com algumas coisas dentro e uma chave ao lado dela. Abrimos a caixa e dentro havia outra carta, de uma mulher chamada Verônica Mayer. Segundo ela, um amigo querido tinha falecido de uma maneira tão misteriosa que ninguém até hoje nunca conseguiu resolver o caso.

Nesta caixa encontramos vários objetos misteriosos; uma carta de baralho, uma numeração 354, um vidro de óleo amarelo, um hashi, uma caricatura de uma mulher com um colar contendo uma frase, um nome, uma caveira e um par de alianças.

Dividimos as pistas entre nós, para podermos agilizar o caso. A detetive Nalanda ficou com as alianças, o detetive Ricardo ficou com o hashi, a detetive Juju ficou com o óleo misterioso, o detetive Ruan ficou com a caveira e a caricatura da mulher, a detetive ficou com a carta de baralho, o colar, o nome e o número 354.

Nalanda: Emanuel Jardim costumava sair duas vezes por semana para se distrair e beber em um barzinho perto de sua casa, nesse bar ele conheceu uma mulher chamada Eduarda. Após um tempo de conversa ele acompanhou ela até a sua casa, com o passar das semanas e dos meses ele se apaixonou por ela, depois falou-lhe que amava, ela também tinha um sentimento recíproco, dois anos se passaram e eles estavam prestes a se casar. Emanuel já tinha comprado as alianças e faltava pouco tempo para se casarem. Investiguei e fiquei sabendo de longe a paixão de Manuel por Eduarda, mas não deu tempo de ficar por dentro das coisas, eu já estava de saída com o detetive Ricardo para almoçar em um restaurante japonês.

Ricardo: Assim que chegamos ao restaurante pedimos sushi, eu não queria comer com o hashi do restaurante e sim com o da pista do caso, mas não deu, pois estava muito oleosa.

Juju: Saí para descobrir o que tinha naquele óleo amarelo, fui a um laboratório e em poucos minutos saiu o resultado: Dentro daquele óleo tinha um veneno muito forte, assim que usados evaporava em minutos.

Ruan: Descobri que a caveira representava a morte e suspeitamente ao usar um sistema de reconhecimento facial e um simples escaneador, verifiquei que a mulher da caricatura poderia ser Verônica, então fiquei assustado por pensar que ela poderia estar em perigo.

Vitória: A carta do baralho significa a disputa entre o rei e o valete por uma dama. Tendo isso em vista, resolvi procurar saber com parentes próximos da vítima se ele tinha alguma namorada, esposa ou amante. Descobri através de sua irmã que ele tinha uma paixão chamada Eduarda, deduzi então um romance triplo, pois havia um outro homem enamorado por ela, chamado João. Fui atrás de algum João que morasse em algum apartamento com o número 354. Foi um pouco difícil encontrá-lo, o mesmo não quis falar sobre o assunto, disse que o assunto deveria ficar no passado, chegou a discutir comigo e para finalizar fui atrás de Eduarda. Ela me contou que amava a vítima, mas tinha medo de algo acontecer com seu amado, pois havia outro rapaz determinado a tê-la, Eduarda me mostrou um colar que havia ganhado do amado no último encontro que tiveram.

Voltamos para a agência e juntamos as pistas, e o que conseguimos com elas. Concluímos que havia um romance triplo entre João, Eduarda e Emanuel, fomos na casa da vítima que estava intacta desde o assassinato, achamos uma tesoura onde estava o corpo da vítima, mas não havia digitais, nem marcas de sangue, então a arma do crime não poderia ser a tesoura e sim o óleo com o veneno dentro que foi usado pela própria vítima na pele. Dias depois fomos ao encontro de Verônica e a mesma estava em um cemitério onde o corpo tinha sido sepultado, logo quando chegamos perto ela se virou para trás com uma arma em sua mão, ameaçando se matar ou matar todos nós, tentamos convencê-la a não fazer nada, mas por impulso Verônica atirou em Nalanda.

Logo depois Verônica soltou a arma e começou a chorar, chamamos a polícia e a ambulância, mas infelizmente não conseguimos salvar nossa companheira. Nalanda morreu falando: - Não se deixem enganar.

*Emilly Nalanda Oliveira Santos
Ruan Gustavo Matos Santos
Gláucia Vitória dos Santos
Juliana Santa dos Santos
Ricardo Santos de Jesus*

História três

NO QUARTO TRANCADO

Emanuel Jardim, jovem de apenas 18 anos, estudante e bom leitor, foi encontrado morto em sua residência no dia 15 de agosto de 2019. Sete dias antes da sua morte, ele havia comprado passagens, para ele e seus amigos, para um Cruzeiro que passaria por parte da Costa Litorânea Brasileira.

Poucos dias depois de fazer essa compra, Emanuel Jardim saiu para jantar, mas não deu tempo nem de entrar direito no restaurante, que logo o pegaram pelas costas. Quando ele virou e, no susto, quase agrediu o homem, viu que era Arthur, amigo dele.

-Já pensou se lhe dou um murro?!

-Cara, era só uma brincadeira! Você vai ficar com raiva disso?

-Brincadeira de mau gosto, só se for!

- Isso não se faz, no mundo de hoje você fazer uma coisa dessa!

Emanuel irritado decide ir para casa.

Já era de madrugada quando Emanuel estava no meio de uma chamada de vídeo com Verônica e Caíque, seus amigos de infância. Até Caíque perguntar sobre essa viagem ao Cruzeiro.

-Que viagem é essa que ninguém me chamou? - perguntou Verônica.

-Não, eu me enganei – disse Caíque.

-Não caíque, você não se enganou, apenas acabou me contando o que eu não deveria saber. Tchau pra vocês, já está na minha hora – e encerrou a vídeo chamada.

-Você é muito bocudo, Caíque! - falou Emanuel.

-Não, eu não sou bocudo, Verônica tem que parar de ser ciumenta! Porque o ciúme dela por você já está passando dos limites.

-Com Verônica ou não vamos viajar de qualquer jeito – disse Emanuel.

-Ela está passando dos limites com essa arrogância, a viagem vai ser só para os boys.

-Ela vai morrer de raiva, mas com um tempo ela entende.

-Ela não vai só ficar raiva, vai querer te matar também, ela vai tacar o terror onde você estiver – alertou Caíque.

-Vai nada! Vocês exageram demais... Agora vou descansar, daqui a pouco vamos ter que acordar novamente. Para curtir!!!!

Após algumas horas os amigos já estavam prontos para o embarque. Verônica começa a ligar...

-Verônica está ligando – disse Emanuel.

-Não atenda não - falou Rubens, outro amigo de Emanuel de infância.

Chegando no Cruzeiro eles foram cada um para um quarto, depois resolveram ir a um cassino, beberam tanto que Arthur, muito distraído, caiu e derrubou todas as bebidas do balcão. Muito bêbado ele falou:

-Não se preocupem, vou apostar todo o meu dinheiro e vou pagar tudo isso.

-Não, você está ficando maluco! - falou Rubens.

-Se ele não pagar vai ter que fazer toda a limpeza do cassino! - falou o homem que estava responsável pelas bebidas.

-Então nós iremos fazer toda a limpeza! - gritou Emanuel.

O Cassino fechou às 0h, e foi essa hora que eles começaram a limpar o local, pois não tinha dinheiro para pagar a conta de todo consumo. Já era 2h48 quando eles terminaram a limpeza. E foi nessa hora quando Emanuel pediu permissão para o gerente do cassino liberar pelo menos mais um jogo para eles apostarem. Mas o rapaz só iria liberar se ele apostasse acima de 400 mil, ele muito corajoso apostou 500 mil, mesmo sem ter essa quantia, afinal, não tinham dinheiro nem para pagar a conta.

-Cara, é muito dinheiro - afirmou Caíque.

-Eu vou sair rico!!!! – disse Emanuel

Enquanto eles esperavam todos entraram para ver o jogo. Emanuel escolheu o número para o jogo.

-Em que número você vai querer apostar? - perguntou o controlador do jogo

-12! – exclamou Emanuel.

E então o inesperado aconteceu, Emanuel Jardim se tornou o novo milionário do Cassino.

-Eu estou rico, rico, rico!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Passaram-se alguns dias até o gerente do cassino entregar a grande quantia a Emanuel. Entretanto, eles entregaram para o ganhador um pequeno baú que estava fechado com um cadeado e só abria com uma chave, disseram que o prêmio era sempre entregue em barras de ouro.

Quando eles chegaram em casa, foram todos logo falar com Verônica e dar a boa notícia.

-Ah! Decidiram falar comigo? – perguntou ela.

-Sim, Verônica, temos uma ótima notícia para te dar - afirmou Caíque.

-O quê? Me contem logo! - Verônica estava muito curiosa.

- Sabe quem é o mais novo milionário do Brasil?

-Quem, quem?

-Emanuel Jardim! - gritou Caíque

-MEU DEUS!!!. -Verônica ficou muito espantada com a notícia.

No outro dia decidiram se reunir em um barzinho e chamaram Verônica. Ela ainda estava com muita raiva, por isso resolveu fazer a cabeça dos meninos dizendo que agora que Emanuel estava rico não iria querer mais saber deles. Pouco a pouco ela foi envenenando a cabeça dos amigos, que começaram a ficar desconfiados da lealdade do seu amigo.

Então Emanuel chegou e todos estavam desconfortáveis com o acontecido, daí então, devido ao clima estranho que estava, ele resolveu não ficar na mesa com Rubens, Caíque e Verônica, foi ficar com outras meninas e Verônica como sempre morrendo de ciúmes. Finalmente, já tarde de noite, e após todo aquele clima pesado, decidiram ir embora

No dia seguinte Verônica aparece na casa de Emanuel de surpresa.

-Verônica?

-Não vai me convidar pra entrar? – ironicamente ela respondeu.

Ele abriu a porta, mas em seguida chegaram os outros amigos. Emanuel perguntou se eles queriam um suco. Todos disseram que queriam, mas Verônica, íntima que era, como resolveu servir os sucos, entretanto, em um dos copos acrescentou um tônico e deu a Emanuel. Todos beberam o suco, conversaram e, aparentemente, o clima de desconfiança havia passado. Por volta das 23h todos foram embora.

No outro dia, para a surpresa de todos, ou quase todos, Emanuel não acordou. Caíque, um de seus amigos, foi lá na casa de Emanuel e viu que ele não abriu a porta, então resolveu chamar a polícia.

Ninguém entendeu o acontecido, e a polícia, juntamente com os legistas, não conseguia resolver esse caso. Assim, a família dele resolveu contratar a nossa equipe de detetives. Eu, Eriki, como líder, comecei a investigação e a conversar minuciosamente com todos da família e seus amigos. Após, fomos à casa de Emanuel e começamos a juntar as peças, na nossa cabeça, todos eram suspeitos, afinal, Emanuel a pouco tempo havia ficado milionário. Mais uma vez, chamamos todos para uma conversa, foi nesse momento que os amigos falaram que no dia anterior haviam tomado um suco na casa de Emanuel. Em seguida, fomos ao local do crime e analisamos precisamente os copos que tinham sido usados no dia anterior, até que em um deles percebemos as gotas de tônico, com pequenas quantidades de veneno retirado de uma planta exótica, difícil de identificar. Em seguida, encontramos as digitais de Verônica na água tônica, foi aí que ligamos todos os fatos: ELA ERA A ASSASSINA! A chamamos para uma conversa informal, foi quando dissemos que sabíamos que ela era a culpa e que seria melhor que ela assumisse sua culpa. Depois de muitas tentativas ela começou a chorar e contou que fez isso por amor, que não conseguia mais viver sem Emanuel e não aguentava mais sua frieza.

E todos ficaram muito surpresos com a capacidade de Verônica.

-O ciúme é uma doença muito séria. - comentou Rubens.

Daí então o caso foi solucionado.

*Geovane de Carvalho Santos
Luana Souza Santos
Eduarda Reis Santos
Kelsen Mariana Santos*

História quatro

AMOR DE SERPENTE

A Sra. Irene Adler recebeu um caso misterioso, mas estava ocupada demais, então ela confiou em mim para resolvê-lo. O jeito que a Adler falou sobre o caso, me deixou um pouco empolgado, faz anos que não me sinto assim, todos os casos que resolve não tinham nada de surpreendente e grande, isso me deixa em um gigantesco tédio, acho que esse pode ser diferente.

A vítima dessa vez foi um homem chamado Emanuel Jardim. A morte dele é um mistério isso, porque não há marcas ou lesões no seu corpo que indicaria uma agressão, ele também não morreu de causas naturais e o mais assustador foi que ele morreu com o corpo totalmente paralisado, seu rosto estava com uma expressão amedrontadora, como se estivesse com dor ou assustado. Perguntei a polícia se ele tinha algum tipo de inimizades. Mas não, era uma pessoa boa que ajudava qualquer um que precisasse de ajuda, isso faziam todos que o conhecia adora-lo. Fiquei bem confuso, a única coisa que fazia sentido nessa história de detetive era o mistério.

Fui na casa da mãe do Emanuel para perguntar algumas coisas, isso poderia ajudar a resolver o caso. Passei horas fazendo pergunta e ela parecia que não estava se importando, acho que depois da morte de seu filho ficou sozinha em sua casa, a minha companhia naquele momento deve tê-la deixada alegre e ela também deveria está querendo resolver esse mistério, tanto quanto eu. Depois de muitas xícaras de chás, fui para casa. Em casa pensei sobre uma amiga do Emanuel que sua mãe contou, e que por sinal chamou bastante a minha atenção, mas logo caí no sono, acho que se acostumei com casos simples e esse estava tirando todas minhas forças.

No dia seguinte fui até a casa da Sra. Verônica Mayer, a amiga do Emanuel. Descobri que era uma moça linda e inteligente, mas parecia bem triste, ela me convidou para entrar em sua casa de um jeito belo que era impossível de recusar, educadamente, ela me pediu para esperar na sala, pois iria tomar banho, aproveitei, e comecei a investigar sua casa, eu sei que isso seria uma falta de respeito para uma moça tão educada como ela, mas é o meu trabalho, não tenho escolha. Com a investigação em sua casa, descobrir que ela trabalha em um laboratório que cria medicamentos a partir de veneno de cobra, achei sexy, também encontrei uma garrafa com um líquido que tinha um cheiro bem forte, mas ela já tinha acabado seu banho e isso, infelizmente, e impediu de descobrir mais coisas. Já se passaram vários dias e eu descobri nada relevante, mas esse mistério só me deixa mais excitado, não irei descansar até descobrir o que realmente aconteceu com Emanuel Jardim.

Depois de muito tempo, resolvi olhar os objetivos que foram confiscados do caso, pode haver uma resposta. Entre esses objetivos tinha um pote vazio com resíduos de um líquido vermelho, em parecido com o líquido que encontrei na casa da Sra. Mayer, suspeito. Mande o pote para o laboratório para ver as substâncias que havia nele, enquanto isso, pedi para fazer uma autópsia do corpo do Emanuel e ver se aquele líquido poderia ter causado a morte dele, mas infelizmente irei que esperar mais alguns dias até sair o resultado.

Depois de 16 dias nesse caso, sinto que agora irei conseguir resolvê-lo, graças a autópsia e a substâncias misteriosas. Recebe o resultado hoje e descobrir que o líquido era veneno, um veneno que paralisa o corpo de quem beber em 14 segundos, esse veneno vem de uma cobra e quem trabalhava com venenos de cobras, sim, Mayer, não achei que era coincidência. Além disso, ela tinha o mesmo líquido numa garrafa em sua casa, e para ter

certeza fui ver o resultado da autópsia e foi encontrado o mesmo líquido com veneno no corpo. Então eu comecei a especular sobre o que poderia ter acontecido.

A mãe do Emanuel contou que a amizade dele e da Mayer, foi linda deste que eram crianças, mas a Mayer não queria apenas a amizade do Emanuel, ela queria que ele fosse apenas dela, mas infelizmente Emanuel não a amava como ela queria, e para sorte da Mayer ele começou a namorar com uma garota da faculdade dele. Então, Mayer com ciúmes e ódio o matou, a assassina do Emanuel foi a sua melhor amiga.

*Gustavo Santos Martins
Luís Cláudio Viana Santos
João Victor Correia Santos
Joanderson dos Santos*

História cinco

O CASO DA FORMIGA

Em uma noite uma equipe do FBI recebeu às 23h uma caixa misteriosa onde era relatado por Verônica Mayer a morte de Manuel Jardim que faleceu na sua própria casa, porém os legistas não afirmaram que ele havia morrido de causas naturais e não tinham detectado marcas ou lesões no seu corpo.

Então a equipe do FBI viajou para Angra dos Reis. Os detetives decidiram investigar na casa da vítima.

O detetive Jean achou um colar de pérolas e um formigueiro de formiga de fogo que fora feito recentemente, o detetive Ítalo percebeu uma foto de Verônica Mayer que estava debaixo do travesseiro na cama de Emanuel, Eriki analisando a cena observou em baixo da cama havia um vaso de formigas de fogo.

Os detetives se reuniram e listaram as pistas: Um vaso de formiga de fogo; o colar de pérolas e a foto de Verônica. Logo os detetives começaram a desconfiar da própria Verônica Mayer, o detetive William decidiu marcar uma conversa na delegacia às 14h. Verônica chegou na hora marcada.

William: - Boa tarde, Senhorita Verônica.

Verônica: - Boa tarde também, detetive William.

William: - Marquei essa conversa pois gostaria de lhe fazer algumas perguntas, senhorita.

Verônica: - Sinta-se à vontade, detetive.

William: - Você e Emanuel eram amigos, namorados ou tinham algum grau de parentesco?

Verônica: - Não, éramos apenas amigos de infância... Sei tudo sobre ele, pois ele me falava muito de sua rotina.

William: - Emanuel Jardim tinha alguma doença ou alergia?

Verônica: - Sim, detetive... Alergia a formiga.

Detetive Jean entra na sala de interrogatórios

Jean: - Senhora, alguém sabia sobre essa alergia?

Verônica: - Não, a sua alergia era segredo, a única pessoa que sabia dela era eu.

Detetive Eriki chega a sala de interrogatório

Eriki: - Dona, no dia da morte de Emanuel Jardim, onde a senhorita se encontrava?

Verônica: - Confesso! Fui eu mesma quem o assassinei

William: - Qual o motivo do assassinato senhorita?

Verônica: - No dia 15 agosto nós viajamos para uma ilha inóspita em busca de um tesouro, o achamos e voltamos a terra, na hora da partilha, Emanuel separou a maior parte para ele, alegando que a ideia teria sido apenas dele e por isso a maior quantia... Eu tenho um amigo que criava formigas, sabendo da sua alergia, o contatei e pedi um aquário/vaso de formigas de fogo. Às 21h fui espreitar os arredores de sua casa, próximo as 22h ao perceber que não havia mais movimento na casa, entrei na casa, silenciosamente coloquei o vaso em baixo de sua cama e o abri.

Eriki: - O colar de pérolas é seu?

Verônica: - Sim, durante a minha movimentação de abrir a tampa do vaso, ele percebeu e me agarrou, ao tentar me safar, ele ficou com o colar em sua mão. Fugi correndo e criei a carta para que vocês não desconfiassem.

Então os detetives do FBI concluíram o caso do assassinato de Emanuel Jardim, a assassina fora Verônica Mayer, que recebeu sentença de 20 anos de cadeia e esse foi denominado o caso da formiga.

*Eriki Juan de Jesus
Jean Victor Nicácio
Ítalo Emanuel Rodrigues
William dos Santos Moura
Michaely Vitória Santos
Maria Eduarda Lima*

SHERLOCK HOLMES À BEIRA DA MORTE

Arthur Conan Doyle

A Sra. Hudson, senhoria de Sherlock Holmes, era uma criatura dotada de paciência infinita. Não só seu apartamento do primeiro andar era continuamente invadido por legiões de pessoas de aspecto estranho e muitas vezes indesejáveis, mas seu extraordinário inquilino mostrava uma extravagância e uma irregularidade de vida capazes de pôr à prova sua resignação. O incrível desmazelo, a paixão pela música nas horas mais insólitas, os exercícios ocasionais de tiro ao alvo no interior do apartamento, as fantásticas e geralmente malcheirosas experiências científicas, e a atmosfera de violência e perigo que o rodeava, faziam de Sherlock Holmes o pior pensionista de Londres. Por outro lado, no entanto, ele pagava um aluguel principesco, e não tenho dúvidas de que todo o prédio poderia ser comprado com o dinheiro que Holmes pagou por seu apartamento durante o tempo em que vivi com ele.

A pobre mulher tratava-o com a mais profunda reverência, e jamais ousava interferir em sua conduta, por mais descabida que fosse. Dedicava-lhe também grande estima, pois Holmes usava, no trato com as senhoras, de gentileza e atenção fora do comum. Embora detestasse o sexo oposto e não tivesse a menor confiança nele, fora sempre um adversário cavalheiresco. Sabendo como era sincera a amizade que esta senhora lhe dedicava, ouvi atenta e ansiosamente a narrativa que ela veio fazer-me em meu apartamento, no segundo ano de minha vida de homem casado, e com a qual me pôs a par do triste estado a que meu amigo estava reduzido.

—Ele está à morte, Dr. Watson — disse-me. — Há três dias que piora a olhos vistos, e não sei se conseguirá resistir até a noite. Não quis deixar-me chamar um médico. Hoje de manhã, quando lhe vi o rosto encovado e aqueles enormes olhos brilhantes fitando-me, não pude resistir mais. “Com sua licença ou sem ela, Sr. Holmes, vou chamar um médico imediatamente”, disse-lhe eu. “Se é assim, chame Watson”, respondeu. Se estivesse em seu lugar, doutor, não perderia tempo, caso queira encontrá-lo com vida.

Fiquei horrorizado, pois nada sabia de sua doença. É inútil dizer que me apressei a pôr o sobretudo e o chapéu, e, enquanto íamos no carro, pedi à boa criatura outros pormenores.

—Pouco lhe posso dizer, doutor. Ele andava ocupado num caso lá para as bandas de Rotherhithe, numa viela junto ao rio, e voltou com essa moléstia. Caiu de cama na quarta-feira à tarde, e desde então tem permanecido deitado. Há três dias que não prova líquido ou alimento algum.

—Santo Deus! Por que não chamou um médico?

—Ele não o permitiu, já lhe disse. O senhor sabe como ele é autoritário! Mas não lhe resta muito tempo de vida, como verá logo que lhe puser os olhos em cima.

Holmes oferecia realmente um espetáculo confrangedor. Na luz incerta daquele dia nevoento de novembro, o quarto do doente era um lugar triste, mas foi principalmente seu rosto lívido e descarnado, fitando-me do leito, que me gelou o coração. Os olhos luziam devido à febre, havia no rubor das faces sinais de exaustão progressiva do organismo, e crostas escuras denegriam-lhe os lábios; as mãos exangues contraíam-se incessantemente sobre o cobertor, e a voz era áspera e entrecortada. Jazia inerte na cama quando entrei; contudo, minha presença fez emanar de seus olhos um brilho de lucidez.

—Olá, Watson! Parece que a coisa vai mal — disse-me num fio de voz, na qual se percebiam ainda traços do antigo tom despreocupado.

—Meu caro amigo! — exclamei, dirigindo-me a ele.

—Não se aproxime! Não se aproxime! — bradou, na voz cortante e imperiosa que só lhe ouvira em ocasiões de grande perigo. — Se chegar perto de mim, Watson, serei constrangido a fazer com que se retire desta casa.

—Mas por quê?

—Porque assim o desejo. Não lhe basta isso?

Sim, a Sra. Hudson tinha razão. Estava mais autoritário que nunca; todavia, era triste vê-lo naquele estado.

—Desejava apenas ajudá-lo — murmurei.

—Exatamente! Você me será muito mais útil se fizer o que estou dizendo.

—É claro, Holmes.

A rispidez de suas maneiras abrandou

—Você não ficou aborrecido? — perguntou ofegante.

Pobre amigo, como poderia ficar aborrecido, vendo-o reduzido àquela situação?

—É para seu próprio bem, Watson — rouquejou.

—Para meu próprio bem?

—Sei o que tenho. É a chamada moléstia dos cules de Sumatra, mal que os holandeses conhecem melhor do que nós, apesar de não terem conseguido remédio contra ele. Só uma coisa é certa: é mortal e terrivelmente contagioso.

Falava com uma energia febril, enquanto suas longas mãos se agitavam e torciam na ânsia de me afastar.

—Transmite-se pelo simples contato, Watson... pelo simples contato.

—Conserve-se à distância e tudo estará bem.

—Por Deus, Holmes! Você julga que eu posso tomar isso em consideração? Não o faria nem mesmo no caso de um estranho, quanto mais quando se trata de cumprir meu dever para com um velho amigo.

Fiz de novo menção de me avizinhar, mas ele repeliu-me com um olhar furioso de cólera.

—Se você ficar onde está, falarei. Caso contrário, terá de sair deste quarto.

Tenho um respeito tão profundo pelos dotes extraordinários de Holmes, que costumo sempre ceder a seus desejos, ainda quando não os compreendo. Nesse momento, porém, todo o meu instinto profissional se insurgia. Podia aceitar suas ordens em qualquer outro lugar, mas, num quarto de doente, quem mandava era eu.

—Holmes — disse-lhe —, você está fora de si. Um homem enfermo é como uma criança, e eu o tratarei como tal. Queira ou não queira, vou examinar seus sintomas e tratar de curá-lo.

Meu amigo lançou-me um olhar irritado:

—Já que preciso dos serviços de um médico, ainda que contra minha vontade, permita-me ao menos chamar um no qual eu deposite confiança.

—Então você não confia em mim?

—Em sua amizade, certamente; contudo, fatos são fatos, Watson, e, afinal de contas, você não passa de um simples clínico com experiência muito limitada e dotes medíocres. É doloroso ter de lhe dizer estas coisas, mas você não me dá outra alternativa.

Senti-me profundamente magoado.

—Tal observação é indigna de você, Holmes. Ela revela claramente o estado de seus nervos. Todavia, se não tem confiança em mim, não lhe imporei meus serviços. Deixe-me então chamar Sir Jasper Meek ou Penrose Fisher, ou outro qualquer dos melhores médicos de Londres. Mas alguém precisa ser chamado; quanto a isso, não há dúvida. Se pensa que vou ficar aqui vendo-o morrer, sem cuidar de você ou trazer alguém que o faça, engana-se redondamente.

Acredito em suas boas intenções, Watson — disse o enfermo, entre um soluço e um gemido. — Quer que lhe demonstre sua ignorância? O que sabe você, por exemplo, a respeito da febre de Tapanuli? Que noções tem da putrefação negra de Formosa?

—Nunca ouvi falar nelas.

—Existem muitas doenças desconhecidas, e ignoram-se muitos problemas patológicos com relação ao Oriente, Watson.

Interrompia-se a cada frase, a fim de recobrar as poucas forças que lhe restavam.

—Aprendi tudo no decurso de recentes pesquisas de caráter médico-legal. Contraí esta infecção quando me encontrava empenhado nelas. Você não poderá fazer nada.

—Talvez não; mas sei que o Dr. Ainstree, a maior autoridade viva em doenças tropicais, está atualmente em Londres. Qualquer objeção de sua parte será inútil, Holmes. Vou buscá-lo imediatamente — retorqui-lhe, dirigindo-me, resolutamente, para a porta.

Jamais experimentei tamanho choque. Num abrir e fechar de olhos, o moribundo, com um salto tigrino, tinha-me interceptado o caminho. Ouvi o estalido de uma chave girando na fechadura. Um momento depois, ele tinha regressado cambaleante à cama, exausto e arquejante, após tão violento desperdício de energia.

—Não me tirará esta chave nem à força, Watson. Tenho-o em meu poder, caro amigo, e aqui ficará até eu resolver o contrário. No entanto, compreendo sua atitude para comigo. — Tudo isso foi dito aos arrancos, entre esforços terríveis para tomar fôlego, — Sei que deseja unicamente meu bem. Percebo-o com clareza. Poderá fazer o que quiser depois; antes, porém, dê-me tempo para recuperar as forças. Agora não, Watson, agora não. São quatro horas. Às seis poderá ir.

—Mas isso é uma loucura, Holmes.

—Somente duas horas, Watson. Prometo deixá-lo partir às seis. Quer esperar?

—Parece não haver outra alternativa.

—Nenhuma outra, Watson. Obrigado, não precisa me ajudar a arranjar as cobertas.

—Por favor, mantenha-se à distância. E agora, devo impor-lhe outra condição. Você procurará auxílio, não o do homem a que se referiu, mas do que eu escolher.

—Perfeitamente.

—É a primeira palavra sensata que pronuncia desde sua entrada neste quarto, Watson. Há alguns livros naquela estante. Sinto-me um pouco esgotado. Será esta a sensação de uma bateria ao verter eletricidade num mau condutor? Às seis retomaremos nossa conversação.

Isso, porém, devia suceder muito antes da hora aprazada, e em circunstâncias que me causaram uma emoção quase tão grande como a motivada pelo pulo em direção à porta. Permaneci alguns minutos olhando para aquele vulto silencioso estirado sobre a cama. Tinha o rosto quase oculto pelas cobertas e parecia dormir. Incapaz de me sentar para ler, pus-me a vaguear lentamente pelo quarto, examinando os retratos de criminosos célebres com os quais as paredes estavam guarnecidas. Afinal, em meu deambular sem destino, cheguei diante do consolo da lareira. Sobre ele viam-se, espalhados em desordem, cachimbos, bolsas de tabaco, seringas, canivetes, cartuchos de revólver e diversos outros objetos. Entre estes, uma caixinha de marfim branco e preto, de tampa móvel. Atraído pela sua beleza, já tinha estendido a mão para examiná-la mais de perto, quando...

Que grito medonho ele soltou... grito que ao certo deveria ter sido ouvido da rua. Fiquei gelado de susto, e meus cabelos se arrepiaram. Voltando-me rapidamente, vislumbrei um rosto convulso e dois olhos alucinados. Permaneci tolhido, com a caixinha na mão.

—Ponha isso aí! Depressa, Watson... já lhe disse!

Voltou a reclinar a cabeça no travesseiro e emitiu um profundo suspiro de alívio, ao ver-me pôr de novo a caixa sobre a prateleira.

—Não gosto que mexam em minhas coisas, Watson. Você bem sabe disso. E pare de me atormentar. Você, médico... é suficiente para levar um paciente ao hospício. Sente-se, homem, e deixe-me repousar em paz!

Esse incidente produziu uma desagradável impressão em meu espírito. A irritação, violenta e infundada, acompanhada de palavras tão rudes, de tal modo diferente de sua habitual gentileza, revelavam-me como era intensa a desorganização de sua mente. De todas as ruínas, a de um cérebro esclarecido é a mais deplorável. Sentei-me numa cadeira, terrivelmente abatido, e esperei que o tempo passasse. Ele devia estar consultando o relógio como eu, pois, mal haviam soado as seis horas, começou a falar com a mesma animação febril.

—Ouça, Watson — disse-me —, tem dinheiro trocado no bolso?

—Tenho.

—Moedas de prata?

—Uma boa quantidade.

—Quantas meias-coroas?

—Cinco.

—Ah! Muito poucas! Muito poucas! Que infelicidade a minha, Watson! Apesar de tudo, é melhor pô-las no bolsinho do colete, e o resto de dinheiro no bolso esquerdo das calças. Obrigado. Isso manterá melhor seu equilíbrio.

Era puro delírio. Estremeceu e deixou escapar novamente dos lábios aquele ruído, misto de tosse e soluço.

—Agora acenda o gás, Watson, mas tenha muito cuidado em não levantar a chama, nem por um instante, acima da metade normal. Peço-lhe para agir com cautela. Obrigado, assim está ótimo. Não, não precisa fechar as cortinas. Faça o favor de colocar algumas cartas e jornais sobre esta mesa, a meu alcance. Obrigado. Agora um pouco daquelas quinquilharias que estão no consolo da lareira. Ótimo, Watson! Encontrará aí uma pinça para cubinhos de açúcar.

“Queira pegar com ela essa caixinha de marfim. Ponha-a aqui entre os jornais. Muito bem! Agora pode ir buscar, no número 13 da Lower Burke Street, o sr. Culverton Smith.”

Para dizer a verdade, meu desejo de chamar um médico diminuía, pois meu amigo estava num estado visível de delírio, e me parecia perigoso abandoná-lo naquele instante. Todavia, mostrava-se agora ansioso por consultar a pessoa indicada, sem embargo de sua relutância anterior. Nunca ouvi tal nome — respondi.

—É provável, meu bom Watson. Talvez fique surpreendido ao saber que a pessoa mais versada nesta moléstia, no mundo, não é um médico, mas um lavrador. O Sr. Culverton Smith é um ilustre fazendeiro de Sumatra, atualmente de visita a Londres. Um surto epidêmico da doença em sua propriedade, distante de qualquer auxílio médico, forçou-o a estudá-la por conta própria, com resultados notáveis. Como é criatura muito metódica, não queria que você fosse procurá-lo antes das seis, pois tinha a certeza de que não o encontraria em casa. Se conseguir convencê-lo a vir aqui e conceder-nos o benefício de sua experiência, única no campo desta doença, cujo estudo tem sido seu passatempo favorito, estou certo de que ele poderá curar-me.

Reproduzi as palavras de Holmes como se tivessem sido pronunciadas consecutivamente, sem explicar que eram interrompidas por súbitas faltas de ar e pelo contínuo contrair das mãos, que indicavam o sofrimento pelo qual estava passando. Naquelas poucas horas, seu aspecto piorara bastante. A vermelhidão do rosto era ainda mais pronunciada, os olhos luziam com maior brilho na concavidade das órbitas escuras, e um suor gélido cobria-lhe a fronte. Ainda conservava, contudo, o tom imperioso da voz que havia de acompanhá-lo até o último alento.

—Conte-lhe exatamente como me deixou — disse.

—Transmita-lhe com fidelidade a impressão produzida por mim em seu espírito... a de um moribundo... um moribundo delirante. Francamente, não consigo compreender por que razão todo o leito do oceano não se tornou uma única massa compacta de ostras, tão prolíferas me parecem essas criaturas. Oh! Estou divagando. É estranho como o cérebro controla o cérebro. Que dizia eu, Watson?

—Dava-me instruções para falar com o Sr. Culverton Smith.

—Ah! Sim; lembro-me agora. Minha vida depende disso. Insista com ele. Não estamos em muito boas relações. O sobrinho dele... eu suspeitava de algo criminoso e contei-lhe isso. O rapaz morreu em condições horríveis. Ele nutre certo rancor por mim. Procure abrandá-lo, Watson. Sei que não falhará, pois jamais me desiludiu. Existem, sem dúvida, inimigos naturais que limitam o aumento desses moluscos. Você e eu, Watson, fizemos nossa obrigação. Será, então, o universo submerso pelas ostras? Não, não; seria monstruoso! Você transmitirá fielmente a impressão que produzi em seu espírito.

—Deixei-o com a dolorosa impressão daquele esplêndido cérebro proferindo disparates como uma criança. Tinha-me entregado a chave, e apressei-me a guardá-la comigo, receoso de que ele se trancasse por dentro. A Sra. Hudson esperava no corredor, trêmula e chorosa. Ao descer as escadas, ainda ouvi a voz aguda e penetrante de Holmes a

expandir-se numa canção desconexa. Na rua, enquanto chamava um carro, um homem dirigiu-se a mim através do nevoeiro.

—Como passa o Sr. Holmes, doutor? — indagou.

Era um velho conhecido, o inspetor Morton, da Scotland Yard, vestido à paisana.

—Muito mal — respondi.

Ele fitou-me de maneira tão singular que, se não fosse demasiado perverso, diria ter-lhe obrigado no rosto, à luz tênue do lampião, um lampejo de alegria.

—Ouvi falar nisso — observou.

Entretanto, o carro chegou e nós nos separamos.

A Lower Burke Street era um conjunto de lindas casas residenciais situadas no vago limite entre Notting Hill e Kensington. O carro parou em frente a uma casa que apresentava um aspecto sóbrio e uma delicada imponência, com suas grades de ferro antiquadas, sua porta maciça e seus luzentes ornatos de bronze. Tudo isso condizia com o solene mordomo que surgiu, enquadrado na rósea claridade de uma lâmpada colorida pendente do vestíbulo.

—O Sr.Culverton está, sim, senhor. Dr. Watson? Muito bem. Levar-lhe- ei seu cartão.

Meu humilde nome e meu título não pareceram impressionar o Sr.Culverton Smith. Através da porta entreaberta, ouvi uma voz aguda e petulante:

—Quem é esse sujeito? O que ele quer? Com mil demônios, Staples, quantas vezes já lhe disse que não desejo ser perturbado nas minhas horas de estudo?

Percebi a voz do mordomo, submissa, gaguejando desculpas e explicações.

—Não importa, não posso recebê-lo, Staples. Não admito que meu trabalho seja interrompido desta maneira. Diga-lhe que não estou em casa. Que volte amanhã de manhã, se deseja de fato falar comigo.

—Novamente o mesmo murmúrio respeitoso.

—Está bem, está bem, dê-lhe meu recado. Pode vir amanhã de manhã, se quiser. Meu trabalho não pode ser retardado.

Pensei em Holmes, debatendo-se em seu leito de enfermo e talvez contando inquieto os minutos, na expectativa de que eu pudesse levar-lhe socorro. A ocasião não era para cerimônias. Sua vida dependia de minha presteza de ação. Antes que o mordomo me tivesse transmitido o recado, eu o empurrara para o lado e irrompera na sala.

Com um grito estridente de cólera, um homem levantou-se de uma poltrona, ao pé da lareira. Vi à minha frente um enorme rosto queimado de sol, com uma pele grosseira e untuosa, vasto queixo duplo e olhos cinzentos, sombrios e ameaçadores, fitando-me sob as

espessas sobrelhas grisalhas. O largo crânio estava coberto por um barrete de veludo, posto elegantemente de lado sobre a superfície rosada e lúida. A cabeça era descomunalmente grande, e todavia, baixando o olhar, vi, para minha surpresa, que a figura do homem era pequena e frágil, de ombros e costas torcidos como os de alguém que na infância tivesse sofrido de raquitismo.

—Que história é essa? — bradou em voz estentórea.

—Que significa essa intrusão? Não lhe tinha mandado dizer que só poderia recebê-lo amanhã?

—Sinto muito — respondi —, trata-se, porém, de um assunto inadiável. O Sr. Sherlock Holmes...

A simples menção do nome de meu amigo produziu extraordinário efeito no homenzinho. A expressão de cólera desapareceu-lhe imediatamente do rosto. Sua fisionomia tornou-se tensa e vigilante.

—Vem da parte de Holmes? — indagou.

—Acabo de deixá-lo.

—Que aconteceu? Como está ele?

—Acha-se gravemente enfermo, em estado desesperador. Eis por que vim procurá-lo.

O homem fez sinal para que me sentasse e voltou a acomodar-se na poltrona. Nesse momento vislumbrei-lhe o rosto, refletido no espelho que se encontrava sobre o consolo da lareira. Teria jurado ler nele um sorriso maligno, odioso. Todavia, convenci-me de que fora apenas o efeito de alguma contração nervosa, pois logo em seguida encarou-me com ar de sincera preocupação.

—Lamento-o muito — disse ele. — Conheço o Sr. Holmes apenas através de certos negócios em que estivemos empenhados, mas nutro o máximo respeito por seu talento e caráter. Ele é um curioso do crime, como eu o sou das moléstias. Para ele, o delinquente, para mim, o micróbio. Eis minhas prisões — continuou, indicando-me uma fileira de frascos e tubos que se encontravam sobre uma mesinha. — Nesses meios de cultura cumprem pena alguns dos piores malfeitores do mundo.

—É exatamente por causa de seus conhecimentos especializados que Holmes deseja vê-lo. Ele o tem em alto conceito, e julga ser o senhor o único homem em Londres que pode salvá-lo.

O homenzinho estremeceu, e seu elegante barrete escorregou para o chão.

—Como? — perguntou. — Por que acredita o Sr. Holmes que eu o possa socorrer na contingência em que se encontra?

—Por causa de sua experiência no tocante a doenças tropicais.

—Mas por que ele julga que a moléstia que contraiu é de origem tropical?

—Porque no decurso de certa investigação profissional recente, estive trabalhando nas docas entre marinheiros malaio. O Sr. Culverton Smith sorriu benevolmente e apanhou o barrete do chão.

—Ah? É isso? Vai ver que a coisa não é tão grave como pensa. Há quanto tempo está doente? — indagou.

—Há cerca de três dias.

—Tem sido acometido de delírios?

—De vez em quando.

—Hum! Isso me parece grave. Seria desumano não atender a seu pedido. Não tolero que ninguém me interrompa nas horas de trabalho, Dr. Watson, mas este é, sem dúvida, um caso excepcional. Num minuto estarei pronto para acompanhá-lo.

Lembrei-me de uma recomendação de Holmes.

—Neste momento tenho outro compromisso — repliquei.

—Está bem; irei sozinho. Sei o endereço de Holmes. Pode ficar certo de que estarei lá dentro de meia hora no máximo.

Regressei ao quarto de Holmes com o coração apertado no peito. Por tudo quanto me era dado saber, receava que durante minha ausência tivesse sobrevivido algum acesso fatal; no entanto, para meu grande alívio, ele melhorara sensivelmente durante esse intervalo. Seu aspecto ainda era impressionante, mas já não delirava e podia falar, com voz fraca, é verdade, mas com uma lucidez e uma presença de espírito maiores que de costume.

—Então, Watson, falou com ele?

—Falei; já deve estar a caminho.

—Magnífico, Watson! Magnífico! Você é o melhor dos mensageiros.

—Ele queria vir comigo.

—Isso não seria possível, Watson. Seria preciso impedi-lo a todo custo.

—Ele perguntou o que eu tinha?

—Sim; falei-lhe a respeito dos marinheiros malaio do East End.

—Muito bem! Fez tudo o que um bom amigo poderia fazer. Agora pode desaparecer de cena.

—Mas devo esperar para ouvir a opinião dele, Holmes!

—Está certo; contudo, tenho motivos para supor que sua opinião será mais franca e valiosa se ele se julgar a sós comigo. Há espaço suficiente para se esconder atrás da cabeceira da cama.

—Meu caro Holmes!

—Creio não haver outro remédio, Watson. O quarto não se presta para alguém se esconder, e por isso mesmo não dá margem a suspeitas. Contudo, aí atrás, Watson, ficará bem.

Subitamente, sentou-se na cama, demonstrando uma viva atenção na fisionomia descarnada.

—Ouço o barulho de rodas de carro. Depressa, homem, se me quer bem! E não se mexa, aconteça o que acontecer... aconteça o que acontecer, ouviu? Não fale! Não faça o menor gesto! Limite-se a escutar com toda a atenção.

Num instante, todo aquele inesperado acesso de energia o abandonou como por encanto, e suas palavras dominadoras e autoritárias perderam-se nos murmúrios desconexos e ininteligíveis do delírio.

Do esconderijo para onde eu fora empurrado com tanta pressa, ouvi o soar de passos na escada e, em seguida, o abrir e fechar da porta do quarto. Depois, para minha surpresa, seguiu-se longo silêncio, interrompido apenas pela respiração irregular e ofegante do enfermo. Imaginei que nosso visitante estivesse de pé, ao lado do leito, olhando para a figura sofredora de meu amigo. Finalmente, quebrou-se o estranho silêncio.

—Holmes! — exclamou o recém-chegado, no tom peremptório de quem procura acordar alguém. — Holmes! Não está me ouvindo, Holmes?

Ouviu-se um roçar de panos, como se ele o houvesse sacudido rudemente pelos ombros.

—É o Sr. Smith? — sussurrou Holmes. — Quase não ousava esperar que viesse. O outro riu.

—Nem eu teria imaginado — redarguiu. — No entanto, como vê, estou aqui. Deve estar sentindo remorso, Holmes...

—É muita bondade de sua parte... muita nobreza. Prezo muito o valor de seus conhecimentos especializados.

Nosso visitante deu uma risadinha sarcástica.

—Bem sei. Felizmente, você é o único homem em Londres que tem conhecimento deles. Já sabe o que tem?

—A mesma coisa — respondeu Holmes.

—Ah! Reconhece os sintomas?

—Sem dúvida.

—Ora, isso não me surpreende, Holmes. Não me espantaria se se tratasse da mesma moléstia. Se for esse o caso, os prognósticos são péssimos. O pobre Victor já era um cadáver no quarto dia... rapaz forte e cheio de vida como era. Foi de fato uma coisa extraordinária, como você disse, ele ter contraído, no coração de Londres, essa invulgar doença asiática... doença sobre a qual, além disso, eu tinha feito tão acurados estudos. Singular coincidência, Holmes. Houve grande habilidade de sua parte em notá-la, mas muita falta de caridade em sugerir que, entre esses dois fatos, existia relação de causa e efeito.

—Sabia que o senhor era o culpado.

—Ah! Sabia então? Bem, seja como for, não pôde prová-lo. Mas que história é essa de andar me difamando daquela maneira e depois vir ajoelhar-se diante de mim a pedir auxílio, mal se encontra em dificuldades? Que espécie de brincadeira é essa, hein?

Ouvi a respiração áspera e difícil do enfermo.

—Dê-me um pouco de água — balbuciou.

—Está muito próximo do fim, meu caro, mas não quero que se vá antes de lhe dizer uma palavra. Eis por que lhe dou água. Cuidado, não a entorne! Muito bem. Compreende o que estou dizendo?

Holmes gemeu.

—Faça tudo o que puder por mim. Esqueçamos o passado — murmurou. — Esquecerei tudo o que disse.... Juro-lhe que o farei. Cure-me e esquecerei tudo.

—Esquecerá o quê?

—Ora, a morte de Victor Savage. O senhor acabou por admitir que foi o autor dela. Esquecerei isso.

—Poderá esquecer ou lembrar-se, como melhor lhe aprouver. Não o verei no banco das testemunhas, meu caro Holmes, mas num lugar muito diferente, onde não se diz nada, garanto-lhe. Pouco me importa que saiba como meu sobrinho morreu. Não é nele que estamos falando, mas no senhor.

—Eu sei.

—O sujeito que me procurou... esqueci o nome dele... disse-me que você contraía essa doença quando trabalhava no EastEnd, entre um grupo de marinheiros.

—Não há outra explicação.

—Você se orgulha de sua inteligência, Holmes, não é verdade? Julga-se muito esperto, não é? Pois agora encontrou outro mais esperto ainda. Reflita um instante, meu caro. Não se recorda de outra maneira pela qual pudesse ter apanhado isso?

—Não sei dizer. Minha memória esvaiu-se. Pelo amor de Deus, auxilie-me.

—Pois bem, vou ajudá-lo. Ajudá-lo a compreender o estado em que se encontra, e como chegou a ele. Quero que o saiba antes de morrer.

—Dê-me qualquer coisa que me acalme esta dor!

—Ah! Dói muito, não é? Sim, os Cules costumam berrar ao aproximar-se o fim.

—Suponho que seja uma espécie de cãibra.

—Sim; sinto cãibras.

—Bem; mesmo assim poderá ouvir o que vou lhe dizer. Ouça, então! Não se lembra de nenhum incidente estranho que lhe tivesse acontecido pouco antes de aparecerem os primeiros sintomas?

—Não; não consigo lembrar-me de nada.

—Pense bem.

—Estou muito mal para poder pensar.

—Pois bem, eu o ajudarei. Não chegou nada pelo correio?

—Pelo correio?

—Uma caixinha, por exemplo.

—Estou desfalecendo... vou morrer!

—Escute, Holmes!

Tive a impressão de que ele sacudia o moribundo, e foi a custo que me contive em meu esconderijo.

—Precisa me ouvir. Precisa me ouvir, entendeu? Recorda-se de uma caixinha... uma caixinha de marfim? Chegou na quarta-feira. Você a abriu... lembra-se?

—Sim, eu a abri. Havia dentro uma agulha movida por uma mola forte. Algum jogo...

—Não era jogo, como verá à sua própria custa. Idiota, procurou sua própria ruína. Quem o mandou atravessar-se em meu caminho? Se me tivesse deixado em paz, não lhe teria feito mal algum.

—Lembro-me agora — articulou Holmes com dificuldade. — A agulha! Saiu sangue. Essa caixinha... aí em cima da mesa.

—Exatamente essa, com os diabos! E será melhor que eu a leve comigo. Assim se vai sua última esperança de prova. E agora que já sabe da verdade, Holmes, pode morrer ciente de que eu o matei. Você sabia demasiado a respeito do destino de Victor Savage, e por isso resolvi mandá-lo fazer-lhe companhia. Seu fim está muito próximo. Vou sentar-me aqui para vê-lo morrer.

A voz de Holmes se transformara num sussurro quase inaudível.

—Que quer? — perguntou Smith. — Que aumente a chama do gás? Ah! As sombras já começam a cair, não é? Sim, vou aumentá-la, pois assim poderei vê-lo melhor. Atravessou o quarto, e a luz, de súbito, tornou-se mais viva.

—Mais alguma coisa, meu amigo?

—Um cigarro e fósforos.

Por verdadeiro milagre não gritei de alegria, que foi meu assombro. Holmes falava em sua voz natural, um pouco fraca, talvez, porém a mesma que eu tão bem conhecia. Seguiu-se uma longa pausa, e tive a sensação de que Culverton Smith fitava meu companheiro, imobilizado de espanto.

—Que significa isso? — ouvi-o dizer por fim, em tom seco e rouco.

—O melhor meio de representar com êxito um papel é identificar-se com ele — disse Holmes. — Dou-lhe minha palavra de honra que há três dias não provava nem comida nem bebida, até o momento em que teve a gentileza de me dar aquele copo de água. Entretanto, foi do fumo que senti mais falta! Ah! Cá estão os cigarros!

Ouvi o ruído de um fósforo sendo riscado.

—Assim está muito melhor. Parece-me distinguir os passos de um amigo.

De fato, ouviu-se um rumor de passos do lado de fora; a porta abriu-se e o vulto do inspetor Morton surgiu no limiar.

—Está tudo em ordem, e aí tem seu homem... — disse Holmes. O policial fez os avisos de costume e concluiu:

—O senhor está preso sob a acusação de homicídio de Victor Savage.

—E poderá acrescentar: de tentativa de morte de Sherlock Holmes — observou meu amigo com uma risadinha. — A fim de evitar trabalho a um inválido, o Sr.Culverton Smith teve a bondade de dar nosso sinal convencionado, aumentando a chama do gás. A propósito, o prisioneiro tem uma caixinha no bolso direito do casaco, a qual seria melhor retirar. Obrigado. Se eu fosse o senhor, teria mais cuidado ao pegá-la. Ponha-a aqui. Poderá ser útil no processo.

Houve um rumor súbito de luta, acompanhado de um tilintar de metais e de um grito de dor.

—O senhor quer se machucar? — perguntou o inspetor. — Faça o favor de ficar quieto.

Chegou a meus ouvidos o estalido das algemas que se fechavam.

—Bela armadilha! — gritou a voz aguda e zombeteira de Smith. — Isso o levará à cadeia, Holmes, não a mim. Ele pediu-me que viesse aqui para tratar dele. Compadeci-me dele e vim. Agora, certamente, irá afirmar que eu disse alguma coisa inventada por ele, a fim de corroborar suas suspeitas insensatas. Pode mentir quanto quiser, Holmes. Minha palavra vale o mesmo que a sua.

—Santo Deus! — exclamou Holmes. — Tinha-o esquecido completamente. Meu caro Watson, devo-lhe mil desculpas. E pensar que pude esquecer-me dele! Não tenho necessidade de apresentá-lo ao Sr. Culverton Smith, pois já se encontraram há algumas horas. Há um carro à espera lá embaixo? Eu o acompanharei assim que me vestir, pois talvez minha presença seja necessária no posto policial.

—Jamais senti tanta falta disto — continuou Holmes, enquanto se reconfortava, nos intervalos de sua toalete, com um copo de clarete e alguns biscoitos. — Todavia, como sabe, meus hábitos são irregulares, e esse acontecimento significa muito menos para mim do que para a maioria dos homens. Era-me essencial impressionar a Sra. Hudson, dando a meu estado imaginário uma aparência efetiva de realidade, a fim de que você, por sua vez, o transmitisse a Smith. Não ficou ofendido, não é mesmo, Watson? Deve reconhecer perfeitamente que, entre seus numerosos dotes, não se encontra a dissimulação, e que, se lhe revelasse meu segredo, jamais seria capaz de convencer Smith da urgente necessidade de sua presença aqui, circunstância de vital importância para meu plano. Sabendo de sua natureza vingativa, tinha plena certeza de que viria, a fim de verificar pessoalmente o êxito de sua obra.

—Mas seu aspecto, Holmes... aquele rosto espectral?

—Três dias de jejum absoluto não melhoram a beleza de ninguém, Watson. Quanto ao resto, não há nada que uma boa esponja não possa limpar. Com um pouco de vaselina na testa, beladona nos olhos, carmin nas faces e crostas de cera nos lábios obtêm-se efeitos satisfatórios. A simulação de doenças é assunto a respeito do qual, mais de uma vez, já pensei em escrever uma monografia. E certas divagações ocasionais a propósito de meias-coroas, ostras ou outra coisa qualquer produzem uma aceitável aparência de delírio.

—Mas por que não deixou que eu me aproximasse de você, quando na realidade não havia perigo de infecção?

—Ainda o pergunta, Watson? Imagina que não tenho respeito pelo seu talento médico? Acha que você, com seu astuto raciocínio, se deixaria enganar por um moribundo que, apesar de fraco, não apresenta alteração alguma no pulso ou na temperatura? A três metros de distância, era-me fácil iludi-lo. Se não o conseguisse, quem iria fazer com que meu Smith caísse na armadilha? Não, Watson, eu não tocaria nessa caixinha. Poderá ver, se a observar de lado, o ponto em que a agulha se projeta para fora, como um dente de víbora.

Creio que foi por meio de um estratagema análogo que o pobre Savage, único obstáculo entre esse monstro e uma herança, encontrou a morte. Minha cor-respondência, porém, como sabe, é muito variada, e estou sempre em guarda contra todos os pacotes que me vêm ter às mãos. Compreendi, todavia, que se fingisse que ele obtivera êxito em seu intento poderia talvez obter uma confissão dele. Minha simulação foi realizada com a perícia de um verdadeiro artista. Obrigado, Watson, ajude-me a vestir o casaco. Depois de cumprida nossa missão no posto policial, creio que qualquer coisa nutritiva no Simpson não seria verdadeiramente fora de propósito.

DOYLE, Conan. Sherlock Holmes à beira da morte. In: **Para gostar de ler**.

São Paulo: Ática, 2006.

Anexo E – Conto “O último cuba-libre” de Marcos Rey

O ÚLTIMO CUBA-LIBRE

Marcos Rey

Durante o dia, Adão Flores era um gordo como qualquer outro. Sua atividade e seu charme começavam depois das 22 horas e às vezes até mais tarde. Então era visto levando seus 120 quilos às boates, bistrôs e inferninhos da cidade, profissionalmente, pois não só gostava da noite como também vivia dela. Empresário de modestos espetáculos, era a salvação, a última esperança de cantores, mágicos, humoristas decadentes. Dizia que se dedicava a esses naufragos por puro espírito de solidariedade, pilhéria capaz de comover até os que não tivessem espírito boêmio. Alguns desses artistas haviam tido a sua vez no passado, pouco ou muito prestígio, até serem abandonados pelo público.

Adão não abandonava ninguém, talvez devido à tão propalada bondade dos obesos.

Com o tempo, Adão Flores adquiriu outra profissão, paralela à de empresário da noite, a de detetive particular, mas sem placa na porta e mesmo sem porta, atividade restrita apenas a cenários noturnos e pessoas conhecidas.

Apesar de agir esporadicamente e circunscrito a poucos quarteirões, Adão Flores começou a ganhar certa fama graças a um jornalista, Lauro de Freitas, que começava a fazer dele personagem frequente em sua coluna, aponto de muita gente supor tratar-se de ficção e mais nada.

Adão Flores apareceu no “Yes-Club”, cumprindo seu itinerário habitual. Rara era a noite em que não comparecia ao tradicional estabelecimento da Bianca, onde seus casos tinham grande repercussão, e onde a seu ver se reuniam as mais prestativas ninfetas. Mas nem teve tempo de sentar-se. Uma mulher, nervosíssima, que já o aguardava, aproximou-se dele um tanto ofegante.

— Lembra-se de mim, Adão?

— Estela Lins?! Como vai o malandro do seu marido? Anda sumido!

— É por causa dele que estou aqui. Adão, você pode me acompanhar?

Meu carro está na porta. É um caso grave.

— O que aconteceu?

— Direi tudo no carro.

Júlio Barrios, mexicano, cantor de boleros, fora um dos contratados de Adão que mais lhe deram dinheiro nos quase dez anos que estivera sob contrato. Seu valor era contestado por muitos, mas até esses concordavam que o bigodudo era o mais personalíssimo intérprete de “Perfume de Gardênia”, “Total”, “Hoy” e “Somos”. Quando o público se cansou dele, Flores levou-o às churrascarias, salões da periferia e cidades do interior, etapas do declínio de qualquer cantor. Júlio não se abateu totalmente, pois, enquanto tivesse uma mulher apaixonada a seu lado, podia levar a vida.

Estela dirigia atabalhoadamente um fusca em estado de desmaterialização.

— Disse que Júlio está assustado?

— Disse apavorado.

— Por quê?

— Telefonemas ameaçadores.

— Quem seria a pessoa?

— Ele diz que não sabe.

— Mas você acha que sim.

— Pode ser algum traficante de drogas.

— Ora, Júlio nunca mexeu com isso. Trabalhamos juntos anos a fio e nunca o vi cheirar nada suspeito. Sua obsessão sempre foi outra...

O que o empresário-detetive imaginava era a ameaça de algum marido ou amante ciumento, daí Júlio não revelar nada a Estela, sua terceira ou quarta mulher desde que chegara ao Brasil. Apesar da decadência artística Júlio continuava bem-sucedido nessa modalidade esportiva. Adão conhecera diversas favoritas do sultão mexicano, todas apaixonadas e dispostas a dividir com ele o que faturassem. Aliás, odiava mulheres ociosas e sempre lhes permitia a liberdade de ir e vir – ao trabalho. Assim, Estela era esteticista com boa clientela; Glória, a antecessora, possuía um sebo de livros espíritas; e Marusca, massagista, com técnica própria, cuidava da coluna de uma legião de velhos generosos.

— Júlio sabe que veio me buscar?

— Sabe. Disse que quer tomar um cuba-libre com você, como nos velhos tempos.

— Espero que ele não acredite muito na coluna do Lauro de Freitas. Não sou tão bom detetive assim.

— Estamos chegando.

Estela estacionou o carro diante de um pequeno edifício de três andares.

O casal morava no primeiro, cujas luzes estavam acesas. Passaram por um portão de ferro, atravessaram um pequeno corredor e chegaram à porta do apartamento. A mulher abriu a porta, acendeu a luz e indicou um velho divã ao empresário. Foi se dirigindo ao interior do apartamento, anunciando:

— Adão está aqui, querido!

O empresário-detetive largou todo o seu peso numa mirrada poltrona, que protestou, rangendo. Não conhecia aquele apartamento. Júlio, sempre que mudava de mulher, mudava também de endereço. Glória, por exemplo, fora ao supermercado e ao chegar em casa não o encontrara mais. Marusca não vira mais nem a sombra dele ao voltar do cabeleireiro. Júlio explicava aos amigos que seu coração sensível não suportava despedidas. Alguns o elogiavam por isso.

— Quem é o senhor? – Adão ouviu de repente a voz de Estela, vinda do quarto, em tom de pavor.

— O que faz aqui?

Adão levantou-se: algo de anormal acontecia.

Novamente a voz de Estela, agora num grito:

— Juuuulio!

Adão deu uns passos enquanto Estela aparecia à porta do quarto, tentando dizer alguma coisa. O detetive entrou precipitadamente. A primeira imagem que viu foi Júlio sobre a cama, ensanguentado.

Estela apontou para a janela aberta.

— Ele fugiu!

Adão correu para sala e Estela abriu a porta do apartamento. Os dois precipitaram-se para a rua, ela na frente. Logo adiante havia uma esquina, que o criminoso já devia ter dobrado. Estela segurou Adão pelo braço.

— Vamos socorrer Júlio.

Regressaram ao apartamento. A lâmina toda de uma tesoura comprida estava enterrada nas costas de Júlio. O detetive palpou-lhe o peito. O coração já não batia nem no ritmo lento do bolero.

Enquanto a polícia não chegava, Adão dava uma olhada no quarto.

Estela, em prantos, aguardava a presença do cunhado, um de seus únicos parentes. Flores notou que algumas gavetas de uma cômoda estavam abertas.

O criminoso estivera procurando alguma coisa. No peitoril da janela, um pouco de terra, certamente deixada pelos sapatos do homem que saltara. E sobre o criado-mudo um copo, o último cuba-libre que Júlio não terminara de beber. Sem gelo. Quem tomaria um cuba sem gelo num calor daquele? Foi ao encontro de Estela, na sala, e a achou dobrada sobre o divã.

— Gostaria de conversar com o zelador.

— O prédio não tem zelador, apenas uma faxineira no período da manhã.

— Acha que poderia reconhecer o homem?

— Nunca mais o esquecerei – garantiu Estela. – Era baixo, troncudo e tinha os olhos puxados.

— Já o vira antes?

— Não.

Adão retornou ao quarto, para dar mais uma espiada. Dali a instantes a polícia chegou: um delegado e dois tiras.

— Não mexi em nada – disse Flores. – E cuidado com o peitoril da janela.

Há terra de sapato nele. Foi por onde o criminoso fugiu.

— O senhor o viu?

— Não, mas dona Estela poderá ajudar a fazer o retrato falado dele. Ela o encontrou no quarto de Júlio.

O delegado encarou o detetive.

— Você não é um tal Adão Flores, metido a Sherlock?

— Sou esse tal, mas vim aqui como amigo, chamado por Estela. Júlio tinha recebido uns telefonemas ameaçadores.

Adão deixou os tiras trabalharem e saiu do quarto. O criminoso saltara da janela para um corredor cimentado que rodeava o edifício. Para baixo o santo tinha ajudado, mas subir pela janela teria sido difícil. Certamente ele tocara a campainha e entrara pela porta. Antes,

porém, pisara em algum jardim, como atestava a terra do peitoril. Havia jardim à entrada do edifício?

Um dos tiras apareceu à porta com uma pergunta.

— O senhor deixou uma ponta de cigarro no cinzeiro? Há duas lá, mas só uma é da marca que Júlio fumava.

— Só fumo em reuniões ecológicas. O criminoso deve ter tido tempo para fumar um cigarro. Só pode ter sido ele, pois Estela não fuma.

Adão permaneceu no apartamento até a chegada da Polícia Técnica, quando Estela Lins, no bagaço, foi levada pelo cunhado, que, antes de sair, declarou com todas as letras:

— Júlio bem que mereceu isso. Um vagabundo, um explorador de mulheres!

A polícia não devia perder tempo procurando o assassino.

Já era madrugada quando Flores retornou ao “Yes-Club”. Estava cansado, que ninguém é de ferro. Contou a todos o que sucedera, recebendo em troca uma informação. Júlio Barrios aparecera por lá, naquela semana, muito feliz. Uma gravadora resolvera lançar um elepê com seus maiores sucessos, Recuerdos, no qual depositava muitas esperanças. Planejava inclusive pintar os cabelos para renovar o visual. Estava animadíssimo. No dia seguinte, Adão Flores compareceu à polícia para prestar depoimento. Estela, por sua vez, estava cooperando. O retrato falado do criminoso já estava pronto e sairia em todos os jornais. O delegado, porém, já manifestava uma suspeita.

— Não gostei da cara daquele cunhado. Estela pode até estar tentando protegê-lo.

— Não creio – replicou Adão. – Era apaixonada pelo cantor.

— Mas amores passam – comentou o delegado. – Como certas modas musicais...

Adão Flores foi ao jornal onde trabalhava Lauro de Freitas.

— Quantos quilos você pesa, Lauro?

— Acha que estou engordando?

— Que mal há nisso? Os gordos são belos.

— Setenta quilos.

— Então, venha.

— Onde?

— Você tem o mesmo peso do homem que matou Barrios, segundo

Declaração de Estela na delegacia.

— E isso me torna um suspeito?

— Vamos ao apartamento.

À porta do edifício, Adão identificou-se a um guarda, que vigiava o lugar

Desde o assassinato. Não foi fácil convencê-lo a deixar que o detetive e o jornalista entrassem no apartamento.

— Estamos aqui. E agora, Adão?

— Você vai fazer uma coisa, Lauro: saltar do peitoril da janela para o corredor.

Abriram a janela e o jornalista espiou.

— Altinho. Posso sentar no peitoril?

— Não, suba nele e salte.

— E se o paraquedas não abrir?

— Não salte ainda. Vou para a sala. Aguarde minhas ordens, então salte e corra até a entrada do edifício.

Adão voltou para a sala, deu as instruções e ficou atento. Ouviu o baque dos pés de Lauro no cimento e, em seguida, seus passos rumo ao portão.

Pouco depois, Lauro voltou à sala.

— O que quer mais? Sei plantar bananeira.

— Como atleta amador você não pode ser pago. Mas vou lhe fornecer uma bela história para sua indigna coluna. Não tire os olhos de mim. Agora vamos à gravadora Metrópole.

— Por quê?

— Porque quero pôr na cadeia a pessoa que matou o melhor intérprete de “Perfume de Gardênia”. Quem fez isso é meu inimigo pessoal. Não se apaga assim um parágrafo da História.

Adão e Lauro foram à gravadora, onde o detetive conversou com o diretor- artístico. Sim, Barrios ia gravar mesmo um elepê. Esperavam vendê-lo para uns cem mil saudosistas. E o homem fez mais, forneceu certo endereço que Flores considerou importantíssimo.

Quando os jornais revelaram o assassino de Júlio Barrios, a melhor reportagem certamente foi a de Lauro de Freitas, por dentro de tudo. Adão, claro, ficou muito orgulhoso com a literatura que o amigo deitou sobre ele.

O gordo era um saco de vaidade. Naquele dia saiu cedo à rua para receber os louros. O porteiro do seu hotel de duas estrelas foi o primeiro a cumprimentá-lo com uma reverência. Logo depois gravava uma entrevista para o rádio e uma declaração para a tevê.

Mas o local onde seus casos mais repercutiam era mesmo o “Yes-Club”, sempre ouvidos com degustada atenção por aquela senhora de cabelos prateados e piteira longa, a Bianca, e pelo grupo de frequentadores mais íntimos.

Aí, sim, Adão assumia por inteiro o physique du rôle de detetive internacional.

Na véspera, antes de que os jornais publicassem a solução do enigma, Adão esteve lá para contar tudo em primeira mão.

— Em que momento você começou a puxar o fio da meada? – perguntou a dona da casa.

— Sou um homem do visual, da imagem – disse Flores. – Aquele cuba-libre sem gelo me chamou logo a atenção. Júlio gostava de colocar verdadeiros icebergs nas suas bebidas. Como não havia mais gelo e o copo voltara à temperatura ambiente, deduzi que o crime tinha acontecido há algum tempo.

Uma hora, talvez...

— Não me parece argumento suficiente para levar a conclusões – disse um homem, provavelmente um desses invejosos que estão em toda parte.

— Certamente não foi minha única dedução. Havia aquela tesoura, arma ocasional demais para servir a um criminoso determinado, que fazia ameaças telefônicas.

O mesmo freguês, que se recusava a bater palmas para Adão, voltou a obstar:

— Usar armas da casa é um meio para implicar inocentes. Os romances policiais sempre relatam coisas assim.

— Uma tesoura não oferece segurança – replicou Flores. – A não ser que o criminoso tivesse sido um alfaiate...

Bianca tinha outra pergunta a fazer:

— Houve roubo? As gavetas estavam todas abertas, não?

— Elas não foram simplesmente abertas, algumas estavam vazias. E sabem quem as esvaziara? O próprio Júlio.

— O que havia nessas gavetas? – perguntaram. – Tóxico?

— Roupas, simplesmente roupas. Encontrei-as em uma pequena mala.

Mas me deixem prosseguir. O que consolidou minhas suspeitas foi uma questão de acústica.

— Disse acústica?

— Disse. Aí o nosso Lauro ajudou muito. Seu peso equivale ao do homem visto por Estela. Fui com o Lauro ao apartamento do Júlio e pedi que saltasse da janela e depois corresse até o portão. Eu me plantei na sala, como na noite do crime. E ouvi perfeitamente o baque e depois os passos de seus pés no cimento. Como naquela noite eu não ouvira nada?

— Então você teve a certeza – adiantou-se Bianca.

— Faltavam ainda os motivos. Na gravadora fiquei sabendo que Barrios andava aparecendo na companhia de uma jovem, seu novo amor. E obtive o endereço dela, pois era para ela que telefonavam quando precisavam contatá-lo. Fui procurá-la. Estava muito assustada com tudo, mas acabou se abrindo. Ela e Barrios iam viver juntos. Apenas faltava-lhe fazer a mala.

— E a confissão, veio fácil? – perguntou Bianca, equilibrada em sua piteira.

— Aconteceu na própria polícia onde fora olhar alguns suspeitos na passarela.

Pretexto. O delegado já aceitara meu ponto de vista. Eu próprio lhe contei minha versão: Estela surpreendera Júlio quando jogava roupas na mala para sumir. Espremeu-o. Ele confessou. Ia deixá-la por outra mulher. O amor é algo inesperado e o coração é fraco. Ela não gostou da letra desse bolero. Júlio vivia praticamente à custa dela. Viu a tesoura sobre a mesa. Golpeou-o pelas costas. Depois do choque, pensou em livrar a cara. Havia terra numa floreira.

Levou um pouco para o peitoril da janela. Deixou as gavetas abertas como estavam. E serviu um cuba-libre ao defunto. Antes ou depois, lembrou-se de Adão das Flores. Ele tinha mania de bancar o detetive. Júlio sempre ria disso.

Decidiu ir buscá-lo. Se o encontrasse, a encenação seria perfeita. Quanto à segunda ponta de cigarro, ela mesma esclareceu que a apanhara no “Yes”, enquanto esperava o detetive. Queria que ficasse bem claro que outra pessoa estivera com Júlio. Enquanto isso o gelo do último cuba-libre derretia, pois o cadáver não podia renová-lo.

— Ela agiu como uma perfeita atriz – comentou Bianca. – E que grande talento!

Adão concordou:

— Apenas participei como ator convidado.

REY, Marcos. “O último cuba-libre”. In: COSTA, Flávio Moreira da. **Crime feito em casa: contos policiais brasileiros**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 2005.